



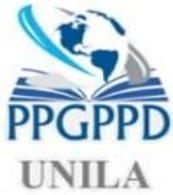
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA)
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
DESENVOLVIMENTO (PPGPPD)

ÊXODO RURAL DE JOVENS NO MUNICÍPIO DE SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU
(PARANÁ): CAUSAS DA EVASÃO

LEONARDO JOÃO MARSARO

DISSERTAÇÃO

Foz do Iguaçu
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA (UNILA)
INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
DESENVOLVIMENTO (PPGPPD)

ÊXODO RURAL DE JOVENS NO MUNICÍPIO DE SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU
(PARANÁ): CAUSAS DA EVASÃO

LEONARDO JOÃO MARSARO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior

Foz do Iguaçu
2023

LEONARDO JOÃO MARSARO

**ÊXODO RURAL DE JOVENS NO MUNICÍPIO DE SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU
(PARANÁ): CAUSAS DA EVASÃO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre/Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior
UNILA

Prof. Dr. Dirceu Basso
UNILA

Prof. Dra. Alessandra Troian
UNIPAMPA

Foz do Iguaçu, 25 de agosto de 2023.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

M363

Marsaro, Leonardo João.

Êxodo rural de jovens no município de Serranópolis do Iguaçu (Paraná): causas da evasão / Leonardo João Marsaro. - Foz do Iguaçu, 2023.

106 f.: il., color.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-americano de Economia, Sociedade e Política, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento. Foz do Iguaçu - PR, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior.

1. Migração campo-cidade. 2. Juventude Rural. 3. Serranópolis do Iguaçu. I. Wesz Junior, Prof. Dr. Valdemar João. II. Título.

CDU 314.15-053.6(816.2)

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que desempenharam um papel fundamental na realização desta dissertação. Em particular, gostaria de expressar minha profunda gratidão ao meu estimado orientador, Prof. Dr. Valdemar João Wesz Junior. Sua orientação, conhecimento especializado e apoio inabalável foram indispensáveis para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

Desejo também expressar minha sincera gratidão aos membros da banca examinadora, o Prof. Dr. Dirceu Basso e a Prof. Dra. Alessandra Troian, cuja participação ativa e rigorosa avaliação contribuíram significativamente para a qualidade desta pesquisa. Suas valiosas contribuições e sugestões enriqueceram enormemente os resultados e o rigor científico desta dissertação.

Não posso deixar de mencionar os jovens que generosamente se dispuseram a participar desta pesquisa. Seus *insights*, perspectivas e colaboração foram essenciais para a obtenção de resultados significativos e relevantes. Sua participação e dedicação são profundamente apreciadas.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão aos meus pais, cujo apoio incansável, encorajamento constante e crença em meu potencial foram pilares fundamentais ao longo dessa jornada. Sua dedicação inabalável e amor incondicional constituem alicerces sólidos sobre os quais esta dissertação foi construída.

Além disso, gostaria de estender meus agradecimentos a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa. Seja por meio de discussões enriquecedoras, sugestões valiosas ou palavras de incentivo, cada contribuição foi inestimável e desempenhou um papel importante em minha jornada acadêmica.

Também é imperativo expressar minha profunda gratidão à Universidade Federal da Integração Latino-Americana por fornecer um ambiente acadêmico propício à pesquisa e ao aprendizado. Agradeço a todos os professores, funcionários e colegas que cruzaram meu caminho durante este percurso acadêmico, pois cada interação e troca de conhecimento contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Por fim, desejo expressar minha sincera gratidão a Deus. Sua orientação, força e bênçãos foram constantes ao longo de toda esta jornada acadêmica. Reconheço sua mão

protetora e seu constante amparo, que me concederam sabedoria, perseverança e discernimento durante os desafios enfrentados.

*Comece antes de estar pronto. Não se prepare, comece.
(Mel Robbins)*

RESUMO

O êxodo rural corresponde ao processo de migração, em grande escala, de pessoas do meio rural para o meio urbano, o qual tem ocorrido no Brasil ao longo das últimas cinco décadas. Os jovens são um dos principais grupos que tem deixado a atividade agrícola e o espaço rural em busca de alternativas nas cidades. O local desta pesquisa é Serranópolis do Iguaçu/PR, um município cuja economia gira em torno da agropecuária, formada por famílias que vivem no campo em pequenas glebas de terra, e que tem presenciado uma crescente evasão de jovens rurais. Frente a isso, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as causas da evasão de jovens do meio rural no município de Serranópolis do Iguaçu/PR. A pesquisa se desmembra em três objetivos específicos: i) identificar características dos jovens e os fatores de atração para o espaço urbano; ii) descrever como as relações de gênero influenciam o êxodo rural; iii) identificar as perspectivas de retorno ao campo dos jovens rurais que migraram para as áreas urbanas nos anos mais recentes. Para alcançar esses objetivos, foram realizadas pesquisas bibliográficas, análise de dados secundários e pesquisa qualitativa por meio de questionários aplicados a 32 jovens que deixaram a área rural de Serranópolis entre 2010 e 2022. Os resultados mostraram que a falta de remuneração e de poder de decisão, bem como a busca por estudo e trabalho mais acessíveis e seguros, foram os principais fatores que impulsionaram o êxodo rural entre os jovens pesquisados. Os jovens pesquisados são 87,5% do sexo feminino, com idade entre 24 a 28 anos, 84% destes tem ensino superior completo. Além disso, constatou-se que no município há uma valorização social maior dos homens, o que estimula as jovens a migrarem em busca de melhores oportunidades e igualdade de gênero nas áreas urbanas. Quanto às perspectivas de retorno, observou-se que muitos jovens desejam voltar ao meio rural desde que tenham a propriedade da terra e disponham de autonomia para exercer o controle e tomar suas próprias decisões em relação à atividade agropecuária.

Palavras-chave: Migração campo-cidade. Juventude Rural. Serranópolis do Iguaçu.

RESUMEN

El éxodo rural corresponde al proceso migratorio a gran escala de personas de las zonas rurales a las urbanas, ocurrido en Brasil durante las últimas cinco décadas. Los jóvenes son uno de los principales grupos que han abandonado las actividades agrícolas y las zonas rurales en busca de alternativas en las ciudades. La localización de esta investigación es Serranópolis do Iguaçu/PR, municipio cuya economía gira en torno a la agricultura, formada por familias que viven en el campo en pequeñas parcelas de tierra, y que ha visto una creciente evasión de los jóvenes rurales. Ante esto, el objetivo general de esta investigación fue analizar las causas de la evasión entre jóvenes de zonas rurales del municipio de Serranópolis do Iguaçu/PR. La investigación se divide en tres objetivos específicos: i) identificar las características de los jóvenes y los factores de atracción al espacio urbano; ii) describir cómo las relaciones de género influyen en el éxodo rural; iii) identificar las perspectivas de retorno al campo de los jóvenes rurales que migraron a las zonas urbanas en los últimos años. Para lograr estos objetivos, se realizó una investigación bibliográfica, análisis de datos secundarios e investigación cualitativa mediante cuestionarios aplicados a 32 jóvenes que abandonaron la zona rural de Serranópolis entre 2010 y 2022. Los resultados mostraron que la falta de remuneración y toma de decisiones El poder, así como la búsqueda de estudios y trabajos más accesibles y seguros, fueron los principales factores que impulsaron el éxodo rural entre los jóvenes encuestados. Los jóvenes encuestados son en un 87,5% mujeres, con edades comprendidas entre 24 y 28 años, de los cuales el 84% tiene estudios superiores completos. Además, se encontró que en el municipio existe una mayor valoración social hacia los hombres, lo que incentiva a las mujeres jóvenes a migrar en busca de mejores oportunidades y equidad de género en las zonas urbanas. En cuanto a las perspectivas de retorno, se observó que muchos jóvenes desean regresar a las zonas rurales siempre que sean propietarios de la tierra y tengan autonomía para ejercer control y tomar sus propias decisiones en relación con las actividades agrícolas.

Palabras clave: Migración campo-ciudad. Juventud Rural. Serranópolis do Iguaçu.

ABSTRACT

The rural exodus corresponds to the large-scale migration process of people from rural areas to urban areas, which has occurred in Brazil over the last five decades. Young people are one of the main groups that have left agricultural activities and rural areas in search of alternatives in cities. The location of this research is Serranópolis do Iguaçu/PR, a municipality whose economy revolves around agriculture, formed by families who live in the countryside on small plots of land, and which has seen an increasing evasion of rural young people. Given this, the general objective of this research was to analyze the causes of evasion among young people from rural areas in the municipality of Serranópolis do Iguaçu/PR. The research is divided into three specific objectives: i) identify characteristics of young people and the factors of attraction to urban space; ii) describe how gender relations influence the rural exodus; iii) identify the prospects for returning to the countryside for rural young people who migrated to urban areas in recent years. To achieve these objectives, bibliographical research, secondary data analysis and qualitative research were carried out using questionnaires applied to 32 young people who left the rural area of Serranópolis between 2010 and 2022. The results showed that the lack of remuneration and decision-making power, as well as the search for more accessible and safe study and work, were the main factors that drove the rural exodus among the young people surveyed. The young people surveyed are 87.5% female, aged between 24 and 28 years old, 84% of whom have completed higher education. Furthermore, it was found that in the municipality there is a greater social appreciation of men, which encourages young women to migrate in search of better opportunities and gender equality in urban areas. Regarding the prospects for returning, it was observed that many young people wish to return to rural areas as long as they own the land and have the autonomy to exercise control and make their own decisions in relation to agricultural activities.

Keywords: Country-city migration. Rural Youth. Serranópolis do Iguaçu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Município de Serranópolis do Iguaçu	45
Figura 2 – Mapa da área urbana do município	46

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Primeiros habitantes de Flor da Serra (1956).....	48
Fotografia 2 – Primeira colheita de trigo no município	51
Fotografia 3 – Escola Municipal Serranópolis do Iguaçu em 2022 – Junho de 2022	56
Fotografia 4 – Colégio Estadual do Campo Presidente Kennedy – Junho de 2022	56
Fotografia 5 – Colégio Estadual do Campo Pedro Américo – Junho de 2022.....	57
Fotografia 6 – Estabelecimento agropecuário de Serranópolis do Iguaçu – novembro de 2021	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da População Rural e Urbana no Brasil	23
Gráfico 2 – População residente, por situação do domicílio - Brasil - 1940/2000	23
Gráfico 3 – Porcentagem da população que vive em área urbana por região (2015).	25
Gráfico 4 – Pirâmides etárias da população brasileira.....	28
Gráfico 5 – Distribuição da população residente em domicílio rural por sexo, segundo os grupos de idade (Brasil-2010).....	29
Gráfico 6 – Pirâmide etária da população rural de Serranópolis do Iguaçu em 2000	54
Gráfico 7 – Pirâmide etária da população rural de Serranópolis do Iguaçu em 2010	55
Gráfico 8 – Escolaridade do produtor em 2017	59
Gráfico 9 – Área colhida em hectares e quantidade produzida em toneladas no município de Serranópolis do Iguaçu em 2020.....	60
Gráfico 10 – Grupos de atividade econômica no município de Serranópolis do Iguaçu	61
Gráfico 11 – Condição legal das terras no município de Serranópolis do Iguaçu	63
Gráfico 12 – Sexo dos jovens	65
Gráfico 13 – Local atual de residência dos jovens.....	66
Gráfico 14 – Escolaridade dos jovens	67
Gráfico 15 – Idade dos jovens	68
Gráfico 16 – Proveniência da renda das famílias que permanecem na área rural	69
Gráfico 17 – Qual a proporção em relação ao gênero de êxodo rural no município de Serranópolis do Iguaçu?	77
Gráfico 18 – A falta de valorização do trabalho feminino no meio rural de Serranópolis do Iguaçu/PR estimula as jovens a migrarem para o espaço urbano?	81
Gráfico 19 – Você tem alguma intenção de voltar a morar no meio rural?	83
Gráfico 20 – Qual fator determinante para você voltar a morar no meio rural?	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Brasil: Índice de urbanização por região (%).	24
Tabela 2 – Autores, conceitos e resultados de pesquisa sobre as causas do êxodo rural de jovens no Brasil.	37-39
Tabela 3 – Pesquisa preliminar sobre as turmas de formandos entre 2012 a 2016 no Colégio Estadual do Campo Presidente Kennedy (Serranópolis do Iguaçu).	42
Tabela 4 – População censitária por sexo e tipo de domicílio (2000 e 2007).....	53
Tabela 5 – População censitária por sexo e tipo de domicílio (2010).....	53
Tabela 6 – Número e área total dos estabelecimentos agropecuários por estratos de área total no município de Serranópolis do Iguaçu – 2006 e 2017	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTN	Código Tributário Nacional
DOE	Diário Oficial do Estado
EMI	Ensino Médio Inovador
HA	Hectare
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRA	Instituto Brasileiro de Reforma Agrária
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbano
ITR	Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
SMECE	Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes
TRE	Tribunal Regional Eleitoral
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 DEFININDO ÊXODO RURAL	17
2.2 ORIGEM E HISTÓRICO DO ÊXODO RURAL NO BRASIL.....	20
2.3 ENVELHECIMENTO E MASCULINIZAÇÃO DO MEIO RURAL	26
2.4 JUVENTUDE RURAL	32
3 METODOLOGIA.....	40
4 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU/PR	44
4.1 PROCESSO DE OCUPAÇÃO E EMANCIPAÇÃO.....	47
4.2 DA EMANCIPAÇÃO AOS DIAS ATUAIS.....	52
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	65
5.1 CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS PESQUISADOS	65
5.2 FATORES DE ATRAÇÃO PARA O ESPAÇO URBANO.....	71
5.3 RELAÇÕES DE GÊNERO E A SUA INFLUÊNCIA NO ÊXODO RURAL	76
5.4 PERSPECTIVAS DOS JOVENS EM RETORNAR PARA O MEIO RURAL	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS JOVENS.....	99

1 INTRODUÇÃO

O êxodo rural, definido como o deslocamento de pessoas do meio rural para o meio urbano, é um movimento que vem ocorrendo desde a antiguidade até os dias atuais (RODRIGUES et al. 2020). No Brasil, os últimos 50 anos testemunharam um declínio dramático na população das áreas rurais, que migraram principalmente em busca de melhores condições de vida. Como resultado, a proporção da população rural em relação à população urbana praticamente se inverteu nos últimos 100 anos: em 1920 a população urbana equivalia a 16% do total, segundo o Recenseamento Geral do mesmo ano, enquanto que atualmente esse percentual equivale a população rural (IBGE, 2022).

Uma análise da evolução do grau da urbanização (ou seja, o percentual da população nas áreas urbanas em relação à população total) entre 1940 e 2009 mostra a crescente valorização do espaço urbano como local de residência no Brasil. A região sul e o estado do Paraná têm como sua principal característica a formação de uma rede urbana bem distribuída em seu território, mas, com nítidas áreas de concentração (ROCHA; BARCHET, 2015).

Portanto, ainda hoje, os jovens continuam deixando a atividade agrícola e o espaço rural em busca de alternativas nas cidades (OLIVEIRA; RABELLO; FELICIANO, 2014). Segundo Zótiis (2011), esse processo é motivado, entre outras razões, pelo pensamento de que o espaço urbano é o mundo das possibilidades, enquanto o campo é uma área mais atrasada, com uma imagem negativa da atividade agrícola, além de envolver questões relacionadas a gênero e o desenrolar dos processos sucessórios. Outros motivos, segundo Spanevello et al. (2017), centram-se principalmente nos laços familiares e na avaliação pessoal de cada jovem sobre o modo de vida rural, dos quais podemos destacar: falta de reconhecimento familiar pelo trabalho realizado pelos jovens na propriedade; falta de recompensa financeira e participação nos lucros; fato de não gostar das atividades rurais devido às dificuldades do ambiente de trabalho, principalmente quando se refere ao frio no inverno e a não ter dias de descanso, pois na atividade agrícola o trabalho é realizado também aos finais de semana; inexistência de espaços de lazer no campo e valorização do modo de vida da cidade; possibilidade de não casar com pessoas do campo, entre outros elementos.

Para as pesquisadoras Breitenbach e Corazza (2021) o processo de sucessão fica comprometido, pois, os pais restringem a participação dos jovens rurais no processo de gestão da propriedade, principalmente na tomada de decisões. Conforme estudos de

Farias, David e Melo (2015), outro fator que leva os jovens a deixar o campo é a invisibilidade dessa classe social, dado que os jovens continuam sendo pouco vistos e atendidos pelas políticas públicas, ou seja, como se não possuíssem demandas de cidadania específicas.

Troian (2014) aponta que as políticas para o desenvolvimento rural no Brasil precisam considerar a participação dos jovens, pois mesmo que a juventude representa um terço da população rural, ainda têm dificuldade de acesso à terra e aos recursos, bem como aos serviços de saúde, educação, cultura e lazer. Esta situação estimula o êxodo da população rural, especialmente da população jovem feminina, causando a descontinuidade na sucessão da agricultura familiar e o envelhecimento da população rural. Por essas razões, os jovens são considerados atores sociais estratégicos na construção de projetos nacionais de desenvolvimento sustentável.

Embora o migração campo-cidade de jovens esteja ocorrendo em distintas localidades, esse processo pode ser percebido de maneira intensa no município paranaense de Serranópolis do Iguaçu. Localizado no Extremo Oeste do Estado, emancipou-se em 1º de janeiro de 1997 e a sua economia depende fundamentalmente da agropecuária, principalmente soja, milho e trigo, que é a sua principal fonte de renda (PREFEITURA MUNICIPAL, 2022), a qual é conduzida por famílias que vivem no campo em pequenas glebas de terra. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, a área média dos estabelecimentos agropecuários no município era de 22,97 hectares, sendo que 83,1% das unidades de produção podem ser classificadas, segundo a legislação vigente, como agricultura familiar. A população estimada é de 4.460 pessoas em 2021, sendo que 50,84% vivem na área urbana e 49,16% rural. A área territorial do município é de 482,4 km², com densidade demográfica em 9,44 hab/km² (para o ano de 2010). Em termos do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, ele alcançou 0,762 para o ano de 2010, que é classificado como alto (IBGE, 2022).

Uma característica importante que temos que observar e que justifica a presente pesquisa é que, segundo dados do IBGE (2022), a população de Serranópolis do Iguaçu no Censo Demográfico de 2010 era de 4.568 pessoas, enquanto que a população estimada para o ano de 2021 é de 4.460 pessoas, ocorrendo aí um declínio de habitantes nos últimos 11 anos. Além disso, segundo dados dos Censos Agropecuários, houve no município uma queda no número de estabelecimentos agropecuário, pois diminuiu de 729 para 712 entre 2006 e 2017. Destes, apenas 9,0% dos estabelecimentos tem na sua direção pessoas com menos de 35 anos em 2017. E, por ser munícipe e filho de

agricultor, percebi que muitos jovens rurais têm buscado oportunidades de emprego na área urbana de outros municípios.

Frente a esta problemática, a questão norteadora desta pesquisa é: Quais são as causas da evasão de jovens das áreas rurais do município de Serranópolis do Iguaçu/PR? Como premissas temos que a razão do êxodo rural de jovens é reflexo das condições sociais e econômicas, já que muitas vezes não obtém uma remuneração justa, não tem a sua própria renda e ficam subordinado a autorizações dos pais (ZOTIS, 2011). Além disso, existe um sistema fortemente patriarcal nas famílias rurais, em que os jovens, sobretudo as mulheres, não tem voz e nem lugar nas decisões, que são realizadas exclusivamente pelo pai, que é tradicionalmente o detentor do poder nas famílias (WEISHEIMER, 2009). Além disso, considerar desafios políticos e culturais, mostra a importância de políticas inclusivas e específicas para o desenvolvimento da juventude rural, considerando as desigualdades de gênero e fatores culturais que permeiam essas comunidades.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar as causas da evasão de jovens do meio rural no município de Serranópolis do Iguaçu/PR¹. Esta pesquisa se desmembra em três objetivos específicos: i) identificar as características dos jovens e os fatores de atração para o espaço urbano; ii) descrever como as relações de gênero influenciam o êxodo rural; iii) identificar as perspectivas de retorno ao campo dos jovens rurais que migrarem para as áreas urbanas nos anos mais recentes.

O estudo se justifica pela relevância social do espaço rural no município de Serranópolis do Iguaçu/PR, sendo indispensável a permanência da juventude no campo para a promoção de processos mais democráticos e participativos, fomentando o desenvolvimento rural sustentável. Ao identificar as causas do êxodo rural, a pesquisa poderá contribuir com ações públicas e particulares que intervenham sobre o tema. Além disso, um estudo aprofundado na região sobre as causas da evasão dos jovens do campo como forma de manter e fortalecer a agricultura familiar é ímpar dada a sua importante contribuição para economia brasileira e a sua indispensável colaboração para a erradicação da fome no mundo (HAMANN, 2017). Outro estímulo para a realização do estudo em Serranópolis do Iguaçu deve-se ao fato de que poucas foram as pesquisas realizadas no município. Assim, quase não se tem registros de sua história, dificultando

¹ Importante destacar que esta pesquisa foi realizada com jovens que já efetuaram o êxodo rural e que tem uma faixa etária que varia de 15 a 29 anos, conforme art. 1º, §1º do Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 (BRASIL, 2013).

aos pesquisadores, estudantes e demais pessoas da comunidade o acesso a fontes de pesquisa sobre os processos históricos e atuais da população serranopolitana (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Além do apresentado, o interesse pessoal em fazer esta pesquisa se dá pela vivência no meio rural em uma propriedade familiar com meus pais, e por notar que a evasão de jovens na região está aumentando. Soma-se a isso o interesse pessoal em explorar o tema da dissertação sobre o município de Serranópolis do Iguaçu, uma vez que estudos dessa natureza são escassos nesta localidade. Desejo aprofundar minha compreensão sobre o assunto e contribuir com uma pesquisa relevante para a realidade local de modo que seja útil para promover transformações futuras que busquem conscientizar e dar importância aos processos sucessórios, visto que esse problema faz parte do meu cotidiano e da vivência enquanto filho de agricultor.

Nesse sentido, o tema abordado nesta pesquisa contribui com as discussões acerca do futuro das famílias que dependem dos jovens para continuar as atividades laborais do dia a dia em sua propriedade, o que influencia os fatores de produção e potencialmente afeta o setor econômico de nossa região, pois a juventude rural é vista como um grupo chave para a reprodução social das famílias no campo e na agricultura.

A dissertação se encontra estruturada em quatro capítulos. O primeiro aborda a fundamentação teórica, apresentando os principais conceitos relacionados à migração, juventude, espaço urbano e rural, envelhecimento e masculinização do meio rural, além da origem e histórico deste fenômeno. O segundo capítulo descreve a metodologia adotada para a realização da pesquisa, apresentando os procedimentos de coleta de dados, a amostra selecionada para a pesquisa e os temas abordados nos questionários. Também as etapas de análise dos dados, com destaque para as técnicas utilizadas na categorização e interpretação das informações coletadas.

O terceiro capítulo trata da caracterização do município de Serranópolis do Iguaçu/PR, fornecendo informações sobre sua localização geográfica, aspectos socioeconômicos, demográficos, estrutura urbana e rural. Por fim, o quarto capítulo apresenta os resultados e discussões da pesquisa. Este capítulo é subdividido em quatro seções, sendo que a primeira aborda as características dos jovens migrantes, a segunda aponta para os fatores de atração para o espaço urbano, a terceira explora as relações de gênero e sua influência no êxodo rural, e a quarta analisa as perspectivas dos jovens em retornar para o meio rural.

Ao analisar esses diferentes aspectos da migração de jovens no meio rural de

Serranópolis do Iguaçu/PR, espera-se contribuir para um maior entendimento dos processos migratórios e seus impactos na dinâmica social e territorial, oferecendo subsídios para uma melhor compreensão dos anseios e desafios enfrentados pelos jovens que já realizaram o êxodo rural no município.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um fenômeno que tem chamado a atenção nas últimas cinco décadas é o despovoamento das populações rurais, ou seja, o êxodo rural (HERMES, 2017). Este capítulo tem como objetivo definir e trazer sua origem e histórico, sendo uma análise de cunho bibliográfico a partir de diversos autores. Também é pertinente abordar nesse capítulo o tema da juventude rural pelo seu papel como agente de mudança e, mais importante, por ser vista como em formação, não possuindo o reconhecimento necessário para que essas transformações aconteçam. Além dessas questões, entende-se que os jovens têm algo a dizer sobre o que é ser jovem no mundo de hoje e as questões específicas que enfrentam (TROIAN, 2014). Por fim, vamos estudar nesse capítulo a masculinização e o envelhecimento populacional do meio rural, pois, conforme a pesquisa de Froehlich et al. (2011), a demografia mudou significativamente nas últimas décadas. Atualmente, a masculinização e o envelhecimento populacional são consideradas características dessa realidade.

2.1 DEFININDO ÊXODO RURAL

Em consulta ao dicionário online, ele traz o significado de êxodo como sendo “Saída espontânea de um povo de um lugar para outro; saída, emigração” ou “Êxodo Rural. Tipo de migração que se configura na saída de populações inteiras da zona rural em direção às grandes cidades, aos centros urbanos”. A palavra êxodo deriva do grego *éxodos*; pelo latim “*éksodos*”, com o sentido de saída. Na Bíblia, o segundo livro que narra a saída do povo hebreu do Egito é o Livro do Êxodo (DICIONÁRIO ONLINE, 2022).

O mesmo dicionário traz a definição de rural como sendo “Referente ao campo; próprio do campo; situado no campo; agrícola, campestre: vida rural, paisagem rural” ou “característica de quem passa a vida no campo ou tira do campo a sua subsistência; agrícola: produtora rural, trabalhador rural” na etimologia (origem da palavra rural). A palavra rural deriva do latim tardio “*ruralis*,e”, que pode significar rural, rústico, campestre (DICIONÁRIO ONLINE, 2022).

Sob o ponto de vista normativo/legal, os autores Rocha e Vargas (2020) trazem que, segundo a Lei 4.504/64 (chamada de “Estatuto da Terra”) e a Lei 8.629/93 (Lei da

Reforma Agrária), o imóvel rural é um prédio rústico de área contínua, independentemente da sua localização, que se destine ou possa se destinar à exploração agrícola, pecuária, extrativa vegetal, florestal ou agroindustrial. O critério utilizado é que a destinação do imóvel, ou seja, a finalidade do imóvel, em detrimento de sua localização geográfica. Entretanto, a Lei nº 5.172/66 (Código Tributário Nacional ou “CTN”) e a Lei nº 9.393/96 (Lei do ITR) consideram a localização (fora e dentro da zona urbana) quando tratam da incidência de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) e de Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR), como fator determinante para a classificação. Para esses critérios, os imóveis localizados em áreas rurais (fora dos limites do perímetro urbano) são classificados como rurais independentemente da finalidade, enquanto os imóveis localizados dentro dos limites da cidade, de acordo com a lei municipal, são classificados como urbanos (ROCHA; VARGAS 2020).

Desta maneira, podemos concluir que a Lei n. 4.504, de 30 de novembro de 1964 (Estatuto da Terra), define o imóvel rural baseado na sua destinação, independentemente de sua localização, mas de maneira contrária, a Lei n. 5.172 de 25 de outubro de 1966 (Código Tributário Nacional), adota o critério da localização para definir se o imóvel é rural ou urbano (VERTHON, 2015). Neste estudo, quando nos referimos ao rural, tratamos da dimensão espacial (área fora do espaço urbano, segundo a definição municipal) e não nos pautamos em critérios setoriais (ainda que a agropecuária seja predominante, não é a única atividade econômica que existe no espaço rural).

Após análise dos conceitos trazidos pelo dicionário de português sobre êxodo e rural, e os aspectos normativos legais no que se refere ao rural, passamos para a análise das definições que pesquisadores que estudam questões de êxodo rural trazem sobre o tema e como eles os conceituam, para assim ter uma visão mais ampla do tema em foco.

Para Rodrigues et al. (2020), o êxodo rural é conceituado como o deslocamento da zona rural para a zona urbana, movimento este que ocorre desde a antiguidade até os dias atuais. Motivada essa migração principalmente pela busca de melhores condições de vida. O êxodo rural é um fenômeno que inclui grande número de agricultores, especialmente pequenos proprietários, e se agrava para aqueles que não possuem terra própria ou que possuem áreas menores, sendo elementos que impulsionam a saída do meio rural em busca de alternativas e condições mais favoráveis.

O êxodo rural, nas palavras de Hamann (2017), nada mais é do que a migração de pessoas do campo para as cidades, possivelmente devido ao aumento de fábricas, empresas e oportunidades de emprego nas cidades, que lhes trazem a perspectiva de

melhores salários, um futuro próspero, menos contato com inseticidas, agrotóxicos e acesso mais fácil a saúde, hospitais, educação, saneamento básico e muito mais, fazendo que todos os fatores acima sejam motivos para querer uma vida melhor. Marginalizados pela falta de motivação para viver uma vida melhor e autônoma no meio rural, a migração majoritária é de jovens. Isso pode prejudicar o país, pois neles reside a continuidade das atividades da agricultura familiar, sendo eles responsáveis pela capacidade produtiva do país e pela preservação da soberania alimentar do Brasil (RODRIGUES et al. 2020).

Para Ricardo Abramovay (2000), o êxodo rural atormentou a consciência da opinião pública brasileira com números assustadores, reforçando de que quase nada resta a fazer: afinal, o esvaziamento do campo é uma questão temporal, sendo que mais cedo ou mais tarde eles se esvaziariam, como prova a experiência dos países desenvolvidos. O próprio estudo dos professores Eliseu Alves, Mauro Lopes e Elísio Contini (1999) conclui que o êxodo rural continua a dominar, enraizado na falta de uma “verdadeira” política agrícola.

O termo êxodo rural é usado, por Silva (2014), para descrever a saída de populações camponesas para as cidades, ou seja, a saída de moradores das áreas rurais para as áreas urbanas. Esse processo migratório ocorre em decorrência da busca por uma melhor qualidade de vida, maior disponibilidade de emprego, acesso a serviços de saúde, serviços de educação, acesso ao saneamento básico no meio urbano e outros fatores que influenciam o abandono das populações rurais que pretendem atingir áreas urbanas (SILVA, 2014).

Já para Pena (2022), o êxodo rural corresponde ao processo de migração em grande escala de pessoas do meio rural para o meio urbano, que geralmente ocorre em um período considerado curto, como décadas. É um elemento diretamente relacionado a diversas dinâmicas socioespaciais, como urbanização, industrialização, concentração fundiária e mecanização rural. Um dos melhores exemplos de como essa questão muitas vezes afeta os processos de produção no espaço pode ser visto quando analisamos o êxodo rural brasileiro, que se deve em grande parte à urbanização acelerada em curso no país, mais por valores repulsivos do que atrativos, ou seja, mais pela saída das pessoas do campo do que pela atratividade social e financeira das cidades brasileiras.

Para Vinholi e Martins (2012), o êxodo rural atinge grande número de agricultores familiares, principalmente aqueles que não são proprietários ou os com pouca área de terra, tornando-os extremamente vulneráveis à permanência em seu local de origem. Assim, o que mais compromete a vitalidade das zonas rurais é o êxodo da sua população,

que se traduz numa perda direta e imediata da vitalidade social, manifestada na saída de grande número de habitantes. Segundo os autores, o êxodo rural está diretamente relacionado à estrutura fundiária dominante no país.

Para Oliveira (2019), na mesma linha dos autores já citados, traz que o êxodo rural é um termo utilizado para categorizar a migração de moradores do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida. Isso aconteceu de forma generalizada no Brasil na segunda metade do século XX, onde muitos imigrantes sofriam de doenças relacionadas à desnutrição. Outro fator que aumenta o êxodo rural em todo o mundo é a automação no campo, isto é, a chegada das máquinas que começaram a ser utilizadas nas atividades agropecuárias fez com que muitos trabalhadores perdessem seus empregos (OLIVEIRA, 2019).

Analisando esse contexto, embora o conceito tradicional sugira uma busca por melhores condições de vida, é imperativo reconhecer que, para muitos, essa mudança pode ser motivada pela realização de projetos de vida de ordem pessoal. Aspectos como autonomia e desenvolvimento pessoal, bem como a busca por significado e satisfação pessoal, emergem como fatores preponderantes na decisão de migrar, mesmo quando a análise econômica possa apontar para possíveis desvantagens financeiras na mudança para o meio urbano, a satisfação pessoal e a realização de metas individuais podem se tornar fatores preponderantes na decisão de migrar.

Nesta seção, portanto, analisamos a definição de êxodo rural por diversos autores a fim de compreender o que eles nos trazem a respeito. Em síntese, a partir dos diferentes estudos, pode-se dizer que o êxodo rural se refere a migração de pessoas do campo para as cidades, sendo um fenômeno em que os moradores do meio rural se deslocam para o meio urbano em busca de melhores condições de vida e de realizações pessoais.

2.2 ORIGEM E HISTÓRICO DO ÊXODO RURAL NO BRASIL

A partir de 1930 a industrialização começou a se intensificar no Brasil e as cidades começaram a crescer em ritmo mais acelerado, atraindo um grande conjunto de trabalhadores rurais (OLIVEIRA, 2019). Esse processo avançou ainda mais na década de 1950, quando a indústria foi implantada conforme o plano de metas desenvolvido por Juscelino Kubitschek (JK). Nesse período, muitas indústrias foram instaladas no país,

aumentando as oportunidades de emprego na cidade. Além disso, a criação de Brasília influenciou a migração de populações do norte e nordeste do país para trabalhar nas obras da cidade (SILVA, 2014).

Na década de 1960, o governo de Juscelino Kubitschek investiu fortemente no desenvolvimento industrial das grandes cidades da região Sudeste, e ocorreu um êxodo rural. Com a abertura da economia ao capital internacional, várias corporações multinacionais, principalmente montadoras, estabeleceram grandes fábricas na cidade, resultando em que muitas pessoas migrassem do campo para a cidade em busca de novas oportunidades de renda nas fábricas, ocasionado, portanto, o êxodo rural (GERVAZIO; BATISTA; CAVALCANTE, 2014). O êxodo rural do Brasil foi mais intenso entre 1960 e 1980, mas se manteve relativamente alto nas décadas seguintes, devido à modernização agrícola e industrialização, que reduziram a necessidade de mão de obra no campo, e perdeu sua força no início dos anos 2000, pois houve uma desaceleração devido a políticas de incentivo à agricultura familiar. Segundo pesquisa publicada pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), nas duas primeiras décadas mencionadas, o êxodo rural contribuiu com quase 20% de toda a urbanização do país (PENA, 2022).

Um dos principais motivos do grande êxodo das populações rurais pelo mundo é a mecanização do campo, ou seja, a chegada de máquinas para realizar trabalhos rurais, como colheitadeiras, arados, tratores, etc., fazendo com que as máquinas comecem a realizar trabalhos que costumavam exigir muitas pessoas, e agora é necessária apenas uma. Ao mesmo tempo, a mecanização do campo levou o desenvolvimento da indústria às cidades, dado que precisam de mão de obra, e esses trabalhadores rurais que antes estavam desempregados tiveram então a oportunidade de reencontrar empregos na indústria (SILVA, 2014).

Entretanto, as cidades começaram a experimentar um crescimento desordenado e desigual devido à oferta de empregos (HAMANN, 2017). Isso porque elas não estavam preparadas para acolher tantas pessoas em um curto espaço de tempo, resultando em moradias inadequadas, serviços de saúde e educação precários, falta de saneamento básico, entre outros problemas sociais, como a própria violência encontrada nas cidades (SILVA, 2014). Para além destes pontos, o desequilíbrio populacional provocado pela evasão do campo afetada uma das instituições mais importantes, nomeadamente a família, que é a base da sociedade (RODRIGUES et al. 2020).

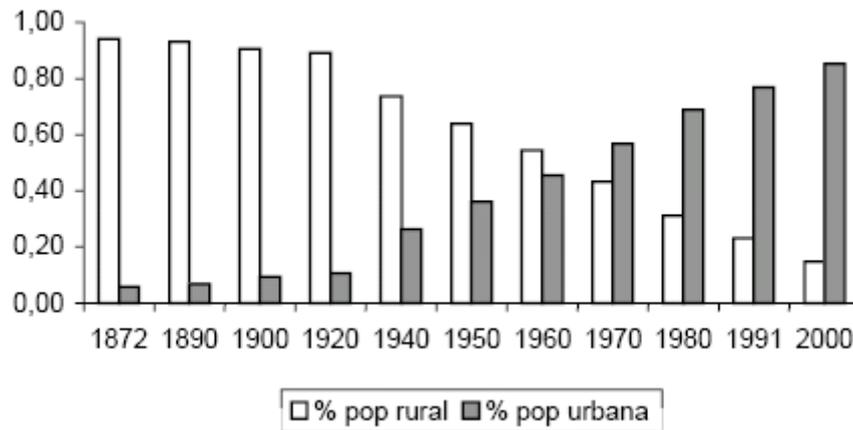
A intensa urbanização ocorrida no Brasil vem acompanhada de um processo de

metropolização, onde uma parcela da vez maior da população se concentra nas principais regiões metropolitanas do país. Esse fenômeno começa quando a indústria se torna o setor mais importante da economia nacional. Entre suas características estão vários aspectos da transição de uma economia agrícola exportadora para uma economia urbana industrial, fato que no Brasil ocorreu apenas no século XX e se acentuou a partir da década de 1950. Considerando o aumento das cidades, há uma necessidade crescente de fornecer alimentos para as famílias que vivem nela, ainda que as taxas de pobreza entre as populações urbanas também foram aumentando, assim como o acesso a alimentos básicos (VINHOLI; MARTINS, 2012).

O incentivo à permanência de pessoas no campo é fundamental para o cultivo de vários alimentos, tendo uma contribuição central para a segurança alimentar do país. Além disso, não se deve esquecer que no passado os brasileiros eram predominantemente rurais, com mais de 70% da população vivendo no campo na primeira metade do século XX. O esvaziamento gradual da população rural significou a perda de muitas tradições, pois as pessoas que as sustentavam migraram e se integraram ao meio urbano, deixando para trás muitas de suas práticas e crenças (FEIJÓ, 2010).

No final do século XX, o país apresentou uma crescente taxa de urbanização, que passou de 74,8% para 81,2% entre 1991 e 2000, confirmando que o Brasil é um país predominantemente urbano. No entanto, nem sempre foi assim ao longo do século, o que significa que a população que vivia principalmente na zona rural passou a residir fundamentalmente na zona urbana, ou seja, nas cidades (FEIJÓ, 2010). No gráfico abaixo observa-se que a composição da população brasileira mudou drasticamente, com as cidades se consolidando como principal espaço de residência: em 1872 elas representavam apenas 5,9% da população, e em 2000, eram 85,2% (Gráfico 1).

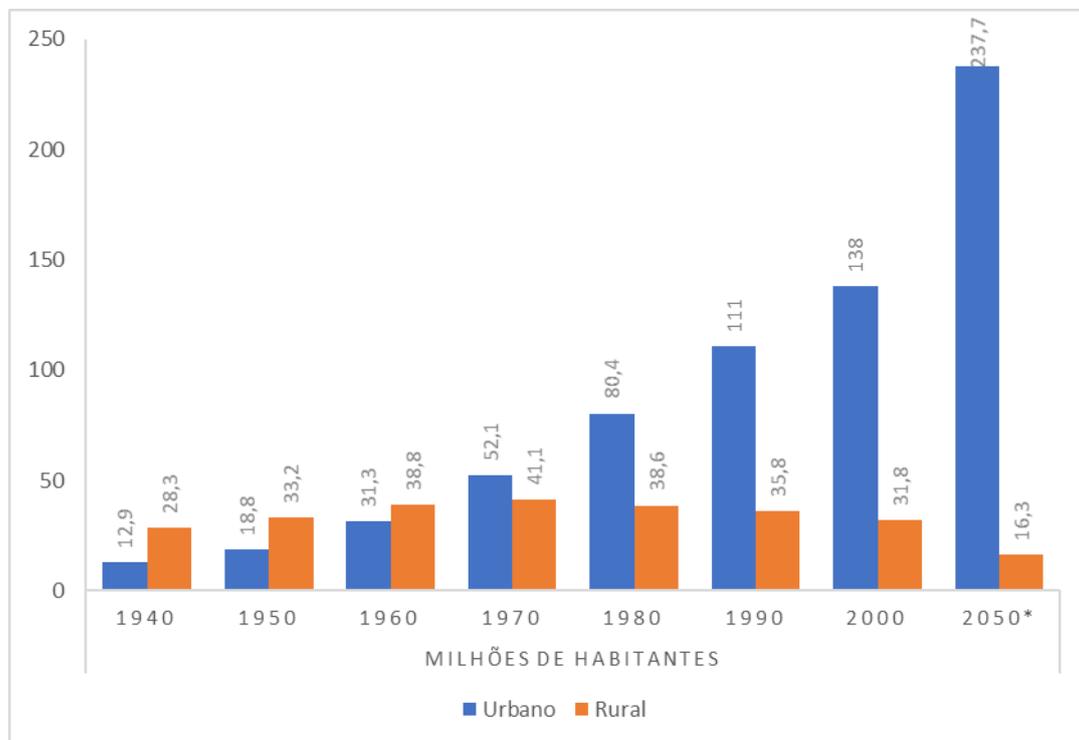
Gráfico 1: Evolução da População Rural e Urbana no Brasil



Fonte: Lima (2005).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a taxa de urbanização do Brasil era de 84,2% em 2005, e segundo algumas projeções, até 2050 a proporção da população brasileira vivendo em centros urbanos saltará para 93,6%. Em termos absolutos, a população urbana nacional chegará a 237,751 milhões até a metade deste século. Por outro lado, entre 2005 e 2050, a população rural diminuirá de 29,462 milhões para 16,335 milhões (MIRANDA, 2013).

Gráfico 2: População residente, por situação do domicílio - Brasil - 1940/2000



Fonte: Miranda (2013). Elaboração própria.

Contudo, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, a velocidade do êxodo rural está diminuindo. Em relação ao Censo de 2000, a taxa anual de migração rural-urbana foi de 1,31%, e caiu para 0,65% em 2010. Esses números levam em conta os percentuais associados a toda a população brasileira e, se considerarmos a relação entre a migração rural e o tamanho da população total que vive no interior do Brasil em termos de número de migrantes, verificamos que entre 2000 e 2010, a taxa de evasão rural foi de 17,6%, muito inferior à década anterior: 25,1%. Na década de 1980, a taxa era de 26,42% e, na década de 1970, era de 30,02%. Como resultado, uma tendência de desaceleração é claramente visível, com um pequeno crescimento no número de habitantes do campo no Centro-Oeste e Norte (PENA, 2022)².

O Brasil sempre foi um país de contrastes, e neste aspecto, também não é exceção que a urbanização está distribuída de forma desigual. Como mostra a tabela abaixo, ela se concentra na região Sudeste, formada pelos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo (MIRANDA, 2013). Por outro lado, em 2000, Norte e Nordeste praticamente igualaram a porcentagem de urbanização em 69.9% e 69,1%, respectivamente, enquanto a região Sul tem um índice de 80,9% e o Centro-Oeste alcançou 86.7% em 2000. Na Tabela 1 observamos com maior clareza estes índices para os anos de 1950,1970 e 2000.

Tabela 1: Brasil: Índice de urbanização por região (%)

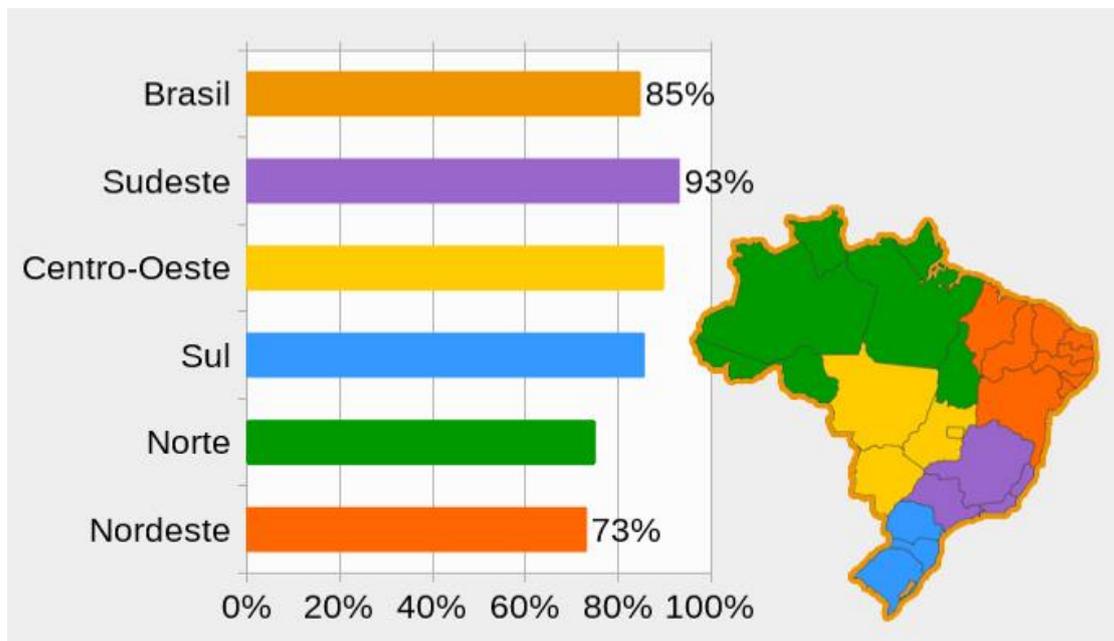
Região	1950	1970	2000
Sudeste	44,5	72,7	90,5
Centro-Oeste	24,4	48	86,7
Sul	29,5	44,3	80,9
Norte	31,5	45,1	69,9
Nordeste	26,4	41,8	69,1
Brasil	36,2	55,9	81,2

Fonte: Miranda (2013). Elaboração própria.

² Embora alguns resultados do Censo Demográfico de 2022 foram divulgados, até o momento (julho de 2023) ainda não se dispõem de informações sobre população rural e urbana.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, a maioria da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas, enquanto 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais. A região com maior proporção é a Sudeste, com 93,14% da população vivendo em áreas urbanas, enquanto a região com maior percentual de habitantes vivendo em áreas rurais é a Nordeste, com 26,88% (IBGE EDUCA, 2022).

Gráfico 3: Porcentagem da população que vive em área urbana por região (2015)



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2015). Elaboração: IBGE Educa (2022).

Embora o êxodo rural tenha persistido em todas as regiões na década de 1990, segundo a contagem da população do IBGE de 1996, a região Nordeste representava 46% de toda a população rural do território brasileiro, enquanto as regiões Sul e Sudeste perderam a maior população rural do Brasil. Embora, nas últimas décadas, o número de pessoas que deixa o campo começou a diminuir, os grupos que saem do meio rural são maioritariamente jovens e mulheres, reforçando a presença de uma população envelhecida e dominada por homens no meio rural (MARQUES, 2014), como aprofundaremos adiante.

Embora os dados podem causar a impressão de que as populações rurais desaparecerão dentro de algumas décadas, segundo Marques (2014), o processo não é determinado de forma linear, de modo que as novas atividades que estão sendo descobertas no campo, como pesquisa, desenvolvimento e tecnologia na agricultura,

essas novas oportunidades podem representar um impulso significativo para as comunidades rurais, permitindo sua adaptação e crescimento em meio às mudanças socioeconômicas e ambientais. Além de manter as pessoas no rural, estas atividades podem gerar um processo inverso de migração da cidade para o campo, que também atraem aqueles que buscam gerar renda aproveitando as potencialidades e oportunidades oferecidas pela terra e pela natureza, principalmente em relação ao lazer rural, como o turismo (MARQUES, 2014).

Vimos nesta seção que o Brasil, que historicamente era predominantemente rural, se urbanizou devido ao êxodo da população, de modo que a grande maioria dos brasileiros atualmente vive nas cidades. Também é importante dizer que esse processo ocorreu de maneira diferente entre as regiões brasileiras e que o êxodo tem se desacelerado nas últimas décadas, em parte derivado do já elevado percentual da população vivendo nas cidades. Na seção seguinte será abordado o tema do envelhecimento e masculinização do meio rural brasileiro.

2.3 ENVELHECIMENTO E MASCULINIZAÇÃO DO MEIO RURAL

No Brasil e em outros países, o meio rural passa por transformações resultantes principalmente do êxodo seletivo, dominado essencialmente por jovens e mulheres, caracterizando o processo de masculinização e envelhecimento populacional no campo. Este processo é um fenômeno mundial e requerem maior (re)conhecimento por parte da sociedade. Nesta seção vamos nos aprofundar sobre esse tema através de diversos autores que abordaram essa questão.

Nesse sentido, é necessário analisar o fenômeno que se repete no Brasil há décadas, dado que a modernização agrícola teve impacto sobre a migração de jovens, principalmente mulheres, produzindo um processo de masculinização do campo. Em função disso, alterou-se a composição das populações rurais em termos de idade e gênero, sobretudo onde a recorrência do patriarcado é mais pronunciada, em que culturalmente se atribui o trabalho no campo e o papel produtivo do trabalho rural ao homem (FERRAZ et al., 2018).

Como visto, a dinâmica demográfica do Brasil rural é caracterizada por uma dramática diminuição da população. No momento, em termos percentuais absolutos, o declínio perdeu sua intensidade, mas ainda está lá e, em algumas áreas, ainda é

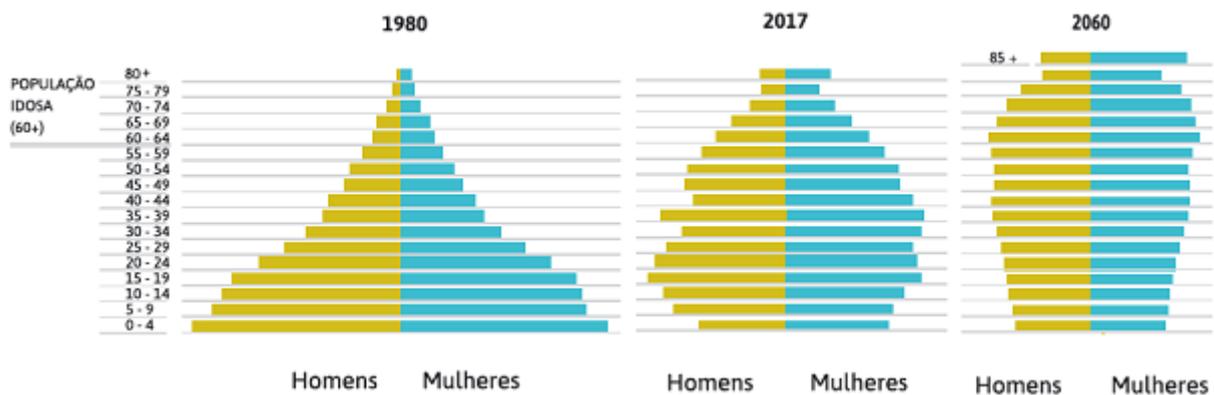
proeminente. Embora o êxodo rural tenha sido mais intenso até a década de 1980, ele também era mais homogêneo em termos de gênero e idade, pois famílias inteiras deixaram a vida rural, ou melhor, foram "eliminadas" nas condições desfavoráveis da modernização agrícola conservadora e do acelerado processo de industrialização do país, que exigia mão de obra barata nos grandes centros urbanos (FROEHLICH et al., 2011).

A predominância de jovens e mulheres no êxodo rural não pode ser vista simplesmente como uma 'lei objetiva' do processo migratório: é necessário examinar o que torna os ambientes rurais menos acolhedores para as meninas do que para os meninos. Isso pressupõe não apenas um estudo das informações bibliográficas e seu cruzamento com os dados secundários, mas também uma pesquisa localizada e qualitativa (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999), que é objeto deste estudo.

A população feminina residente em domicílios rurais apresenta percentual inferior ao da população masculina em todas as grandes regiões na série histórica censitária 1970-2010, em contraste com o perfil urbano no Brasil. Segundo Carneiro et al. (2014), no Brasil o processo de masculinização rural segundo dados do IBGE no Censo Demográfico de 2010, é de que 47% da população rural são mulheres e 53% homens.

Com relação ao envelhecimento no Brasil, o número de idosos (60 anos ou mais) está aumentando. São cidadãos usuários de serviços sociais, de saúde e de proteção cujos direitos precisam ser garantidos. A redução da mortalidade e do número de nascimentos em todas as faixas etárias levaram não apenas ao aumento do número absoluto de idosos, mas também ao aumento da proporção desse grupo na população brasileira (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2022). Segundo informações divulgadas pelo IBGE (2010) e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) de 2017, o aumento da população idosa mudou o formato da pirâmide etária em relação a 1980. Essa mudança será ainda mais acentuada em 2060, cerca de 1/3 da população brasileira conforme o gráfico abaixo é de idosos.

Gráfico 4: Pirâmides etárias da população brasileira

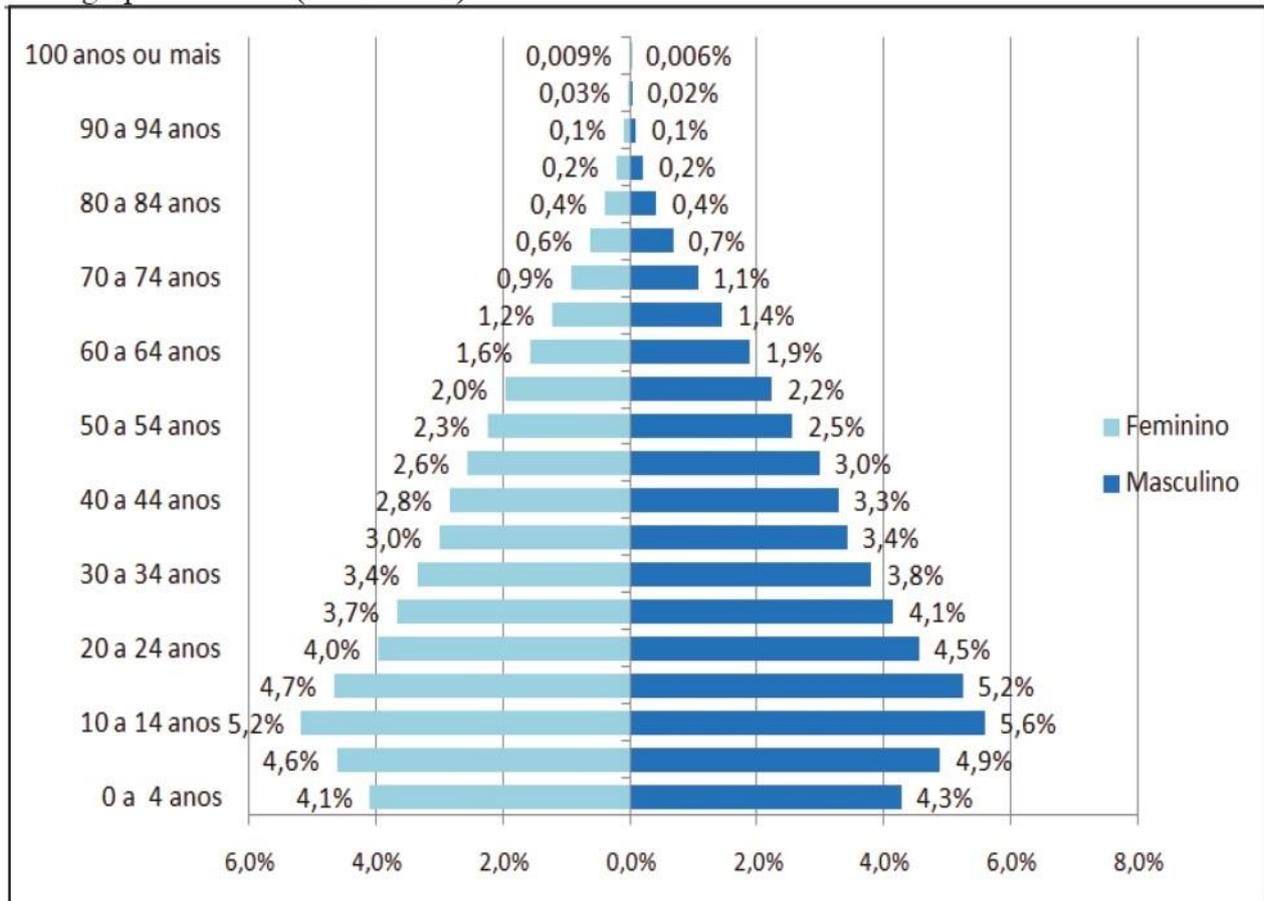


Fonte: Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2017). Elaboração: Ministério da Cidadania (2022).

Com base nos dados do Censo de 2010, o IBGE estima que, nos próximos 10 anos, o número de idosos aumentará, em média, mais de 1 milhão por ano. O aumento dos números superou as previsões do IBGE, pois a PNAD de 2017 mostrou que 14,6% da população brasileira tinha 60 anos ou mais, o equivalente a 30,3 milhões de pessoas (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2022).

Percebe-se claramente que no Brasil, ao analisarmos a distribuição da população residente em domicílio rural por sexo, predomina-se os homens. No Gráfico 5, elaborado por Carneiro et al. (2014), a população masculina com mais de 60 anos responde por 5,28% do total, enquanto que, entre as mulheres, esse valor alcança 5,03%.

Gráfico 5: Distribuição da população residente em domicílio rural por sexo, segundo os grupos de idade (Brasil-2010)



Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010). Elaboração: Carneiro et al. (2014).

No meio rural, devido aos fortes vínculos pais-filhos, assume-se que os homens são geralmente chefes de grupos domésticos e gestores de instituições. Por outro lado, há menor autonomia e menor espaço de decisão dos jovens, principalmente mulheres. Isso, aliado ao fato das atividades educacionais e recreativas serem mais restritas no campo que nas áreas urbanas, tornam-se motivos para que eles decidam deixar o meio rural em busca de novos horizontes pessoais e profissionais (TROIAN, 2014). Na década de 1990, a saída de mulheres do campo para o meio urbano se intensificou em busca de novas oportunidades de formação educacional. À medida que o processo continua, suas consequências são previsíveis, como a masculinização e o envelhecimento no meio rural. E, com a saída dos jovens do campo, a continuidade da agricultura familiar fica comprometida (HERMES, 2017).

Além da tendência da masculinização rural, observa-se o aumento da idade média dos agricultores devido ao êxodo dos jovens rurais, levando ao envelhecimento da população rural. E a incidência de políticas públicas, como a aposentadoria rural, aumentou a probabilidade de idosos permanecerem no campo, muitas vezes sendo os

responsáveis pelas atividades agrícolas da propriedade. Os trabalhadores rurais mais velhos estão engajados nas mais diversas atividades: desde o preparo do solo para o plantio, colheita, transporte e armazenamento de produtos e insumos, controle de pragas nas plantações, aplicação de defensivos e fertilizantes, e muitas atividades específicas ao mesmo tempo, como irrigação, canais de drenagem e manutenção (FERRAZ et al., 2018).

As razões para redução dos membros da família rural incluem o declínio da taxa de fecundidade das mulheres rurais, mudanças na estrutura familiar, redução de famílias nucleares e expansão de famílias compostas por membros individuais ou casais sem filhos, além do êxodo seletivo, no qual saem mais mulheres jovens do que homens (SPANVELLO et al, 2017). Há mais mulheres jovens saindo do meio rural diante da desvalorização das atividades femininas no campo, com destaque à "invisibilidade do seu trabalho", porque culturalmente se entende que elas não trabalham (produzem), apenas "ajudam", sendo um local mais atrativo para os rapazes devido, entre outros fatores, à possibilidade de sucessão na atividade (KUMMER; COLOGNESE, 2013).

As meninas costumam acompanhar suas mães nas atividades, e geralmente vivem em plena obediência e autoridade de gênero nas relações com seus pais ou irmãos do sexo masculino. A sucessão da economia familiar da propriedade rural afeta os filhos homens, gerando uma crise de herança familiar na agricultura familiar, afinal, as mulheres não reivindicam esse lugar, nem são estimuladas a se envolver pelas questões da unidade familiar rural (FARIA; FERREIRA; PAULA, 2019).

A agricultura é considerada um espaço masculino, onde as filhas se dedicam aos afazeres domésticos e passam o resto do tempo estudando, enquanto os filhos trabalham na lavoura. Esses padrões demonstram claramente o preconceito de gênero nas atribuições de papéis sociais de filhos e filhas dentro da unidade de produção. Ressalte que, na visão dos pais, os filhos que permanecem na propriedade não precisam continuar os estudos (SILVA, 2007). Como resultado, as meninas recebem um nível de educação mais alto do que os meninos, preparadas desde cedo pela família para a vida e o matrimônio urbano (FROEHLICH et al., 2011).

Nesse sentido, são várias situações que têm contribuído para o êxodo feminino da juventude rural, como a subordinação das mulheres nas relações familiares, a desvalorização de suas atividades na agricultura familiar, a indivisibilidade do trabalho doméstico e o pouco espaço que lhes é concedido nas atividades agrícolas comerciais, em que atuam apenas como auxiliares. Portanto, podemos observar que no meio rural as mulheres têm menos acesso à autonomia econômica e ao poder de decisão, que acabou

sendo um fator preponderante no seu êxodo, fruto das relações patriarcais e da busca por maior liberdade e autonomia (FARIA; FERREIRA; PAULA, 2019).

Weisheimer (2009) analisou as percepções de jovens e constatou que, em comparação com outras atividades, os jovens rurais, principalmente as meninas, observam a agricultura de forma mais negativa do que positiva. Do lado negativo, destacam-se: ausência de feriados, finais de semana livres e jornada regular de trabalho, atividades agrícolas árduas, duras e difíceis que expõem os trabalhadores ao calor e ao frio e a posições de trabalho pouco confortáveis, rendimentos baixos e irregulares. Entre os impactos negativos das atividades agrícolas citados pelos jovens pesquisados, “as moças tendem a insistir um pouco mais sobre as condições de vida, enquanto que os rapazes enfatizam os aspectos econômicos” (p. 28).

E a cidade ainda é vista como um futuro promissor para uma população majoritariamente jovem que cresceu com as dificuldades encontradas na reprodução socioeconômica das unidades produtivas, bem como oportunidades educacionais com preferências mais urbanas. Segundo Hermes (2017), o fechamento de escolas rurais em todo o Brasil, com o envio de crianças e jovens para escolas na cidade, acelerou o êxodo rural, pois as crianças começam a receber educação totalmente voltada para a vida no meio urbano.

Dados do IBGE referentes ao Censo Demográfico de 2010 mostram que nas áreas urbanas há aproximadamente 6,4 milhões a mais de mulheres do que homens. Nas áreas rurais, os dados se invertem para mostrar que há 1,2 milhão de homens a mais do que mulheres. Por outro lado, os jovens que permanecem nas zonas rurais geralmente têm menor escolaridade, o que pode ter um impacto negativo no desenvolvimento rural (TROIAN; BREITENBACH, 2017).

Um olhar mais detalhado sobre a dinâmica rural permite observar que a saída seletiva dessas populações gera incertezas, com consequências recorrentes como envelhecimento populacional, masculinização e formação de novas famílias. A tomada de decisão dos jovens também está diretamente relacionada à falta de incentivo e estímulo dos pais que não veem mais a agricultura como uma boa escolha para o futuro de seus filhos. A falta de motivação dos pais está em grande parte relacionada a dificuldades de produção, às mudanças climáticas, baixo preço de venda, alto custo de produção, entre outros fatores (HERMES, 2017).

O envelhecimento da população rural como problema social pode ser melhor compreendido quando analisamos áreas onde a agricultura familiar é dominante. Esse

tipo particular de agricultura se reproduz socialmente por meio de três processos: o primeiro é caracterizado pela sucessão (passagem dos negócios dos pais para os filhos sucessores); o segundo ocorre pela herança (passagem do patrimônio entre os sucessores e demais filhos); o terceiro é a retirada dos pais ou aposentadoria. Durante décadas, a manutenção da agricultura familiar foi a substituição permanente dos pais pelos filhos, assumindo a exploração e gestão da propriedade rural, constituindo-se na principal estratégia de reprodução social da agricultura familiar. Como resultado, as crianças herdaram a ocupação, propriedade e responsabilidades de sustentar seus pais na vida adulta. No entanto, atualmente o patrimônio da família está tendo dificuldade em realizar o primeiro processo, ou seja, a sucessão, e a continuidade de muitas dessas propriedades fica ameaçada (SPANLEVELLO et al., 2017).

Em suma, as relações de gênero no campo se baseiam na tradicional divisão do trabalho, entre a roça e a casa, onde os meninos não participam do trabalho doméstico, enquanto a maioria das meninas trabalham intercalando o trabalho doméstico e o trabalho agrícola. Dessa forma, a juventude rural, além de adquirir conhecimentos práticos, internaliza a ética específica da agricultura familiar. De modo geral, ser “jovem e mulher do campo” traduz-se num estatuto de “inferioridade” na hierarquia social, conduzindo assim à invisibilidade das jovens do meio rural na sociedade (FARIA; FERREIRA; PAULA, 2019). Com isso, mulheres jovens têm maior propensão em deixar as áreas rurais em função da sua subordinação nas relações familiares, da desvalorização de suas atividades e do seu trabalho, da reduzida possibilidade de participar das atividades agrícolas comerciais, do limitado acesso à herança (com destaque a terra), da falta de apoio via políticas públicas, entre outros elementos.

Ao olhar diferentes estudos no tema, fica evidente a importância de pesquisas sobre jovens rurais, bem como investigações focadas em compreender as causas desse êxodo rural. São resultados que auxiliam a pensar a sucessão intergeracional da agricultura familiar, questões de gênero, maneiras concretas de manutenção dos pequenos produtores rurais, criando condições mais favoráveis ao desenvolvimento social e econômico das populações rurais.

2.4 JUVENTUDE RURAL

De acordo com Troian (2014), a juventude rural é uma subclasse na sociedade

atual, sendo considerada em estado formativo, intermediária entre a infância e a idade adulta. Nesse sentido, percebe-se que, embora os jovens sejam atores importantes no processo de desenvolvimento rural, eles não recebem a atenção que merecem de seus pais, governantes ou ações de desenvolvimento estabelecidas. A fase de expressão juvenil é marcada por uma série de transformações que produzem mudanças significativas dignas de compreensão.

A juventude é uma categoria social que, com o advento da modernidade, começou a tomar forma e adquirir seu significado atual. Portanto, deve-se notar que as percepções atuais sobre ela são necessariamente determinadas social, cultural e historicamente. Isso significa reconhecer que mesmo que existissem jovens em períodos históricos anteriores, seus significados, características e papéis sociais eram muito diferentes das atribuições recentes (WEISHEIMER, 2009).

Do ponto de vista da prática social, o início da juventude é representado pelo início da puberdade, marcada por novas dimensões físicas e por novas exigências de disciplinamento dos corpos. Essas mudanças biológicas são acompanhadas pela adição de novos papéis sociais que destacam, entre outras coisas, as distinções entre os sexos. Em geral, podemos dizer que a entrada na adolescência é marcada por múltiplos critérios que expressam as transformações vividas nos planos biológico, psicológico, cognitivo, cultural e social (WEISHEIMER, 2009).

Em um estudo recente, Troian e Breitenbach (2017) trazem que as discussões sobre a juventude ganharam respaldo na academia e na política, principalmente nos últimos anos. Considerando a fase da vida em que a pessoa não é criança, mas também não é considerada adulta, a juventude apresenta um momento de transformação do sujeito, caracterizado por uma perspectiva diferente, muitas vezes descrita como um momento impreciso.

Ao mesmo tempo, a palavra juventude é associada a substantivos e adjetivos, como: "vanguarda", "transformadores", "questionadores". Os jovens, por outro lado, também foram descritos como: "em formação", "inexperientes", "comportando-se fora da linha". Esses termos contrastantes mostram que, embora sejam agentes de mudança, os jovens precisam ser formados e tutelados para encontrar e assumir o seu papel social (CASTRO, 2005).

Portanto, a categoria "juventude" parece estar associada a certos substantivos e adjetivos, principalmente como agentes de mudança social, e até ligado ao crime, violência, "comportamento desviante", ou seja, um agente que precisa ser treinado e

direcionado para assumir seu “papel social”, podendo desviar-se desse caminho e, portanto, precisa ser “controlado” (CASTRO, 2005).

Pesquisar a juventude rural é relevante pelo seu papel enquanto agente de mudança e, mais importante, por ser visto como seres em formação que não recebem o reconhecimento necessário para que essa transformação aconteça. Além desses pontos, é importante saber o que os jovens pensam sobre o que significa ser jovem no mundo de hoje e as questões específicas que enfrentam no cotidiano. Pesquisas que reflitam as percepções dos jovens do campo são consideradas pertinentes e necessárias, dando-lhes voz, permitindo que se expressem e demonstrem suas demandas e aspirações, levando em conta a diversidade e as diferenças que existem nos próprios jovens (TROIAN, 2014).

A definição conceitual de jovens/juventude é um dos principais impulsos dos pesquisadores que estudam esses atores, pois não há apenas um conceito, nem mesmo uma única visão de juventude. Estabelecer referências acadêmicas sobre o que os jovens entendem, quem pode ser considerado jovem e os critérios utilizados para identifica-los é fundamental (TROIAN, 2014). Nesse sentido, Oliveira, Rabello e Feliciano (2014) consideraram jovens aqueles que se encontram no estágio do início da adolescência ao início da vida adulta, ou seja, os indivíduos entre as experiências de conflito, ansiedade e descoberta específicas da adolescência e questões relacionadas aos papéis adultos, como trabalho, independência e a constituição de famílias. Seu marco inicial coincide com a conclusão do desenvolvimento cognitivo da criança. Segundo Weisheimer (2009), isso corresponde à capacidade de realizar operações formais, cujo processo de estruturação se completa por volta dos 15 anos, e confere ao indivíduo uma nova capacidade de realizar o pensamento dedutivo abstrato e hipotético típico da operação mental.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é definida como um processo biológico fundamental, incluindo as fases de pré-adolescência (10-14 anos) e adolescência (15-19 anos), e a juventude se inicia nessa faixa etária como uma categoria essencialmente sociológica e indica o processo pelo qual os indivíduos se preparam para assumir um papel adulto na sociedade ao nível familiar e profissional, dos 15 aos 24 anos (WEISHEIMER, 2009).

O acesso ao trabalho continua sendo um elemento central dessa transição, pois por meio dele os jovens começam a ganhar relativa autonomia em relação às suas famílias de origem. No entanto, é preciso lembrar que essa inserção profissional é precária entre eles devido à sua frágil posição social, principalmente pelas relações de

trabalho típicas do atual sistema de acumulação flexível. Esses fatores exacerbam a ambiguidade dos jovens. Além disso, tornou-se mais difícil para os jovens entrar no mercado de trabalho no contexto de relações de trabalho cada vez mais flexíveis e empregos instáveis (WEISHEIMER, 2009).

Com relação às problemáticas do universo jovem, a situação é pior para os jovens rurais, pois as taxas de pobreza rural na América Latina superam em muito as das áreas urbanas. Os jovens rurais começam a trabalhar antes dos urbanos, afetando suas oportunidades educacionais, com maiores taxas de evasão e repetência, e a média de escolaridade é menor. Esta situação tem levado à expulsão constante de jovens para cidades, onde é difícil para eles se integrarem porque têm pouca formação educacional e sua experiência é muito diferente das habilidades exigidas no mercado de trabalho urbano (TROIAN, 2014).

A grande maioria dos trabalhadores migrantes no mundo são jovens que são “empurrados” pela falta de empregos adequados ou oportunidades agrícolas em casa e “puxados” pela esperança de melhores oportunidades em áreas urbanas populares. Não é de surpreender o porquê de tantos jovens rurais migrarem, relutantes em se envolver no trabalho, gestão e participação nos lucros, trabalhando para os pais ou outros parentes mais velhos até que a terra e/ou outros bens para uma subsistência independente estejam disponíveis, afinal: “quem quer esperar até os 40 ou 50 anos para ser agricultor?” (WHITE, 2019, p. 9).

As pesquisas sobre juventude rural são pouco expressivas, pois juventude é uma categoria que não recebe qualificações específicas, conforme já relatamos, classificando-os jovens rurais como estudantes, filhos de agricultores, etc. (TROIAN; BREITENBACH, 2017). Kummer e Colognese (2013) trazem que o jovem do campo não é apenas aquele que vive no campo, mas que o vivencia, que participa de unidade produtiva de caráter familiar, onde ocupa um espaço culturalmente definido. É um assunto relacionado a um modo de ser específico, vinculado à realidade da fusão e confusão do mundo do trabalho e do mundo da vida.

Contudo, atualmente, mesmo nas áreas mais remotas, o acesso a diferentes fontes de informação está promovendo a difusão da cultura jovem, com um processo de “mestiçagem” entre eles. Mônica Aparecida Benevuto (2000), que realizou uma pesquisa de campo para sua dissertação de mestrado, observou que os jovens rurais não tinham “cara nem jeito de roceiros”, ficando surpresa ao descobrir que eles usavam o que era visto como sinais de juventude urbana. Em certo sentido, as classificações binárias, como

urbano ou rural, deixam de perceber conexões, influências e sobreposições entre os grupos. Isso não acaba com as profundas diferenças entre a juventude rural e urbana, ao menos, mas é preciso perceber práticas e valores que expressam elementos de coexistência de um mesmo grupo social que vive em espaços diferentes (WEISHEIMER, 2009).

Entretanto, a imagem da juventude rural é a de uma juventude atraída para a cidade, pelo fascínio da vida moderna. Essa imagem não é nova, abrange décadas de pesquisa, e não se limita ao Brasil, sendo comum nos países em desenvolvimento. Essa visão reforça a ideia de “juventude rural” em oposição à “juventude urbana” cujo sonho principal é se tornar “jovens urbanos” (SILVA, 2007). Dragada do meio rural ao urbano, fascinado pelas facilidades da "vida moderna", a "juventude rural" seria hoje uma categoria social que contribui para o esvaziamento da zona rural, o inchaço de cidades de pequeno e médio porte será a porta de entrada para o fim do mundo rural (CASTRO, 2005).

Em sentido contrário a Castro (2005), Cenci e Víctora (2019) identificaram, nos últimos anos, uma migração inversa: um aumento no número de pessoas que saem das áreas urbanas e se mudam para viver ou trabalhar nas áreas rurais. Embora a população rural tenha diminuído nas décadas de 1990 e 2000, o número de domicílios rurais aumentou ligeiramente no mesmo período. Este retorno ao rural, em alguns casos, se vincula com o fenômeno do neo-ruralismo, que compreende que a vida urbana e industrial é bastante condicionada e impõe um alto grau de controle social sobre o indivíduo. Nesse sentido, o neo-ruralismo não prioriza necessariamente os objetivos econômicos, podendo ser a busca de simplesmente uma prática prazerosa a motivação principal da mudança para o meio rural. Esse fenômeno se origina de uma definição existencial do indivíduo, cuja finalidade é responder muito mais a desejos e aspirações do que a necessidade, não descaracterizando o fenômeno de sua qualidade social. Para Cenci e Víctora (2019), esta forma de 'ir para o campo' pode apontar para novas manifestações de desenvolvimento rural sustentável sob políticas que promovam a integração.

Discutir as realidades da juventude rural de hoje significa olhar mais de perto suas lutas, sonhos e angústias e seu lugar na família. Isso significa considerar os problemas e as possíveis perspectivas desse segmento que se encontra na fronteira entre permanecer no campo ou migrar para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. No entanto, se permanecer no campo significa, em muitos casos, enfrentar a dura realidade da pobreza e da falta de perspectivas, assim como a mudança para as cidades

traz outras consequências graves, como o aumento do desemprego, da pobreza e da violência (SILVA, 2007).

A juventude rural também se configura diante da diversidade e da heterogeneidade, decorrente do fato de que não é apenas “estar” no espaço rural e situar-se numa moldura etária cronológica que configura de modo claro o que “é” um jovem rural ou o que é “ser” um jovem rural. São importantes pesquisas que analisem os estilos de vida, as relações sociais, as condições estruturais, as oportunidades de lazer e as oportunidades de se engajar em atividades agrícolas e não agrícolas de homens e mulheres jovens. Nessa perspectiva, são escassos os estudos buscam compreender “porque os jovens saem do meio rural?” ou olhando, por outro lado, uma questão importantíssima, “porque os jovens permanecem no meio rural?” (KUMMER; COLOGNESE, 2013, p. 203).

Com esses apontamos e discussões, se faz necessário analisarmos as causas que tem levado essa população de jovens rurais a migrarem do campo, sendo diversos os estudos e as pesquisas que abordam este tema na literatura brasileira, conforme vemos na tabela abaixo.

Tabela 2 – As causas do êxodo rural de jovens no Brasil a partir de estudos selecionados

Estudo	Tipo de pesquisa	Local da pesquisa	Principais causas do êxodo rural entre jovens
Zotis (2011)	Trabalho de Conclusão de Curso	Comunidade Rural de São Vitor, Município de Camargo/RS	<ul style="list-style-type: none"> - Busca de oportunidades de estudo, de trabalho e renda - Pouco incentivo na agricultura - Busca de melhores condições de vida - Demanda por trabalhos mais leves - Busca de reconhecimento e realização profissional
Kummer e Colognese (2013)	Artigo	Região sul do Brasil – Revisão de literatura	<ul style="list-style-type: none"> - O desestímulo causado pela falta de acesso a uma renda efetiva entre os jovens, principalmente as moças
Troian (2014)	Tese	Arroio do Tigre/RS	<ul style="list-style-type: none"> - Submissão à vontade das gerações adultas e renúncia das potencialidades - Enfrentamento do conflito familiar, em particular a relação pai-filho - Escolha do êxodo como forma de definir uma opção profissional
Oliveira, Rabello e Feliciano (2014)	Artigo	Assentamento São Bento, Município de Mirante do Paranapanema/SP	<ul style="list-style-type: none"> - A falta de acesso à terra não é o único elemento que contribui para a saída dos jovens do campo - Opção de abandonar o campo como alternativa para obter renda própria

			<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de voz e participação nas decisões familiares e nos lotes - A busca pela autonomia e o rompimento com o patriarcalismo ao sair do lote
Spanevello, et al. (2017)	Artigo	Municípios de Dona Francisca, Pinhal Grande e Esperança do Sul, localizados, respectivamente, nas Regiões Central e Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - A falta de reconhecimento por parte da família sobre o trabalho executado pelo jovem na propriedade - A predominância do controle por parte de um membro, geralmente o pai, que decide sobre a gestão e as decisões dos negócios - A ausência de remuneração financeira e a própria não participação no destino dos recursos - Não gostar das atividades rurais, motivados pela penosidade de algumas atividades - O apreço pelo modo de vida da cidade; - Possibilidades de não casamentos com pessoas do meio rural
Faria, Ferreira e Paula (2019)	Artigo	Distrito de Muquém, Mirabela/MG	<ul style="list-style-type: none"> - Subalternidade da mulher nas relações familiares como herança do patriarcado - Desvalorização das atividades desempenhadas pelas mulheres na agricultura familiar, associada ao trabalho doméstico não remunerado e ao cuidado da família - Indivisibilidade do trabalho doméstico, mesmo quando as mulheres contribuem como força de trabalho agrícola familiar - Restrição de espaço e oportunidades para as moças e jovens nas atividades agrícolas comerciais, onde atuam apenas como auxiliares - Dificuldade de acesso às políticas públicas voltadas para a agricultura familiar por parte das mulheres.
Breitenbach e Corazza (2021)	Artigo	Rio Grande do Sul/Brasil	<ul style="list-style-type: none"> - Expansão dos serviços urbanos como fator para o êxodo seletivo entre a população jovem rural brasileira - Desvalorização do trabalho realizado pelos agricultores como motivo para o êxodo - Falta de autonomia e oportunidades na agricultura que permitam que os jovens trabalhem de forma independente da gestão dos pais - Invisibilidade do trabalho dos jovens como um elemento que contribui para o êxodo seletivo - Escassez de políticas que incluam os

			jovens da agricultura como uma razão para o êxodo seletivo
--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Como se percebe na Tabela 2, entre as principais razões causas do êxodo entre jovens rurais, revela uma variedade de fatores que contribuem para o êxodo rural entre os jovens no Brasil. Essas causas incluem a busca por oportunidades de estudo, trabalho e renda, juntamente com a falta de incentivo na agricultura tradicional. Além disso, muitos jovens buscam melhores condições de vida, trabalhos menos penosos e aspiram a reconhecimento e realização profissional. A falta de acesso à terra não é o único elemento impulsionador da migração, pois a opção de abandonar o campo para obter renda própria também desempenha um papel significativo. As relações familiares muitas vezes desempenham um papel complexo, com conflitos intergeracionais, submissão a decisões dos mais velhos e desvalorização do trabalho dos jovens na propriedade. A influência do patriarcado é evidente, com a subalternidade da mulher, desvalorização das atividades femininas na agricultura e restrição de oportunidades. Além disso, fatores como a expansão dos serviços urbanos, a desvalorização do trabalho agrícola, a falta de autonomia e oportunidades na agricultura, bem como a escassez de políticas inclusivas, também contribuem para o êxodo rural entre os jovens.

Apesar destas pesquisas trazerem resultados contundentes, ainda segue sendo importante estudos atuais sobre o contexto contemporâneo e sobre distintas localidades. Não se pode dizer que a juventude rural de hoje seja semelhante à juventude rural de dez anos atrás devido aos processos de globalização e a tecnologia moderna que transformou a sociedade. No entanto, ser membros ativos de uma sociedade que transforma, moderniza e apresenta novas formas de compreensão do espaço não é suficiente para dizer que trabalhadores e/ou agricultores deixaram de ser trabalhadores e/ou agricultores. Se as características urbanas se misturam com as características rurais, ou vice-versa, este é outro processo que merece maiores análises (FARIA; FERREIRA; PAULA, 2019).

Em suma, segue fazendo sentido estudar os jovens rurais, suas percepções, projetos e perspectivas de futuro, pois este é um grupo que pode contribuir para mudar seu ambiente, realizando ações diretas que podem alterar seu cotidiano, visto que os jovens têm capacidade e desejo de mudança, sendo atores centrais no processo de desenvolvimento rural.

3 METODOLOGIA

A pesquisa busca analisar as causas da evasão de jovens do meio rural no município de Serranópolis do Iguaçu/PR. A abordagem utilizada para a pesquisa foi a qualitativa, em que há o vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, a qual não pode ser traduzida em números, sendo que esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é uma fonte direta de coleta de dados, e os pesquisadores são uma ferramenta fundamental. Tais estudos são descritivos e os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são o foco principal do método (PRODANOV; FREITAS, 2013). A pesquisa qualitativa se faz necessária para compreender explicita e reflexivamente os valores e as questões que envolve, por exemplo, gênero, cultura e status socioeconômico, que podem moldar as interpretações a respeito desses jovens durante o estudo. Para Gil (2002), o estudo de campo é fundamental, pois:

[...] apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis. (GIL, 2002 p.53).

Nesta pesquisa foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: pesquisa bibliográfica, análise de dados secundários e pesquisa de campo por meio de questionários com os sujeitos objetivo desta pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica abrange o que já foi publicado em relação ao tema de estudo em monografias, dissertações, teses, revistas, livros, jornais, entre outros, com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. Já a análise de dados secundários consiste na sistematização de informações estatísticas coletadas, sendo que neste trabalho foram utilizados dados oficiais de várias fontes, com destaque ao banco de dados do IBGE, sobretudo os Censos Demográficos e Agropecuários. Essas fontes de pesquisa forneceram dados relevantes sobre o contexto social, econômico e demográfico do município de Serranópolis do Iguaçu, auxiliando na compreensão mais ampla do fenômeno da evasão de jovens do meio rural.

Neste trabalho os alvos de pesquisa são os jovens que já realizaram o êxodo rural.

Para tanto, consideram-se jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos, conforme art. 1º, § 1º do Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 (BRASIL, 2013). No tema do êxodo rural, Hamann (2017) afirma este processo se refere à migração de pessoas do campo para as cidades, do rural para o urbano, conforme amplamente detalhado no primeiro capítulo desta dissertação. E, dada a intenção de compreender movimentos mais recentes do êxodo rural, os jovens foram selecionados utilizando a lista de formandos no ensino médio do município entre os anos de 2012 a 2016, visto que não há uma base de dados com essas informações em Serranópolis do Iguaçu. A definição deste período temporal ocorre porque aqueles jovens que começaram um curso em ensino superior logo após o ensino médio, e que podem ter ido para a cidade em função disso, muito provavelmente já concluíram tais estudos (evitando entrevistar jovens que deixaram o campo temporariamente em função dos estudos).

Em Serranópolis do Iguaçu existe apenas dois colégios estaduais, um localizado no bairro de Flor da Serra e um localizado no Bairro de Jardinópolis. E, para captar a intensidade recente do êxodo rural em Serranópolis do Iguaçu e a identificação de possíveis entrevistados, foi realizado um levantamento preliminar com as turmas formadas de 2012 a 2016 do Colégio Estadual do Campo Presidente Kennedy, localizado no bairro de Flor da Serra. A escolha deste colégio ocorreu porque foi onde o autor desta dissertação fez todo o ensino fundamental e médio, já conhecendo parte dos servidores e alguns dos formandos.

Buscando mapear a situação dos formados entre 2012 a 2016, contactou-se alguns servidores do Colégio para realizar uma pesquisa preliminar. Conforme a Tabela 6, nos 5 anos apurados, 124 alunos se formaram, sendo que 52 eram originalmente do espaço urbano e 72 da área rural. Entretanto, entre estes últimos, 50% realizaram o êxodo após a conclusão do ensino médio e hoje vivem e trabalham na cidade. Se no ano da formatura 41,9% eram urbanos, hoje esse dado é de 71,0%, indicando um êxodo rural expressivo. Outro detalhe importante é que dos 36 jovens que realizaram o êxodo rural após a conclusão do ensino médio, apenas 5 são do sexo masculino e o restante, ou seja, 31 jovens são do sexo feminino.

Tabela 3: Pesquisa preliminar sobre as turmas de formandos entre 2012 a 2016 no Colégio Estadual do Campo Presidente Kennedy (Serranópolis do Iguaçu)

Turma	Total de	Local de residência no ano da formatura	Entre os jovens rurais formados
-------	----------	---	---------------------------------

	alunos	Zona urbana	Zona rural	Permanecem no rural em 2022	Migraram para o meio urbano
2012	33	13	20	5	15
2013	22	6	16	8	8
2014	17	10	7	4	3
2015	24	11	13	8	5
2016	28	12	16	11	5
Total	124	52	72	36	36

Fonte: Elaboração própria.

A partir destes dados, foram convidados a participar da pesquisa todos os jovens levantados na pesquisa preliminar, ou seja, 36 jovens que migraram da área rural para o espaço urbano. Os jovens foram convidados a participar através de convites enviados pelo autor, que entrou em contato por meio das redes sociais Facebook, WhatsApp e Instagram, entre os meses de novembro de 2022 a janeiro de 2023. Dos 36 jovens, 32 aceitaram participar da pesquisa, 88,9% do total, um número bem expressivo e que contribuiu substantivamente para alcançar os objetivos desta pesquisa.

A pesquisa foi conduzida por meio de um questionário online criado no Google Forms, que abordou em profundidade o tema desta pesquisa a partir de 47 questões (Apêndice A). O roteiro do questionário foi formulado a partir da revisão de literatura. Este instrumento foi projetado para coletar dados relevantes e responder às perguntas de pesquisa. O autor incluiu uma combinação de perguntas abertas e fechadas para permitir tanto respostas quantitativas como qualitativas. As perguntas foram organizadas de forma lógica e coerente, abordando os principais tópicos de interesse. E, antes de divulgar o questionário para o público-alvo, foi realizado um pré-teste com dois jovens para validar a clareza das perguntas, a sua ordem, a adequabilidade das alternativas, entre outras questões. Passada esta etapa, os jovens foram convidados a acessar o link do questionário fornecido pelo autor nas mensagens enviadas pelas redes sociais. Ao clicarem no link, os participantes foram direcionados para o questionário online no Google Forms. Eles tiveram a oportunidade de responder às perguntas do questionário de forma voluntária, sendo garantida pelo autor a confidencialidade dos dados coletados. Também se esclareceu que as informações seriam utilizadas apenas para fins acadêmicos.

Vale pontuar que, em caso de dúvida ou da necessidade de maior profundidade em determinado tema com algum jovem específico, estava planejada uma entrevista para complementar as informações do questionário. Entretanto, o questionário online atendeu de maneira substantiva os objetivos, não sendo necessária a entrevista posterior.

Após o encerramento do período de coleta de dados, o autor procedeu com a análise dos dados obtidos. As respostas dos participantes foram compiladas e organizadas de acordo com os diferentes temas e tópicos abordados no questionário. Os dados quantitativos foram analisados utilizando técnicas estatísticas descritivas. Feito isso, a técnica utilizada para a análise de dados qualitativos, foi a análise de conteúdo que nada mais é do que:

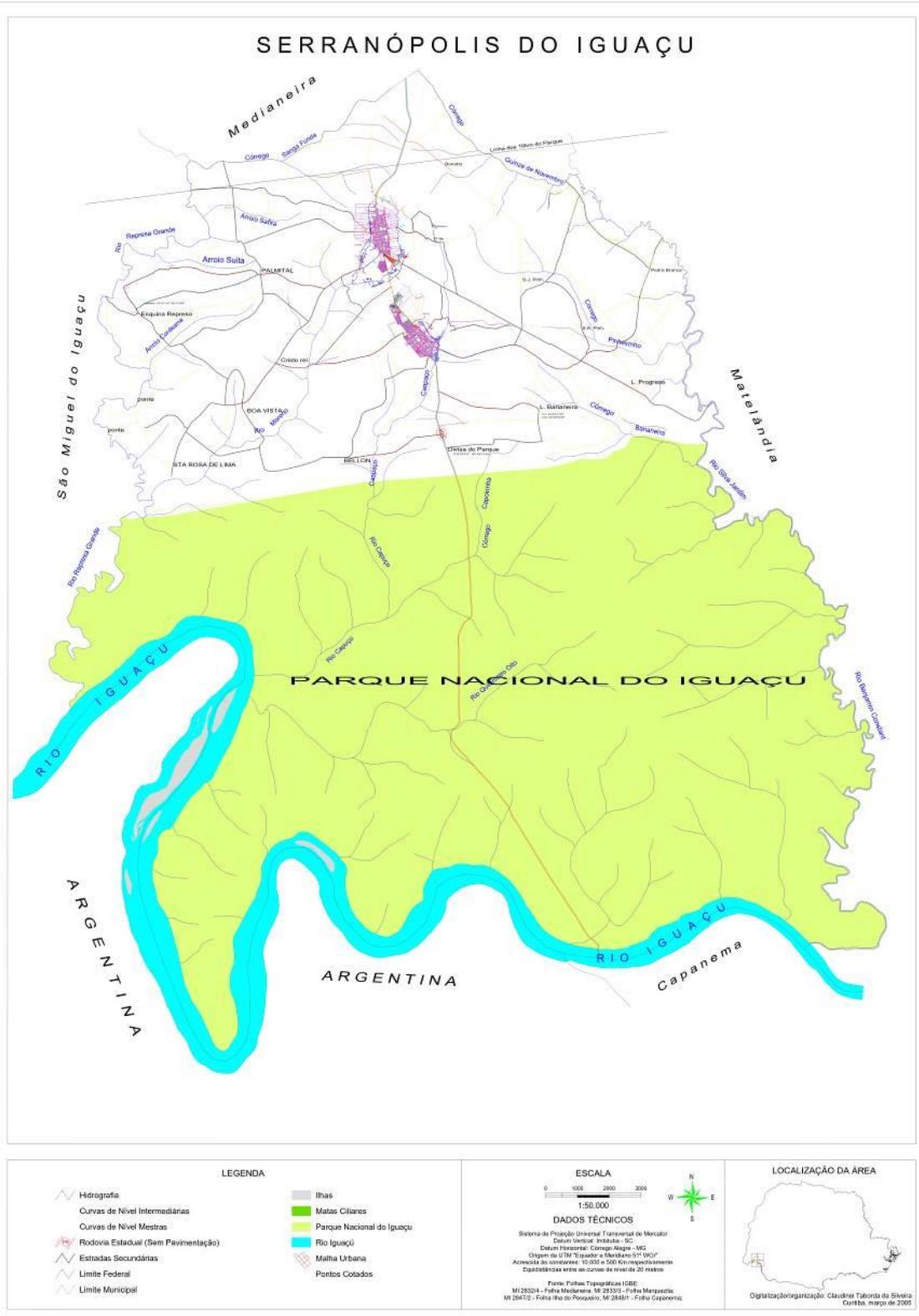
[...] uma técnica de tratamento de dados coletados, que visa à interpretação de material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta dos mesmos. Essa técnica surgiu com essa denominação nos Estados Unidos, durante a Primeira Guerra Mundial e, na época, buscava assegurar a objetividade para análises qualitativas e as equiparar às análises quantitativas. Tais intenções e usos desta técnica se mantiveram até a Segunda Guerra. Nas décadas de 1950 e 1960, a análise de conteúdo ressurgiu, mas vem com a intenção de destacar o conteúdo expresso na mensagem e suas representações, deixando de lado a preocupação com as quantificações, embora até hoje hajam polêmicas entre as duas abordagens da técnica (GUERRA, 2014).

Em suma, a presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando técnicas de pesquisa bibliográfica, análise de dados secundários e coleta de informações primárias por meio de questionários. A análise de conteúdo dos dados coletados permitiu uma compreensão aprofundada das causas da evasão de jovens do meio rural no município de Serranópolis do Iguaçu. Essa abordagem proporcionou uma visão contextualizada das experiências dos jovens e contribuiu para o conhecimento sobre os fatores que influenciam sua decisão de migrar para áreas urbanas. Os resultados dessa pesquisa podem ser utilizados como base para a formulação de políticas e ações que visem mitigar a evasão de jovens do meio rural e promover o desenvolvimento sustentável dessas áreas.

4 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU/PR

Serranópolis do Iguaçu é um município do oeste do Paraná e faz limite ao Sul com Capanema e Argentina, ao Norte com Medianeira, ao Leste com Matelândia e ao Oeste com São Miguel do Iguaçu. A emancipação derivou da união dos dois distritos administrativos desmembrados de Medianeira, que são Flor da Serra e Jardinópolis (PREFEITURA MUNICIPAL, 2022). No mapa abaixo do município podemos observar os dois bairros, caracterizado como malha urbana, e também o Parque Nacional do Iguaçu, que cobre cerca de 60% do território municipal (PREFEITURA MUNICIPAL, 2022).

Figura 1: Mapa do Município de Serranópolis do Iguaçu



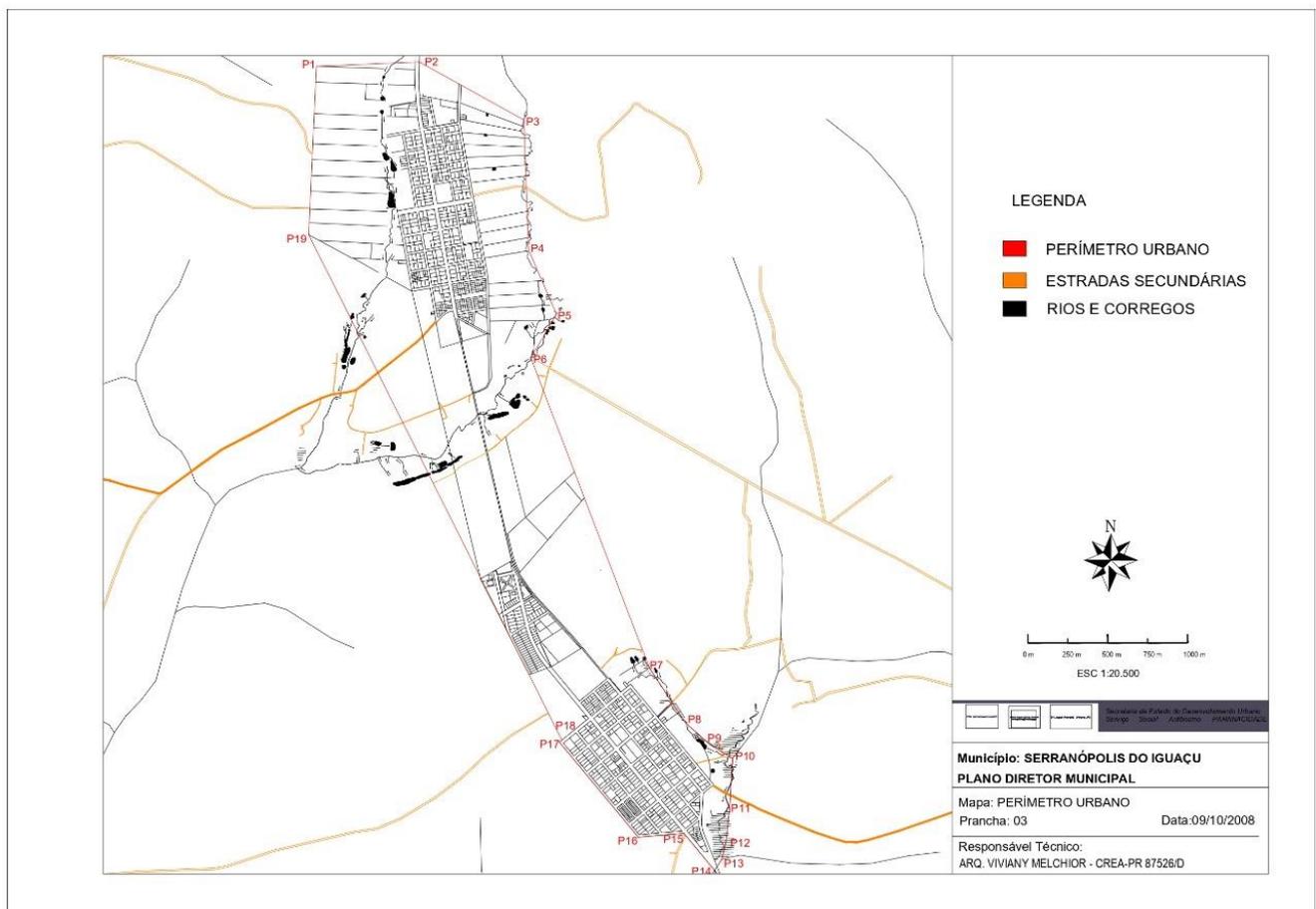
Fonte: Secretaria Municipal de Obras, Urbanismo e Transporte (2005).

Na Figura 2, podemos ver os dois bairros de Serranópolis do Iguaçu de forma ampliada, Flor da Serra e Jardimópolis, que são considerados área urbana do município.

Além disso, cabe notar que a área entre os dois bairros também é incluída como perímetro urbano, mesmo sendo permeado por cultivos, sem a presença expressiva de residências. Como apontou Medeiros, Quintans e Zimmermann (2014), muitos municípios optam por ampliar sua superfície urbana em função da tributação, pois o CTN dispõe que o IPTU deve ser administrado pelos municípios, enquanto os impostos recolhidos no meio rural (ITR) devem ser distribuídos à União, dos quais 50% são entregues aos municípios. Essa disparidade no destino das receitas incentiva os municípios a aumentar artificialmente o tamanho suas áreas urbanas visando assim ampliar a sua receita.

Na mesma linha, Sousa Filho e Martini (2021) trazem que as essas modificações acarretam conflitos quanto à incidência do IPTU e do ITR sobre os imóveis, sendo que essa destinação viola a jurisprudência sobre o assunto, que tem como consenso a tributação do ITR naqueles imóveis que, comprovadamente, sejam destinados às atividades tipicamente rurais, independente da sua localização em perímetro urbano ou rural.

Figura 2: Mapa da área urbana do município



Fonte: Secretaria Municipal de Obras, Urbanismo e Transporte (2008).

Serranópolis do Iguaçu pertence à comarca de Medianeira, e faz parte da Microrregião geográfica de Foz do Iguaçu, sendo emancipado em 07/12/1995 e sua instalação política administrativa se deu em 01/01/1997.

Há apenas duas fontes de pesquisa no município sobre o histórico de Serranópolis do Iguaçu, sendo a primeira uma coletânea histórica do município elaborada em 2011, que contou com a contribuição de pioneiros, professores da rede municipal e estadual, equipe da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes (SMECE), alunos, pais, associações, entidades e demais pessoas da comunidade serranopolitana. E a outra fonte de pesquisa é uma revista organizada pela Professora Isolde Bulow em 1996, que traz as Memórias de Flor da Serra de 1955 a 1996, também elaborada com a participação de toda a comunidade. As demais fontes de pesquisa foram o site institucional da prefeitura de Serranópolis do Iguaçu e dados do IBGE.

4.1 PROCESSO DE OCUPAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

A ocupação do Oeste do Paraná ocorreu no século XIX. O acontecimento que marcou este período foi a Guerra do Paraguai (1865 a 1870). Após este evento, o governo brasileiro cria a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1892), que servia para proteger as fronteiras Brasil/Paraguai e Brasil/Argentina. Este fato atraiu algumas famílias para a região. Muitos vieram para extrair madeira, outros vieram interessados na agricultura, já que a região é formada basicamente de terra roxa, apta para tal atividade. Formam-se, assim, as primeiras vilas, motivados pela qualidade das terras e pensando em construir seu futuro nesta região (BÜLOW; SCHOFFEN, 1996).

A colonização das terras onde hoje localiza-se o município de Serranópolis do Iguaçu teve efetivamente seu início por volta do ano de 1950. As famílias eram oriundas, principalmente, dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Nesses estados já haviam se esgotado a expansão das terras para propriedades agrícolas e, por esse motivo, pequenos agricultores vendiam seus bens e aventuravam-se em busca de novas áreas nessa região, pois aqui adquiriam terras mais baratas para plantio, com solo fértil e relevo plano, facilitando as atividades agrícolas (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Fotografia 1: Primeiros habitantes de Flor da Serra (1956)



Fonte: Grupo do Facebook Memórias de Serranópolis do Iguaçu (2022).

No processo de ocupação do município, hoje Serranópolis do Iguaçu, a parte norte (Flor da Serra) pertencia, até 1939, a Miguel Matte, que não obteve sucesso com sua obra³. Com problemas financeiros, foi obrigado a hipotecar suas terras e as mesmas foram adquiridas pela Colonizadora Pinho & Terra, a qual era formada por acionistas que colonizaram toda região. Porém, a Colonizadora Industrial e Agrícola Bento Gonçalves, que era a maior acionista, foi a responsável pelo povoamento da comunidade de Flor da Serra, recebendo o "Título de Domínio Pleno de Terras" em 10/11/1950. A ocupação da área ocorreu sob consentimento do governo paranaense (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Em relação à parte sul (Jardinópolis), em meados da década de 1950, essa região começou a ser ocupada por posseiros. O processo de ocupação da Gleba Silva Jardim, deu-se em dois momentos: o primeiro tinha uma formação de posseiros desprovidos de riquezas e, também, por intrusos que visavam subdividir a posse para revendê-la e, por isso, buscavam delimitar uma grande área. O segundo momento deu-se nos últimos anos

³ Obraje é um termo regional, que no estado do Paraná, denomina um lugar junto à margem de um rio, onde se corta e prepara a madeira destinada à descer pela água.

da década de 1950, quando começaram a chegar os colonos do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Sudoeste paranaense. Com uma quantia pequena de dinheiro, os "colonos" compravam o "direito de posse" dos primeiros posseiros ou de supostos agentes do Instituto Nacional de Imigração e Colonização. A disputa entre posseiros e grileiros culminou num violento conflito, conhecido, popularmente, como "Revolta de 61" (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

As disputas pela posse da terra, nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná, resultaram em conflitos armados que custaram centenas de vidas humanas, de jagunços e posseiros, nas décadas de 1950 e 1960. Um destes conflitos, de grandes proporções, aconteceu em Jardinópolis, no dia 2 de julho de 1961, quando 150 posseiros enfrentaram cerca de 200 jagunços e homens fardados como policiais militares, numa batalha campal que resultou até em morte. Essa batalha, tem como único registro os inacessíveis arquivos históricos oficiais e a lembrança de alguns poucos e arredios sobreviventes do combate. Após anos de instabilidade e insegurança, o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) começou a demarcar e a expedir títulos definitivos aos posseiros (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Os colonos chegavam até essa região utilizando, como meios de transportes, carroças, cavalos, charretes, jipes e caminhões. Atravessavam o Rio Iguaçu em embarcações, chegando até o "Caminho do Colono". Este, com a extensão de 17,6 Km, provocava muitas dificuldades a serem superadas, como animais ferozes e peçonhentos, grandes atoleiros em tempos chuvosos, provocando estragos nos meios de transportes, tornando, assim, a viagem longa, difícil e cansativa (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Outras dificuldades encontradas pelos pioneiros eram a falta de recursos financeiros e a derrubada da mata, o que os obrigava a, inicialmente, abrir apenas picadas para chegar até seu pedaço de chão e ali construir sua residência. O trabalho de desmatamento era difícil e perigoso. Primeiro roçavam a vegetação pequena, ao redor das árvores grandes, para depois cortá-las com machado e serra braçal. As madeiras de lei eram vendidas, e o restante queimava para limpar a área e iniciar o cultivo de produtos básicos para sobrevivência (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

No início, os agricultores ainda não usavam máquinas. Os trabalhos eram executados em forma de mutirão entre vizinhos, sendo que a limpeza do terreno era feita à foice, machado e serrote. A terra era lavrada a boi, limpada à enxada, o plantio e a colheita eram feitos manualmente, e os produtos debulhados a casco de cavalo, manguá

ou manualmente, até que veio a trilhadeira. Os produtos cultivados eram: arroz, feijão, milho, mandioca, frutas, verduras e criação de animais para consumo do leite, carne e ovos, necessários à subsistência da família, os quais eram guardados no paiol, em tulhas ou nos porões das casas (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011). Inicialmente não havia comércio para esses produtos devido à precariedade das estradas e dos meios de transporte. O foco era o autoconsumo e as famílias trocavam o que tinham em excesso (BÜLOW; SCHOFFEN, 1996). No princípio a madeira era o principal produto de comercialização, ajudando na sobrevivência das famílias no meio da mata.

Em 1970 começaram a plantar manualmente o trigo (Fotografia 2) para o autoconsumo, o qual levavam a Matelândia para transformar em farinha (BÜLOW; SCHOFFEN, 1996). A partir desse momento, os agricultores passam a ser orientados para o uso de técnicas mais produtivas a partir de máquinas e insumos externos à unidade de produção, que eram financiadas pelos bancos da região. Com isso, as máquinas passaram a destocar o terreno, lavrar, plantar e colher, perdendo espaço os mutirões. Mas, para poder pagar os financiamentos, os colonos se especializaram em alguns poucos produtos: trigo, soja e milho (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011). Nesta época alguns agricultores se capitalizaram e compraram mais terras e passaram a arrendar propriedades, aumentando a área de plantação. Trata-se de um exemplo característico do processo de modernização da agricultura (GRAZIANO DA SILVA, 1982). No tema da pecuária, no início da colonização, era apenas para o consumo das famílias e, com o passar dos anos, começaram a ser construídos os chiqueiros para a criação de porcos e venda ao frigorífico de Medianeira. Pouco a pouco começou o incentivo à produção leiteira, que era recolhido e entregue a laticínios da região (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Fotografia 2: Primeira colheita de trigo no município



Fonte: Grupo do Facebook Memórias de Serranópolis do Iguaçu (2022).

Devido à distância e à dificuldade de transporte, e por ser no início da colonização, existiam casas comerciais em algumas comunidades do interior, como em Boa Vista, Linha Gaúcha, Linha Pinheirinho, Pedra Branca e Divisa do Parque. Contudo, com o passar dos anos, o distrito de Jardinópolis e Flor da Serra foi aumentando e houve a necessidade da centralização do comércio pelo fato de estar mais perto de escolas, igrejas e das residências (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

A vida política de Flor da Serra e Jardinópolis progrediu rapidamente. Já em 23 de setembro de 1964, através da Lei Estadual nº 4.930 (DOE nº 168, 25-09-64), Flor da Serra foi elevada à categoria de Distrito Administrativo, e Jardinópolis, em 13 de janeiro de 1967, pela Lei Estadual nº 5471 (DOE nº 260, 14101/67), foi elevada à categoria de Distrito Administrativo e Judiciário de Medianeira (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011). A partir do ano de 1969, essas comunidades passaram a ter subprefeitos, os quais, junto ao poder Executivo de Medianeira, auxiliavam na administração dos respectivos distritos (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

A criação do município de Serranópolis do Iguaçu originou-se da movimentação espontânea e mútua das comunidades dos distritos de Flor da Serra e Jardinópolis, então pertencentes ao município de Medianeira/PR. Para obter “independência”, os moradores precisariam somar (Flor da Serra + Jardinópolis) para se desmembrar de Medianeira e criar um novo município (PREFEITURA MUNICIPAL, 2022). Na década de 1990,

lideranças dos distritos de Jardinópolis e Flor da Serra discutiam a possibilidade de formar um município, pois se sentiam distanciados e pouco beneficiados com recursos que visavam a melhoria da qualidade de vida dessa população (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

No dia 9 de dezembro de 1993, os vereadores, José Arlindo Sehn, Gilmar Moura, João Ulisses Nunes Corrêa, Rubem Arnoldo Kühne e Nelson Camilo, enviaram à Câmara de Vereadores do Município de Medianeira, um requerimento, pedindo apoio do Poder Legislativo para realização do "Plebiscito", objetivando a criação do novo município, Serranópolis (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011). O TRE (Tribunal Regional Eleitoral) do Paraná marcou o plebiscito para o dia 22 de outubro de 1995, sendo que compareceram para votar 1.611 eleitores. Destes, 1.428 votos foram favoráveis, 169 contrários, 7 brancos e 7 nulos, estando assim aprovado por 88,7% a criação do município de Serranópolis do Iguaçu (PREFEITURA MUNICIPAL, 2022). No dia 7 de dezembro de 1995, através da Lei Estadual nº 11.218, da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, aprovou-se a criação do município de Serranópolis do Iguaçu, que foi sancionada pelo governador Jaime Lerner (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

Atualmente Flor da Serra e Jardinópolis são bairros de Serranópolis do Iguaçu, considerados, portanto, zona urbana do município, como visto acima. Já a zona rural é formada por comunidades, que são chamadas de linhas: Linha Auto Pinheirinho, Linha Bananeira, Linha Bellon, Linha Bento Goçaves, Linha Boa Vista, Linha Bonato, Linha Cristo Rei, Linha Divisa do Parque, Linha Esquina Represo, Linha Palmital, Linha Pedra Branca, Linha Pinheirinho, Linha Progresso e Linha Santa Rosa de Lima.

4.2 DA EMANCIPAÇÃO AOS DIAS ATUAIS

Com a formação do município de Serranópolis do Iguaçu, após a sua Emancipação Política Administrativa em 1997, dados concretos deste novo município passam a estar disponíveis, visto que anteriormente estavam agregados ao município de Medianeira, de quem se desmembrou. No ano de 2000 foi realizado, pelo IBGE, o primeiro Censo Demográfico da população de Serranópolis do Iguaçu. Conforme Tabela 4, neste momento a população total era de 4.734, sendo que 59,30% viviam na zona rural, que era majoritariamente masculina. Mais tarde, no ano de 2007, realizou-se o a Contagem da

População (Tabela 4), em que se percebe que a população rural diminuiu para 2.297, sendo que em termos percentuais 53,08% viviam no rural naquele ano. Comparando os dois períodos, a população da zona rural diminuiu, enquanto a população urbana aumentou, indicando um êxodo rural dos habitantes nestes sete anos. Em termos gerais, também se observa que a população decaiu no município.

Tabela 4: População censitária por sexo e tipo de domicílio (2000 e 2007)

Ano 2000			
POPULAÇÃO	ZONA RURAL	ZONA URBANA	TOTAL
Feminina	1.374	976	2.350
Masculina	1.433	951	2.384
TOTAL	2.807	1.927	4.734
Ano 2007			
POPULAÇÃO	ZONA RURAL	ZONA URBANA	TOTAL
Feminina	1.144	1.059	2.203
Masculina	1.153	971	2.124
TOTAL	2.297	2.030	4.327

Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2000); Censo Agropecuário (IBGE, 2007). Elaboração própria.

Em 2010, no último Censo Demográfico disponível, observa-se que o município teve um leve crescimento populacional comparado à Contagem da População realizada no ano de 2007. Comparando os dois Censos Demográficos (2000 – 2010), a população rural teve um decréscimo de 20,0%, enquanto a população urbana cresceu 20,5%. Em termos da população total, houve uma pequena redução, de 3,5%. Nesse intervalo a população rural caiu de 59,3% do total para 47,4%. Segundo dados do IBGE (2022), a projeção da população estimada para Serranópolis do Iguaçu no ano de 2021 é de 4.460 habitantes, ou seja, um decréscimo de 2,4% se comparado com o Censo de 2010.

Tabela 5: População censitária por sexo e tipo de domicílio (2010)

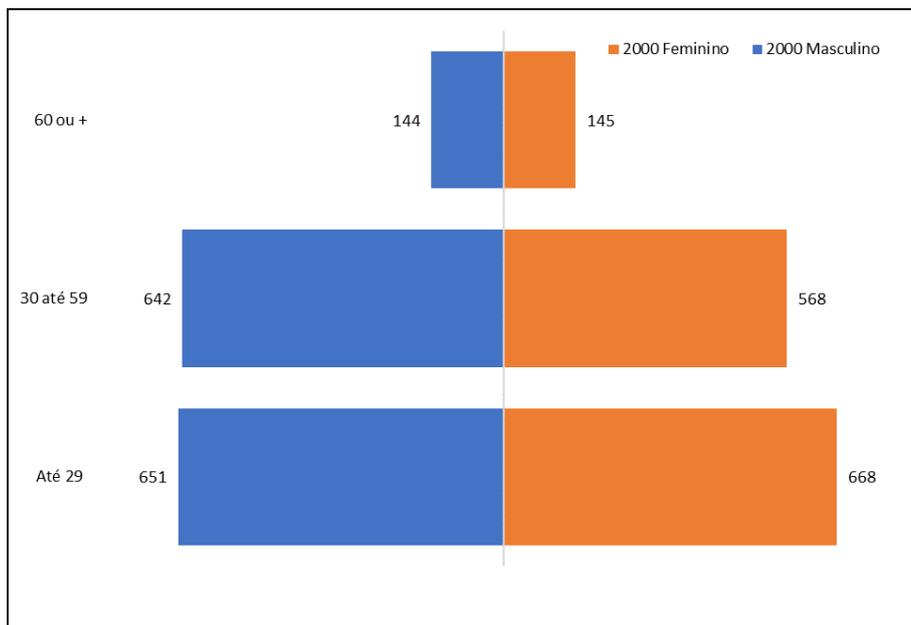
POPULAÇÃO	ZONA RURAL	ZONA URBANA	TOTAL
Feminina	1.121	1.218	2.339
Masculina	1.125	1.104	2.229
TOTAL	2.246	2.322	4.568

Fonte: Censo Demográfico (IBGE 2010). Elaboração própria.

Tratando somente a população rural no município no ano 2000, até 29 anos haviam 651 pessoas do sexo masculino e 668 do sexo feminino. Já dos 30 até os 59 anos eram 642 do sexo masculino e 568 do sexo feminino. Acima de 60 anos, 144 são do sexo

masculino e 145 do sexo feminino. Com essa informação foi confeccionada uma pirâmide etária da população rural do município nos anos 2000 (Gráfico 6), onde fica evidente que o predomínio da população rural era de jovens com até 29 anos, totalizando 1.319, os adultos dos 30 até 59 anos somam 1.210, e de idosos com 60 anos ou mais eram 289 para o ano 2000. Em suma, a população jovem, na base da pirâmide, era protuberante enquanto a população idosa era a menos expressiva em número de população.

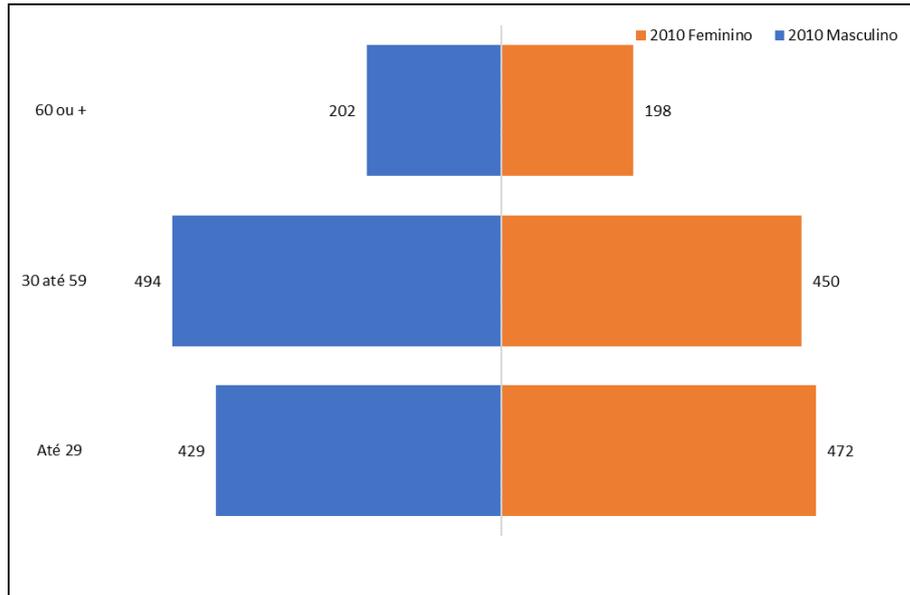
Gráfico 6: Pirâmide etária da população rural de Serranópolis do Iguaçu no ano de 2000



Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2000). Elaboração própria.

Ao compararmos esses dados com aqueles de 2010, das pessoas com até 29 anos 429 eram do sexo masculino e 472 do sexo feminino; dos 30 até os 59 anos, 494 eram homens e 450 mulheres; e dos 60 anos ou mais, 202 eram do sexo masculino e 198 do sexo feminino. O Gráfico 7 demonstra esses valores, sendo possível observar que o grupo intermediário (de 30 a 59 anos) é mais expressivo, mas ampliou o envelhecimento rural no passar destes 10 anos, sendo que acima de 60 anos foi a única faixa etária que aumentou entre 2000 e 2010.

Gráfico 7: Pirâmide etária da população rural de Serranópolis do Iguaçu no ano de 2010



Fonte: Censo Demográfico (IBGE, 2010). Elaboração própria.

Em síntese, esses dados sistematizados nos dois Censos Demográficos realizados pelo IBGE permitem observar que existe um êxodo rural expressivo no município de Serranópolis do Iguaçu, e também está se iniciando um processo de envelhecimento da população rural, pois foi a única faixa etária que teve um crescimento na população entre 2000 e 2010.

Em relação à educação no município, no início de 1998 ocorreu a municipalização, isto é, os alunos matriculados nos colégios estaduais da 1ª a 4ª série foram transferidos para a rede municipal, porém sem nenhuma sala de aula para acolhê-los. Por esse motivo, no Processo de Municipalização previa cedência de salas junto ao Colégio Estadual Presidente Kennedy e Colégio Estadual Pedro Américo, até que o município construísse a escola municipal para atender essa demanda. Além da municipalização, ocorreu a nuclearização, atendendo a demanda da zona rural na área urbana, também nessas salas cedidas, mantendo dualidade de prédio (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011).

A Escola Municipal Serranópolis do Iguaçu - Educação Infantil e Ensino Fundamental foi criada pela Lei Municipal nº 742 de 28 de setembro de 2009 (Fotografia 3). Atualmente tem 290 alunos matriculados.

Fotografia 3: Escola Municipal Serranópolis do Iguaçu em 2022 – Junho de 2022



Fonte: Imagem do autor (2022).

Quanto aos colégios estaduais no município, permanecem apenas os dois já mencionados. O Colégio Estadual Presidente Kennedy no Bairro de Flor da Serra (Fotografia 4), no ano de 2012, passou a se chamar Colégio Estadual do Campo Presidente Kennedy - Ensino Fundamental e Médio, por atender predominantemente a populações do campo, conforme Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. Em 2022 havia 262 alunos matriculados neste colégio.

Fotografia 4: Colégio Estadual do Campo Presidente Kennedy – Junho de 2022



Fonte: Imagem do autor (2022).

Já o Colégio Estadual Pedro Américo está situado no bairro Jardimópolis. A partir do dia 13 de dezembro de 2012, com a Resolução nº 7165/2012, passou a se chamar

Colégio Estadual do Campo Pedro Américo – Ensino Fundamental e Médio (Fotografia 5). Em 2013, através das análises do Censo Escolar, houve um percentual elevado de abandono no Ensino Médio, e foi estabelecido o Ensino Médio Inovador (EMI⁴) visando o desenvolvimento de ações voltadas para a melhoria do ensino. Em 2022 o colégio passou a oferecer Educação em Tempo Integral para alunos do ensino fundamental, e conta com 125 alunos matriculados neste ano.

Fotografia 5: Colégio Estadual do Campo Pedro Américo – Junho de 2022



Fonte: Imagem do autor (2022).

Em termos econômicos, O PIB per capita do município passou de R\$ 30.464,00 para R\$ 46.480,15 entre 1999 e 2019. O PIB total do município ficou em R\$ 208 milhões em 2019. Desagregando o PIB por setores, a agropecuária responde por 44,84% do total. No caso das indústrias, todas são de pequeno porte, valorizando e aproveitando a matéria-prima existente no próprio município, como argila, cereais, animais, leite, frutas e seus derivados. Grande parte dos produtos industrializados são consumidos pelos munícipes, como também vendidos para outras regiões. São exemplos desses produtos: geleias, leite pasteurizado, nata, salame, suco de uva, mel, melado, açúcar mascavo, pães, biscoito, cuca, bolos, telhas, tijolos, uniformes e móveis (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2011). Em relação ao setor de serviços, Serranópolis do Iguaçu tem como maior fonte geradora de empregos a Prefeitura Municipal, enquanto as demais atividades são de pequeno porte, como mecânicas, lanchonetes, panificadoras,

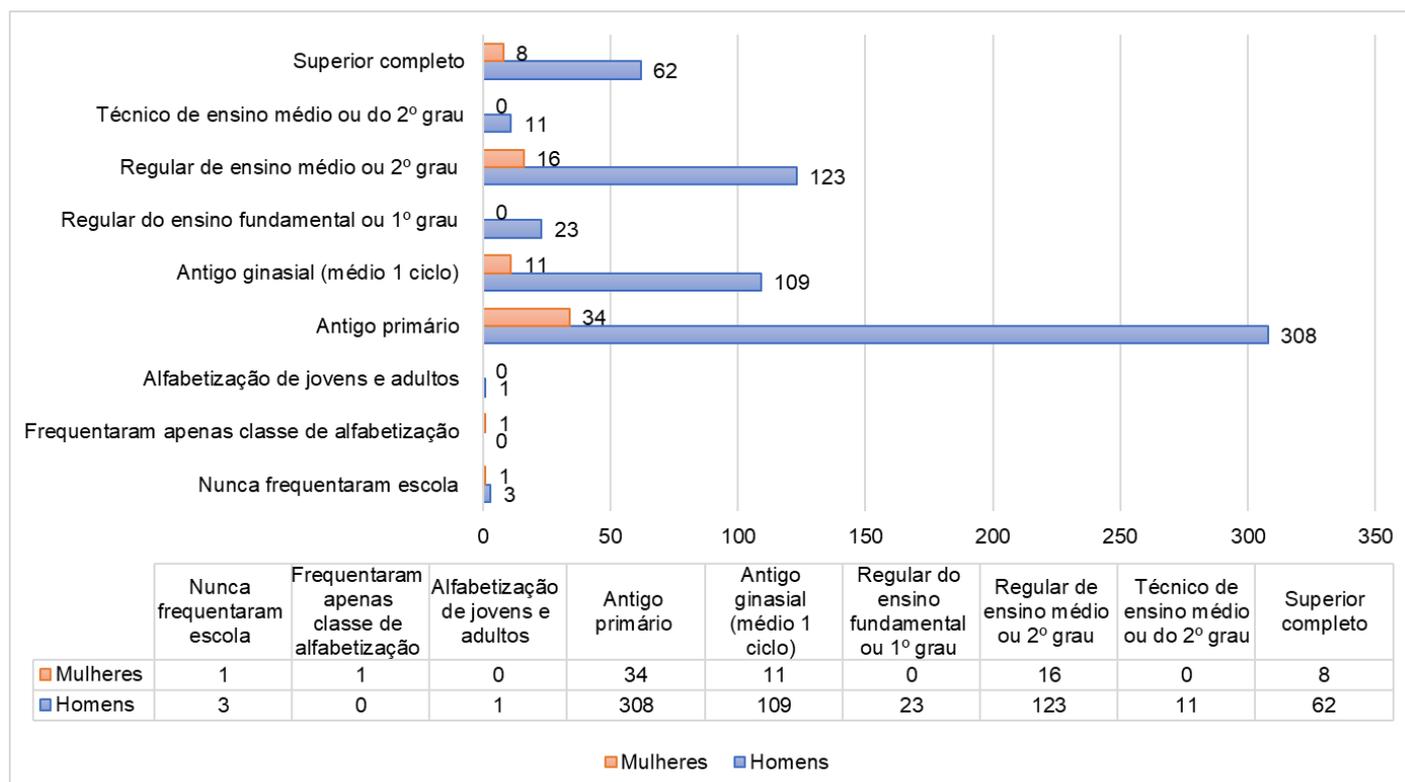
⁴ Com o EMI pretende-se estabelecer mudanças significativas na escola, buscando um processo dinâmico, participativo e contínuo de aprendizado, articulando o envolvimento de todo o coletivo escolar para que a organização curricular seja de forma interdisciplinar, voltada para o desenvolvimento do conhecimento científico, competências, valores e práticas.

vidraçaria, comércio de peças, mercados, lojas de roupa, casa agropecuária, marcenaria, matérias para construções, entre outros.

A agricultura e o espaço rural são extremamente relevantes para o município de Serranópolis do Iguaçu. Pensando no uso do solo, 1,92% é de uso urbano e 98,08% rural. Dentro da área rural, 31,71% é de uso agropecuário (sobretudo lavouras temporárias), 64,02% é área de floresta, majoritariamente coberto pelo Parque Nacional do Iguaçu (MAPBIOMAS, 2022).

No que diz respeito a escolaridade dos agricultores, com base nos dados do Censo Agropecuário de 2017, dos 712 estabelecimentos agropecuários, 640 são comandados por homens e 71 por mulheres. Entre os que nunca frequentaram escola, temos 3 homens e 1 mulher; dos que frequentaram apenas classe de alfabetização, temos apenas 1 mulher e nenhum homem; na alfabetização de jovens e adultos 1 homem e nenhuma mulher; no antigo primário 308 homens e 34 mulheres; no antigo ginásial (médio 1 ciclo) 109 homens e 11 mulheres; ensino fundamental ou 1º grau, 23 homens e nenhuma mulher; ensino médio ou 2º grau 123 homens e 16 mulheres; técnico de ensino médio ou do 2º grau apenas 11 homens e nenhuma mulher; com superior completo 62 homens e 8 mulher. No gráfico abaixo conseguimos visualizar estes dados com maior clareza, indicando que 90% dos estabelecimentos agropecuários são comandados por homens e que predomina um nível de escolarização mediano, praticamente sem analfabetos, mas também com poucos formados no ensino superior.

Gráfico 8: Escolaridade do produtor - 2017



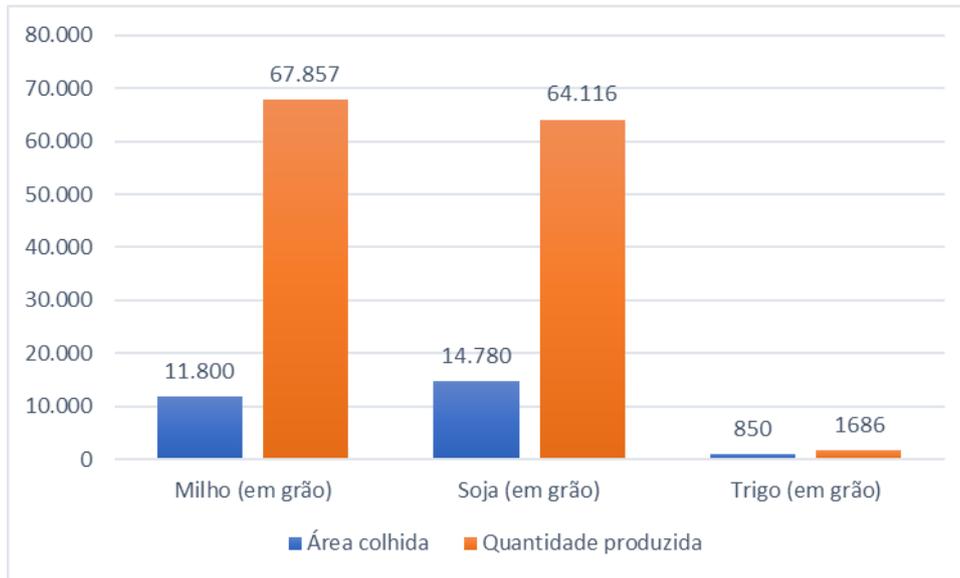
Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria.

Em relação ao número de estabelecimentos agropecuários no município, considerando os Censos Agropecuários de 2006 e 2017, houve nesse intervalo de tempo uma pequena diminuição das unidades de produção, que passaram de 729 a 712. Em termos da área total dos estabelecimentos, ela passou de 16.930 a 16.361 hectares. A área média oscilou de 23,22 ha para 22,97 ha entre 2006 e 2017. Vale pontuar que a agricultura familiar respondia por 89,03% dos estabelecimentos e 62,03% da área em 2006, sendo que esses valores passaram a 83,14% e 64,59% em 2017, respectivamente. Nesse sentido, se observa uma redução de estabelecimentos agropecuários da agricultura familiar, contudo, em contraponto a isso, a área cultivada por este grupo se elevou em 2,56% entre os anos de 2006 e 2017.

Em termos de atividade agrícola, as três principais culturas do município são soja, milho e trigo, sendo que a área colhida foi de 11.800 hectares de milho, 14.780 hectares de soja e 850 hectares de trigo, conforme observamos no Gráfico 9. A quantidade produzida de milho, soja e trigo são 67.857 toneladas, 64.116 toneladas e 1.686 toneladas, respectivamente. O Mapbiomas (2022) calculou, a partir de imagens de satélite, 15.290 hectares de uso agropecuário em Serranópolis do Iguaçu em 2020, e estão se pode dizer que a soja predomina e domina a paisagem, absorvendo 96,7% de

toda a área agropecuária no verão.

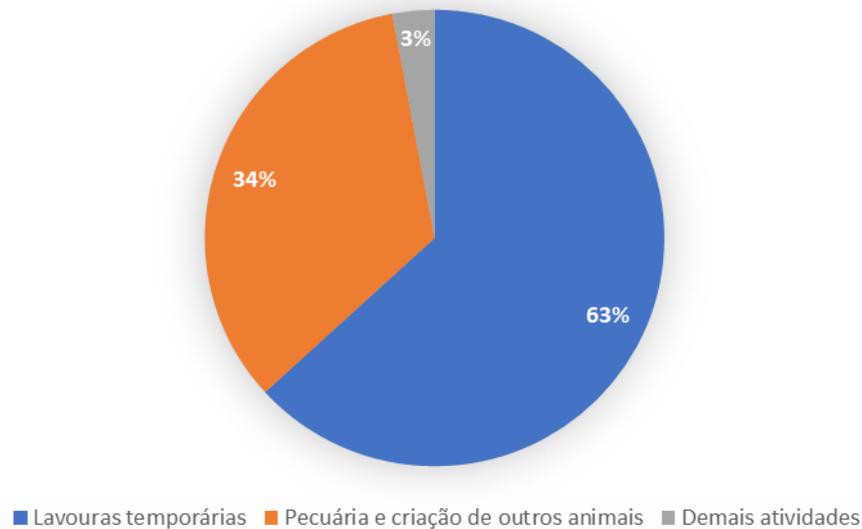
Gráfico 9: Área colhida em hectares e quantidade produzida em toneladas no município de Serranópolis do Iguaçu em 2020



Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria.

Dos 712 estabelecimentos agropecuários no município no ano de 2017, as duas atividades que se destacam são as lavouras temporárias, equivalentes a 450 unidades (63% do total), e a pecuária e criação de outros animais, equivalente a 241 unidades (34% do total) (Gráfico 10). As demais atividades - aquicultura, horticultura, floricultura produção florestal, lavouras permanentes - são menos relevantes no município, com uma incidência inferior a 10 estabelecimentos agropecuários (3% do total).

Gráfico 10: Grupos de atividade econômica no município de Serranópolis do Iguaçu



Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017). Elaboração própria.

Em síntese, predomina o cultivo de soja, milho e trigo (lavouras temporárias) e também tem significativa presença a pecuária (seja de bovinos, como de aves e suínos). Se tratando da realidade atual de Serranópolis do Iguaçu, na Fotografia 6 se observa uma propriedade rural do município com estes eixos de produção. Em destaque, a frente, observamos a plantação de soja, mas também há pecuária no canto superior direito e ao fundo, onde vemos um aviário de criação de frangos de corte e também uma pastagem para criação de gado. Ainda, ao observarmos no canto superior esquerdo, há uma área de reserva legal. Esta imagem é da propriedade em que reside o autor desta pesquisa, juntamente com seus pais.

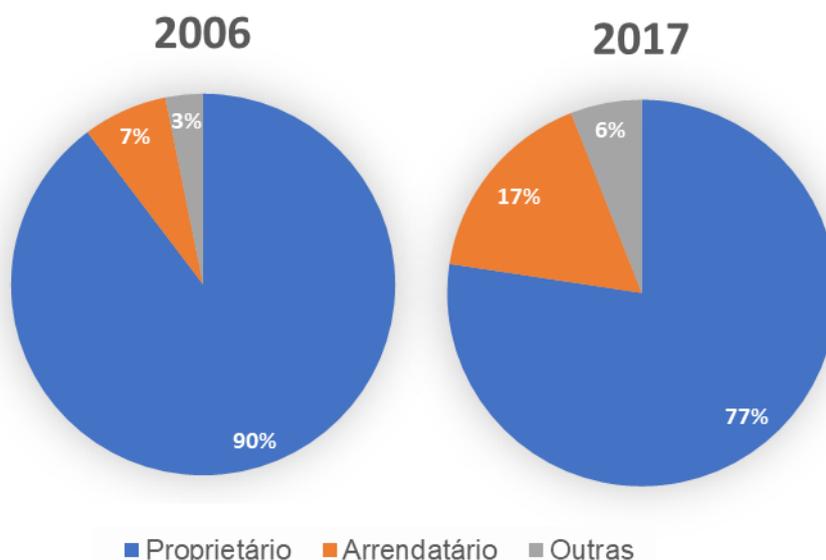
Fotografia 6: Estabelecimento agropecuário de Serranópolis do Iguaçu – novembro de 2021



Fonte: Imagem do autor (2021).

Em relação à condição legal das terras no município estudado, as áreas próprias são majoritárias, mas vem perdendo espaço para o arrendamento que em 2006 ocupava 7% da superfície e em 2017 passou a ocupar 17%, enquanto que as áreas próprias em 2006 eram de 90% e passaram a 77% no ano de 2017. Parte desse processo deriva do monocultivo da soja-milho, em que os produtores maiores e mais capitalizados começaram a arrendar as áreas próximas para ampliar sua escala produtiva e para obter maiores retornos econômicos. Em alguns casos isso também pode indicar o envelhecimento de parte da população rural, que diante da idade avançada e da falta de sucessor, opta por arrendar sua área, obtendo uma renda mais segura e que não demanda trabalho pesado (WESZ JR., 2014 e 2022). No Gráfico 11, a porcentagem referente a “outras” inclui assentados sem titulação definitiva, parceiros, ocupantes e produtores sem área.

Gráfico 11: Condição legal das terras no município de Serranópolis do Iguaçu



Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2006 e 2017). Elaboração própria.

Quanto aos estratos de área dos estabelecimentos agropecuários, não se percebe grandes alterações de 2006 a 2017 (Tabela 6). Tanto no Censo Agropecuário de 2006 quanto de 2017, predominam agricultores com até 50 ha, totalizando 90% do total nos dois anos. Entretanto, embora os estabelecimentos com mais de 50 ha não cheguem a 10% do total, controlam mais de 40% da área. No oposto, unidades com até 10 ha são aproximadamente 40% do total, mas não chegam a deter 10% da superfície (Tabela 6). Além disso, em 2017, enquanto haviam seis produtores sem área, os quatro estabelecimentos com maior área controlavam 11,2% da superfície total. Esses dados indicam uma distribuição fundiária desigual no município.

Tabela 6: Número e área total dos estabelecimentos agropecuários por estratos de área total no município de Serranópolis do Iguaçu – 2006 e 2017

Estratos de área total (ha)	Número de estab. agrop.				Área total (ha)			
	Número		%		Área (ha)		%	
	2006	2017	2006	2017	2006	2017	2006	2017
Até 10 ha	299	282	41,1%	39,6%	1.569	1.325	9,3%	8,1%
Mais 10 a menos de 50 ha	359	357	49,3%	50,2%	7.894	8.070	46,6%	49,3%
Maior que 50 ha	69	67	9,5%	9,4%	7.467	6.966	44,1%	42,6%
Produtor sem área	1	6	0,2%	0,9%	-	-	-	-
Total	729	712	100%	100%	16.930	16.361	100%	100%

Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2006 e 2017). Elaboração própria.

Neste capítulo o foco foi Serranópolis do Iguaçu, formado pela união de dois distritos, pertencentes anteriormente à Medianeira, no Oeste do Paraná. Sua colonização iniciou por volta de 1950, e o município emancipou em 1997, havendo, desde então, um decréscimo populacional, sobretudo da população rural, além de se observar um processo de envelhecimento no meio rural. A partir dos dados analisados concluímos que o espaço rural é extremamente relevante no município, onde a agricultura e a pecuária são as maiores fontes de renda, com a lavoura sendo a atividade mais importante, a qual tem nos cultivos de soja, milho e trigo sua base. Contudo, observa-se uma diminuição populacional no município, fazendo que o número de estabelecimentos agropecuários também decresça.

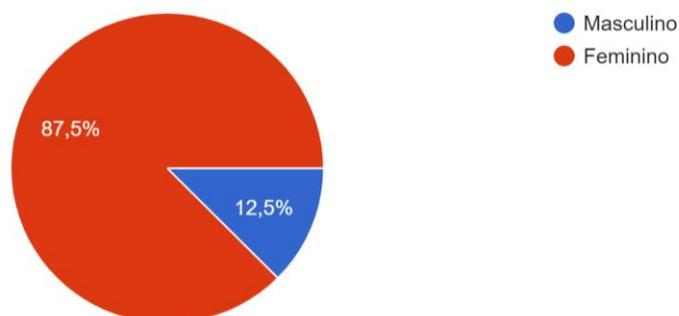
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, com base nas informações obtidas nos questionários aplicados aos jovens, apoiada na revisão bibliográfica. Os resultados da pesquisa serão apresentados em quatro seções. Inicialmente será discutida as características dos jovens e os fatores de atração para o espaço urbano. Na continuação será abordado o tema de gênero e a sua influência no êxodo rural. E, por fim, serão analisadas as perspectivas dos jovens em retornar para o meio rural.

5.1 CARACTERÍSTICAS DOS JOVENS PESQUISADOS

Compreender o perfil desses jovens, suas motivações e a presença de sucessores nas propriedades rurais é fundamental para entender as dinâmicas do êxodo e suas consequências para a agricultura familiar e o desenvolvimento rural. Dos 32 jovens aceitaram contribuir com a pesquisa, 12,5% são do sexo masculino e 87,5% do sexo feminino. Era o que já se esperava devido à pesquisa preliminar realizada entre os jovens que efetuaram o êxodo rural a partir da conclusão do ensino médio. O Gráfico 12 apresenta o sexo dos jovens entrevistados.

Gráfico 12 - Sexo dos jovens

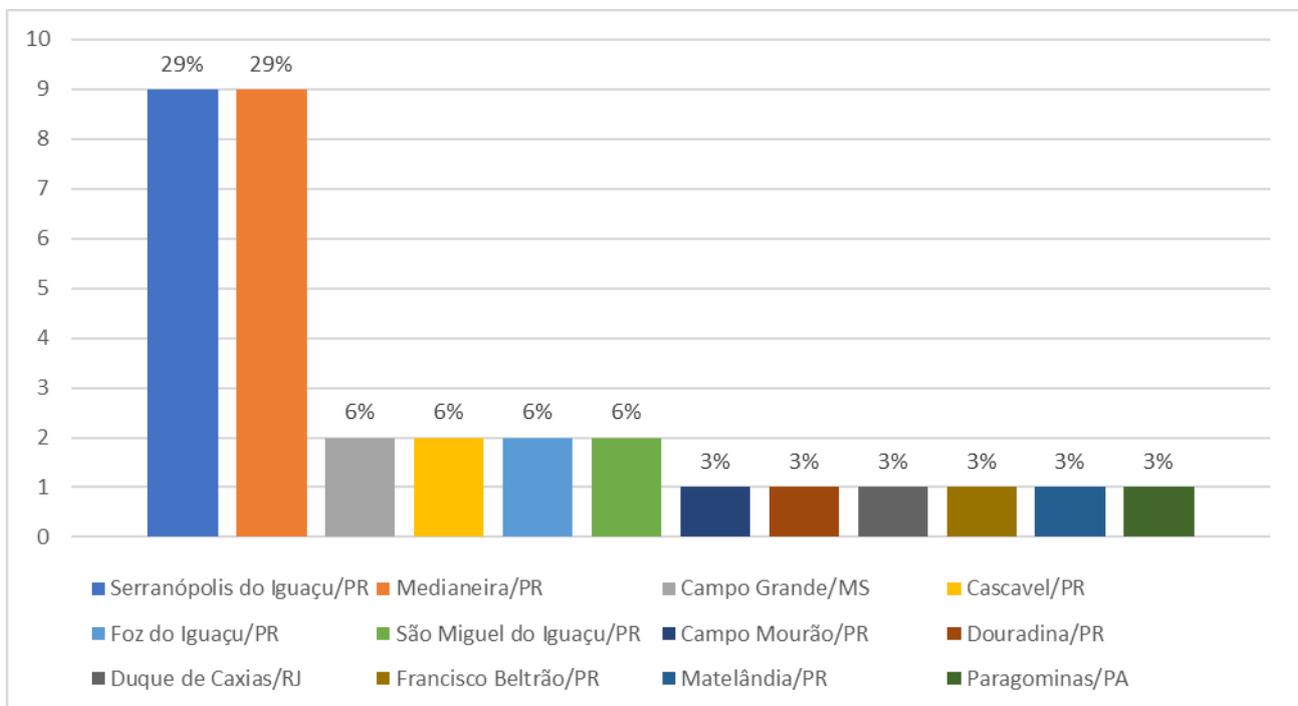


Fonte: Elaboração própria.

Em relação ao local de residência atual desses jovens, os dados indicam uma

distribuição variada. Os principais locais mencionados foram Serranópolis do Iguaçu/PR e Medianeira/PR, ambos com 9 entrevistados, representando 29% cada. Além disso, foram mencionadas outras cidades como Campo Grande/MS, Cascavel/PR, Foz do Iguaçu/PR, São Miguel do Iguaçu/PR, Campo Mourão/PR, Douradina/PR, Duque de Caxias/RJ, Francisco Beltrão/PR, Matelândia/PR e Paragominas/PA, cada uma com a presença de 1 a 2 entrevistados, representando entre 3% e 6% do total. Esses dados fornecem uma visão inicial sobre a distribuição geográfica dos jovens que migraram do meio rural para o urbano, sendo importante considerar a diversidade de localidades e estados receptores.

Gráfico 13: Local atual de residência dos jovens



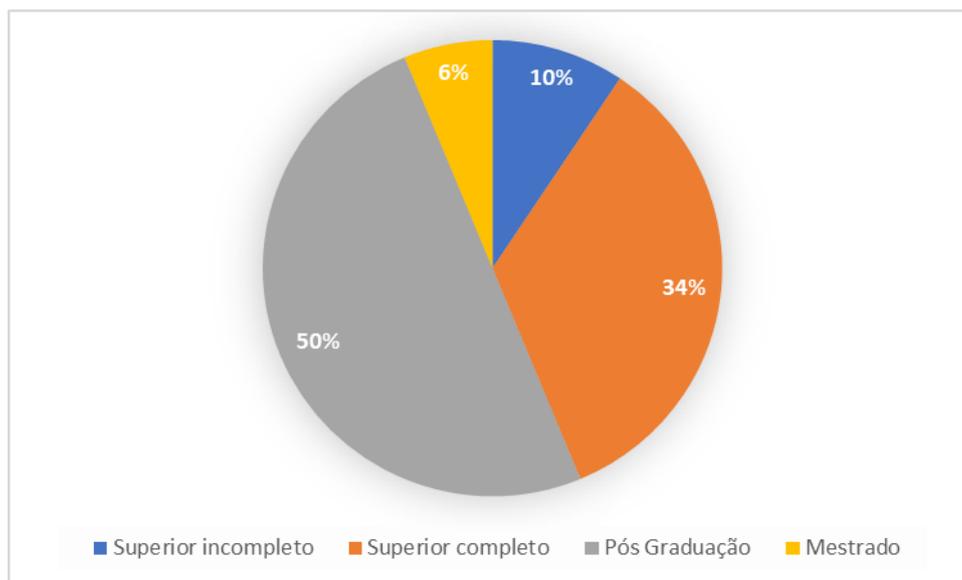
Fonte: Elaboração própria.

Uma análise mais detalhada dos dados revela que uma parte dos jovens que migraram do meio rural para o urbano optou por se estabelecer na zona urbana da mesma cidade em que residiam anteriormente. Especificamente, observa-se que um número significativo de entrevistados escolheu permanecer em Serranópolis do Iguaçu/PR, enquanto outros optaram por se mudar para a cidade vizinha, Medianeira/PR. Essa tendência indica que esses jovens buscam aproveitar as oportunidades oferecidas pelas áreas urbanas próximas a suas comunidades de origem, mantendo os laços familiares, sociais e culturais existentes. Essa preferência pela zona urbana local ou de cidades vizinhas, além da proximidade espacial, está relacionada à familiaridade com a

região, à facilidade de adaptação e ao acesso a recursos e serviços conhecidos. Esses dados ressaltam a importância de considerar não apenas as migrações para grandes centros urbanos, mas também as dinâmicas intra-regionais e os vínculos estabelecidos pelos jovens migrantes com suas comunidades de origem.

Quanto a escolaridade, 3 entrevistados têm ensino superior incompleto, 11 ensino superior completo, 16 pós-graduação *latu sensu* e 2 mestrado. Portanto, destaca-se que a metade dos jovens pesquisados possuem Pós-Graduação *Lato Sensu*, seguido de 34% que possuem Superior Completo, 10% que possuem Superior Incompleto e 6% possuem Mestrado. Ou seja, todos os jovens que saíram do meio rural de Serranópolis do Iguaçu fizeram ou ainda fazem graduação em ensino superior. No Gráfico 14 demonstra-se a escolaridade dos jovens pesquisados.

Gráfico 14 - Escolaridade dos jovens



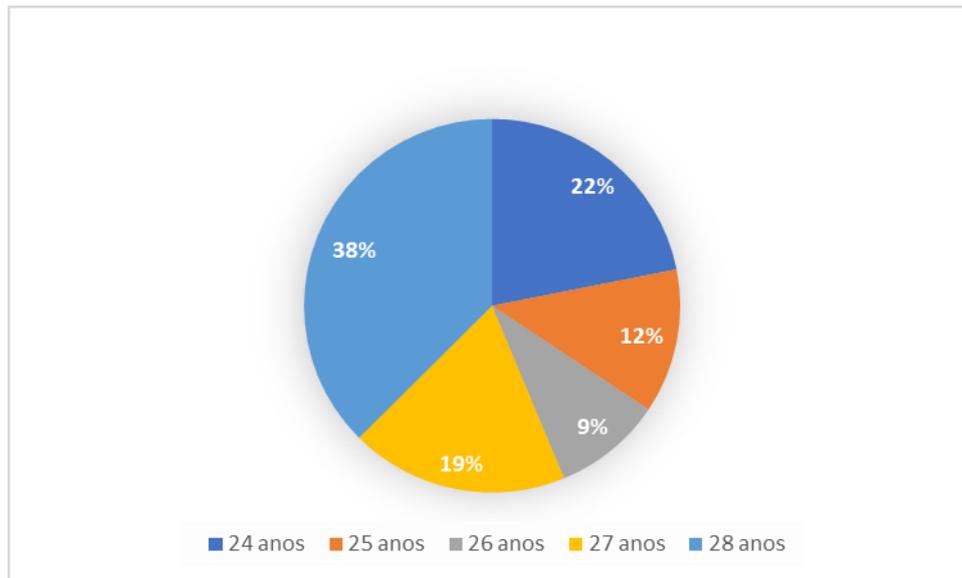
Fonte: Elaboração própria.

Esses dados vão de encontro com pesquisas já realizadas por Silva (2007), Froehlich et al. (2011) e Hermes (2017), em que os jovens com maior aptidão para o estudo acabam por deixar a zona rural, em busca de um melhor acesso à educação, que não é encontrado na zona rural de Serranópolis do Iguaçu. Importante pontuar que não existem mais escolas nas zonas rurais do município, sendo que o ensino fundamental I foi centralizado em uma única escola na zona urbana e o ensino fundamental II e médio em dois colégios no perímetro urbano. Conforme relatado anteriormente, não há oferta de ensino superior no município, obrigando aqueles que tem desejo de continuar os estudos

de forma presencial a se deslocar para outras cidades (ou ter que passar um longo tempo em deslocamentos diários).

A idade dos jovens estudados ficou entre 24 e 28 anos, sendo 7 com 24 anos, 4 com 25 anos, 3 com 26 anos, 6 com 27 anos, e 12 com 28 anos.

Gráfico 15 – Idade dos jovens



Fonte: Elaboração própria.

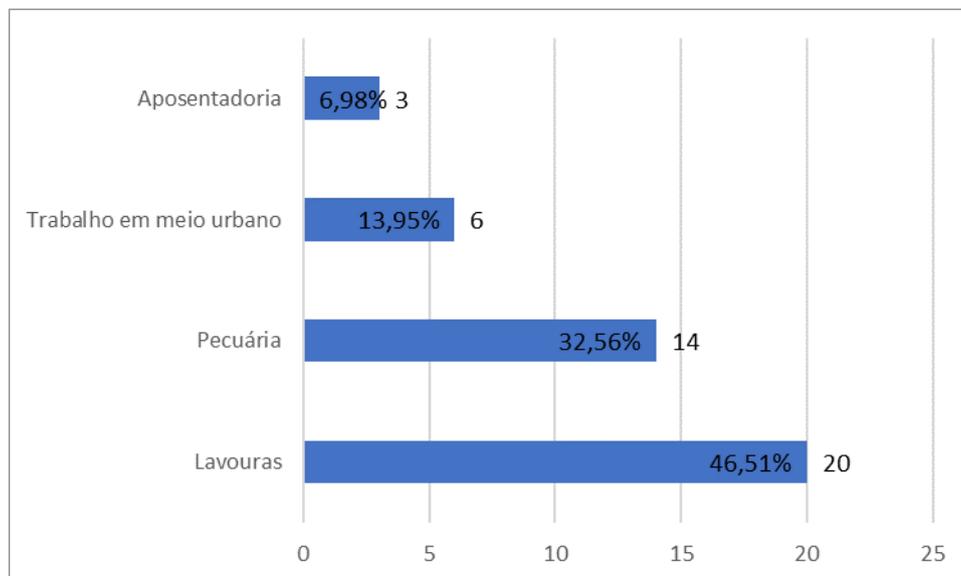
Percebe-se que ano a ano os jovens deixam a zona rural. E, conforme o gráfico acima, os de 28 anos que foram os jovens que lideram no ranking de êxodo no município estudado, correspondente a 38% dos pesquisados. Segundo a pesquisa, estima-se que com o passar do tempo mais jovens deixarão a zona rural, pois muitos relataram que ainda tem irmãos mais novos morando na zona rural e que pretendem também sair ou que só ocupam o local unicamente como moradia, sem envolvimento com as atividades agropecuárias.

Ao serem questionados acerca dos motivos para sair da área rural, 50% dos jovens saíram para estudar e trabalhar, 31,3% para trabalhar e 18,8% para estudar. Apesar disso, estes últimos, após o término dos estudos, continuaram com residência fixa na zona urbana. Esses resultados também aparecem no estudo de Zotis (2011), que relata que em virtude da busca por novas oportunidades, muitos jovens deixam o interior para estudar ou trabalhar nas cidades. Essa migração é impulsionada pela expectativa de acesso a melhores recursos educacionais e profissionais, assim como a perspectiva de uma vida mais dinâmica e diversificada. Ao optarem por se estabelecer em áreas

urbanas, esses jovens se deparam com um ambiente propício ao desenvolvimento de suas habilidades e interesses, além de um maior contato com a tecnologia e a cultura contemporânea.

Do total de jovens pesquisados, 90,6% conseguem se manter com a própria renda, e apenas 9,4% depende parcial ou totalmente da ajuda econômica dos seus pais. Em relação ao local de residência da família, 75% dos jovens ainda tem seus pais vivendo na área rural e 25% dos jovens relatam que eles também migraram para a cidade. Entre aqueles em que a família ainda permanece residindo no meio rural, foi inquerido de onde provem majoritariamente a renda da família, em que se destaca as lavouras de soja, milho e trigo, embora a pecuária também tenha um peso importante (Gráfico 16).

Gráfico 16 – Proveniência da renda das famílias que permanecem na área rural



Fonte: Elaboração própria.

Conforme já demonstrado no capítulo sobre Serranópolis do Iguçu, a fonte de renda primordial do município provém de lavouras e da pecuária, consubstanciando com as informações coletadas com os jovens. Ainda é importante observar que uma porcentagem relativamente alta que continua a morar no meio rural não tem sua renda principal proveniente do campo, pois 6,98% são aposentados e 13,95% trabalham em zona urbana, usando o campo somente como moradia.

Destas propriedades, ao serem inqueridos se pertencem à agricultura familiar⁵, 23

⁵ Foi esclarecido no questionário que se refere a propriedades rurais em que a gestão e o trabalho são realizados majoritariamente pela família, possuindo área de até quatro módulos fiscais (que no município equivale a 18 hectares).

jovens responderam que sim e 9 responderam que não. Contudo, dentre esses jovens que responderam não, estão incluídos aqueles em que a família não vive mais no campo. Ao retirar os das respostas, sobram 24 jovens em que as famílias vivem ainda na zona rural, destes 23 integram a agricultura familiar e apenas 1 não pertence a este grupo social, sendo este da agricultura patronal. Neste contexto, estamos nos referindo a evasão de um público importante para a manutenção e promoção de práticas agrícolas mais sustentáveis, de produção de alimentos de qualidade para o mercado interno e para exportação, e de preservação da cultura e tradições rurais, bem como de desenvolvimento econômico e social das áreas rurais. A respeito disso Spanevello et al. (2017) traz que os valores baseados na identidade e no apego à terra tentam persistir de alguma forma. A tentativa de deixar bens aos filhos visa, de alguma forma, preservar a continuidade do patrimônio familiar, buscando preservar seu valor moral e econômico.

Partindo desta abordagem de agricultura familiar e da importância da juventude no meio rural para desenvolvimento socioeconômico de maneira sustentável, foram questionados aos jovens se algum irmão/irmã ou sucessor ficou na área rural com a família. Destes, 14 responderam que não e 11 que sim. Portanto, a maioria das unidades não tem um sucessor atualmente residindo na propriedade rural com a família. Sobre a possibilidade de ter ou não um sucessor, poucas foram as respostas positivas e geralmente estão atreladas a algum irmão, estas sem a certeza que irão suceder os empreendimentos, apenas hipóteses. Abaixo são transcritos alguns relatos dos jovens pesquisados:

Sim, meu irmão mais velho, por residir mais próximo.

Provavelmente meu irmão mais novo, porém atualmente não trabalha na agricultura. Mas futuramente pretende ajudar meu pai e ficar na lavoura.

Sim, provavelmente eu e meu irmão.

Sim. A propriedade é arrendada e futuramente, se não for vendida, se tornará herança.

Sim, minha irmã mais velha que atua na propriedade.

Sim, com certeza um de meus irmãos ficará lá, pois a atividade é economicamente viável.

Entre as respostas positivas sobre a existência de sucessores na propriedade, observamos que alguns jovens mencionaram a presença de irmãos ou irmãs, mais velhos ou mais novos, que têm potencial para assumir a atividade agrícola no futuro. No entanto, é importante destacar que nem todos os sucessores têm interesse ou disponibilidade para trabalhar como agricultores familiares. Alguns jovens mencionaram que seus irmãos ou irmãs já possuem trabalho e renda própria em outras áreas, o que pode dificultar a continuidade da atividade agrícola.

Por outro lado, alguns jovens não veem a possibilidade de ter um sucessor na propriedade. Isso pode ser atribuído a diversos fatores, como a falta de interesse dos próprios jovens em continuar na agricultura, a falta de viabilidade econômica da atividade na propriedade ou a falta de herdeiros diretos.

Provavelmente não, pois cada filho já possui seu trabalho e sua renda.
Provavelmente não. Há grande chance de meus pais contratarem alguém para cuidar das atividades rurais tendo em vista que as filhas estão em profissões que não são voltadas à agricultura familiar.
Possivelmente não, pois só estão na área rural meus pais
Não sabemos ainda. Algo indefinido.
Não, pois o volume de terra é muito pouco, se tornando insustentável.

Desta maneira, observamos que a maior parte das famílias não tem sucessores diretos para dar continuidade na propriedade, ocasionando a descontinuidade da produção agropecuária no estabelecimento, o que pode ter um impacto negativo na economia local e na segurança alimentar.

Outro tema central, que se conecta com esse debate, é a análise dos fatores que têm atraído os jovens para o espaço urbano, afastando-os das atividades rurais e das propriedades familiares. A próxima seção explorará os elementos que têm influenciado nas escolhas dos jovens em buscar oportunidades fora do campo.

5.2 FATORES DE ATRAÇÃO PARA O ESPAÇO URBANO

Como já discutido no item 2.4, os jovens seguem sendo atraídos para centros urbanos por variadas razões. Buscando entender estes fatores, foi questionado aos pesquisados os três fatores mais importantes para a sua saída do meio rural. E, em 1º lugar, com 25 respostas, os jovens que deixaram o campo em Serranópolis do Iguaçu o fizeram porque queriam “buscar novas oportunidades de trabalho e estudo”, o que é condizente com várias pesquisas já realizadas, como Weisheimer (2009), Zotis (2011), Gervazio; Batista e Cavalcante (2014) e Hamann (2017). As cidades oferecem uma gama mais ampla de opções de trabalho em comparação com as áreas rurais, visto que muitas grandes corporações e indústrias estão localizadas ali, oferecendo uma variedade de oportunidades de trabalho em diferentes áreas. Além disso, as cidades costumam ter uma maior concentração de trabalhadores qualificados, o que pode levar a melhores oportunidades de remuneração e perspectivas de emprego (VINHOLI; MARTINS, 2012).

Em 2º lugar, com 11 respostas, entre os fatores determinantes da saída dos jovens serranopolitanos do meio rural temos a “busca por melhores condições de vida”. Algumas das condições que podem ser consideradas positivas incluem acesso à educação de qualidade, oportunidades de emprego, transporte público eficiente e acessível, diversidade cultural, saúde e segurança adequadas, entre outros. Segundo Hamann (2017), estas razões também apareceram em seu estudo no Distrito de Manchinha, município de Três De Maio/RS, indicando uma perspectiva de melhores salários, um futuro próspero, menos contato com inseticidas, agrotóxicos e acesso mais fácil à saúde, educação, saneamento básico e mais, fazendo que todos os fatores acima seja motivo para querer uma vida melhor.

Por outro lado, é importante ressaltar que essa busca por melhores condições de vida transcende o aspecto meramente econômico. Essa migração, muitas vezes, está profundamente ligada à realização de projetos de vida pessoais e à busca pela satisfação individual. Esses projetos refletem não apenas a procura por oportunidades econômicas, mas também a aspiração por experiências culturais enriquecedoras, autonomia e realização pessoal. Assim, embora as condições de vida, conforme descritas anteriormente, sejam fatores motivadores, é fundamental reconhecer que os jovens podem estar impulsionados por uma combinação complexa de aspirações individuais que vão além de meras considerações materiais.

E o 3º fator mais importante na tomada de decisão de abandonar o campo, com 8 respostas, ficou com “busca de trabalho mais leve e seguro”. Isso se deve ao fato de que muitas vezes as atividades rurais são cansativas e perigosas, além de não oferecerem uma remuneração adequada. Na cidade, as oportunidades e as condições de trabalho tendem a ser melhores, pois no campo o esforço físico é quase que constante, como carregar sacos de sementes e colheitas, cavar e plantar. Além disso, a exposição a produtos químicos e pesticidas também é um risco para a saúde dos trabalhadores rurais. Outros fatores incluem o manuseio de máquinas pesadas e perigosas, como tratores e colheitadeiras, e a possibilidade de acidentes com animais (WEISHEIMER, 2009). Além disso, o “trabalho seguro” também se conecta com a ideia de uma garantia de retorno econômico, que muitas ocupações no meio urbano oportunizam, a exemplo de um salário fixo, enquanto a atividade agrícola é muito mais instável, dependendo de questões climática, oferta e demanda, contexto internacional, câmbio, etc.

Estes foram os principais fatores indicados pelos jovens para a sua tomada de decisão de saírem do campo, que vão de encontro com os referenciais teóricos

apresentados anteriormente. No entanto, há outros fatores que também estimularam a saída, mas que não aparecem inicialmente e que demandaram questionamentos mais específicos e aprofundados. Ao serem perguntados se a família dava o devido reconhecimento pelo trabalho realizado na propriedade rural, 65,5% dos jovens responderam que sim, 28,1% responderam que parcialmente e 6,4% responderam não. Apesar de a maioria relatar que tinha o reconhecimento do trabalho realizado, 75% dos jovens não tinha retorno financeiro nem participação nos lucros pelas atividades desenvolvidas na propriedade rural. Quando questionados quanto ao fato deles terem algum bem registrado no nome, emitir notas de produtos, ter a propriedade da terra, etc., 84,4% disse que somente ajudava a família no trabalho diário (“não era dono de nada”), 12,4% emitia nota dos produtos produzidos e apenas 3,1% tinha bens no nome. Ainda foi questionado aos 25% dos jovens que tinham participação nos lucros, como era feita essa divisão, e os mesmos relataram que:

Recebia por mês uma ajuda financeira, que na época era baixa, de R\$100,00, para poder comprar o que queria, além de toda alimentação, transporte quando necessário.

Eles pagavam minha faculdade e me sustentavam.

Recebia um salário mensal

Recompensas em produções, além da ajuda financeira dos pais para a educação e lazer.

Sempre que precisava de algo, solicitava aos meus pais e nunca me faltou nada

Meus pais arcavam com as minhas despesas.

Participação dos resultados.

Conforme os relatos, a participação nos lucros era feita de forma simbólica, geralmente vinculada a ideia de uma ajuda para o próprio sustento, não dando condições para esses jovens se manterem de maneira mais autônoma e independente. Tanto que, até mesmo os jovens que recebiam um salário mensal optaram por deixar a área rural. Isso evidencia que, apesar do reconhecimento pelo trabalho realizado, a falta de recompensa financeira adequada e de uma participação efetiva nos lucros da propriedade rural são fatores que influenciam a decisão dos jovens de deixarem o meio rural. Esse tema também foi abordado por Hamann (2017) que argumenta que ao deixar as áreas rurais, os jovens frequentemente buscam principalmente estabilidade financeira, algo que muitas vezes não está acessível no campo. Essa busca os leva a migrar para os centros urbanos em busca de oportunidades de emprego e fontes de renda. Além disso, em relação ao aspecto financeiro, foi mencionado que a ausência de uma remuneração adequada ou suficiente desmotiva as pessoas envolvidas na agricultura a prosseguirem nessa atividade.

Em relação ao poder de mando nas atividades agrícolas, 93,8% disseram que não

participavam diretamente na administração da propriedade rural quando viviam com a família, sendo que a toma de decisões era realizada pelo pai e pela mãe em 68,8% dos casos, 9,0% era somente o pai que detinha este poder de mando, e 6,3% era somente a mãe. Nos demais casos (15,9%), a gestão e o comando ficavam sob responsabilidade dos avós, padrasto e/ou donos da propriedade (apenas em um dos casos a família do jovem entrevistado não é dono da terra).

Essa concentração de poder de mando em mãos alheias aos jovens pode limitar seu crescimento pessoal e profissional, bem como reduzir sua motivação para permanecer no meio rural. A falta de participação ativa na tomada de decisões pode levar os jovens a se sentirem subvalorizados e menos motivados a contribuir para o desenvolvimento da propriedade e do meio rural (BREITENBACH; CORAZZA 2021). Um dos jovens comenta sobre a situação de amigos/colegas/parentes, com idade próxima a dele, que seguem no meio rural.

Estes [jovens que seguem no campo] estão mortos, eles não têm autonomia nenhuma. Aquele que não saiu de casa ainda trabalha como se fosse uns piázinhos de 14 anos de idade. Na minha visão, eles trabalham para o papai fiquem em casa, não tem autonomia nenhuma ou mora ainda com os pais, ou aquela que não mora mais com os pais casou com um marido que trabalha na terra dos pais, são pessoas sem autonomia.

A partir da resposta, é possível observar uma visão crítica em relação à situação dos seus amigos, colegas e parentes que permaneceram no meio rural. Ele descreve uma falta de autonomia por parte dessas pessoas. Essa visão indica uma preocupação com a falta de oportunidades e a dependência econômica presente nessa realidade específica, o que também foi ressaltado por Faria, Ferreira e Paula (2019) para o contexto do êxodo rural de jovens no Distrito de Muquém em Mirabela/MG.

Ao analisar os resultados relacionados a gostar de morar no campo, 68,8% dos jovens afirmaram que gostavam e 31,3% disseram que gostavam parcialmente. Por outro lado, ao serem questionados quanto gostar das atividades agrícolas, 43,8% gostava parcialmente, 40,6% gostava das atividades e 15,6% não gostava das atividades agrícolas. Essas informações evidenciam que, embora muitos jovens apreciem a vida no campo, há uma divisão de sentimentos em relação às atividades agrícolas em si. Alguns possuem um gosto parcial pelas tarefas, enquanto outros não têm afinidade ou não se identificam com elas. Essa diversidade de opiniões pode ser influenciada por diversos fatores, como experiências pessoais, perspectivas de futuro, acesso a outras oportunidades e qualidade de vida no meio rural.

Essa percepção positiva do campo tem levado contribuído com a formação de um espaço rural enquanto local de residência e lazer, mais do que de produção. Maziero et al. (2019) argumentam que a questão do lazer e do convívio social são de suma importância enquanto estratégias para o fortalecimento e continuação da população no campo. Afinal, ao proporcionar ambientes de lazer e recreações, esses não necessitariam deixar o campo e migrar para os centros urbanos ou capitais para poderem acessar tais condições de relaxamento e divertimento, além de encontrar no campo tranquilidade, contato com a natureza, mais espaço, privacidade, estilo de vida mais simples e menor custo de vida em comparação com as áreas urbanas.

Quando questionados em que localidade é melhor de morar, 56,3% dos jovens responderam que preferem residir na cidade e 43,8% acham melhor morar no campo. Em relação ao primeiro grupo, as respostas indicam que gostam mais do espaço urbano em função de:

Acesso a novas oportunidades
 Pela comodidade de ir aos lugares. Podendo até mesmo ir a pé.
 [...] aqui está meu trabalho, e a facilidade para ir trabalhar.
 Devido a maior facilidade de acesso a trabalho, saúde e comércio em geral. Mas continuo com a visão de ser a zona rural o melhor ambiente para se criar os filhos.
 Mais fácil acesso de recursos como saúde, alimentação, lazer.
 Na cidade é tudo mais perto e de fácil acesso, diferente do campo.
 Melhores locais de trabalho na área da formação acadêmica, infinidade de locais de lazer e gastronomia, fácil acesso a médicos especializados.

Tendo em vista o teor das respostas, os pontos elencados vão de encontro com as pesquisas realizadas por Silva (2014), que argumenta que esse processo de migração ocorre em busca de melhor qualidade de vida, mais oportunidades de emprego, acesso a serviços de saúde, de educação, de saneamento básico, entre outros fatores que condicionam o abandono das populações rurais. E, conforme os relatos indicam acima, as razões incluem a possibilidade de obter ganhos financeiros e poupar dinheiro na cidade, o acesso a novas oportunidades de trabalho, a comodidade e facilidade de locomoção, a presença de serviços como saúde, comércio e lazer mais acessíveis, e a disponibilidade de recursos como supermercados, farmácias e academias. Além disso, alguns entrevistados destacaram a maior oferta de empregos na área de sua formação acadêmica, bem como a variedade de opções de lazer e gastronomia.

Analisando, por outro lado, as razões entre aqueles que acham melhor morar no campo, algumas das respostas coletadas que justificaram seus pensamentos foram as seguintes:

Mais tranquilo, quieto e satisfatório.
 Porque na cidade, principalmente no RJ, existe muitas violências, precisamos

tomar cuidado sempre, com tudo.
Pela calma e tranquilidade e segurança.
Quando saímos de casa, a mentalidade ainda era imatura, a falta de um reconhecimento e de visão de futuro é o motivo principal do êxodo. Hoje já tenho outra visão das atividades agrícolas.
Gosto da tranquilidade do campo
Gostaria de morar no campo, mas não trabalhar no campo.
Meio ambiente, clima, tranquilidade, ar livre.

Ao analisar as respostas dos jovens que preferem morar no campo, podemos observar que existem motivos que justificam essa escolha. Alguns entrevistados destacaram a tranquilidade, a calma e a satisfação que encontram no ambiente rural. Além disso, foram mencionadas preocupações em relação à violência nas áreas urbanas, ressaltando a sensação de segurança que o campo oferece. Outros aspectos mencionados incluem a qualidade de vida proporcionada pelo campo, a possibilidade de menores gastos e a preferência por um estilo de vida mais próximo à natureza, além de dispor de um clima mais agradável e de maior tranquilidade. Interessante comentar que essas percepções em relação ao campo, como destaca um dos jovens, foram sendo construídas a partir do momento em que migrou, em que algumas dimensões da vida na área rural passam a ser valorizadas a partir do momento em que se estabelecem na cidade.

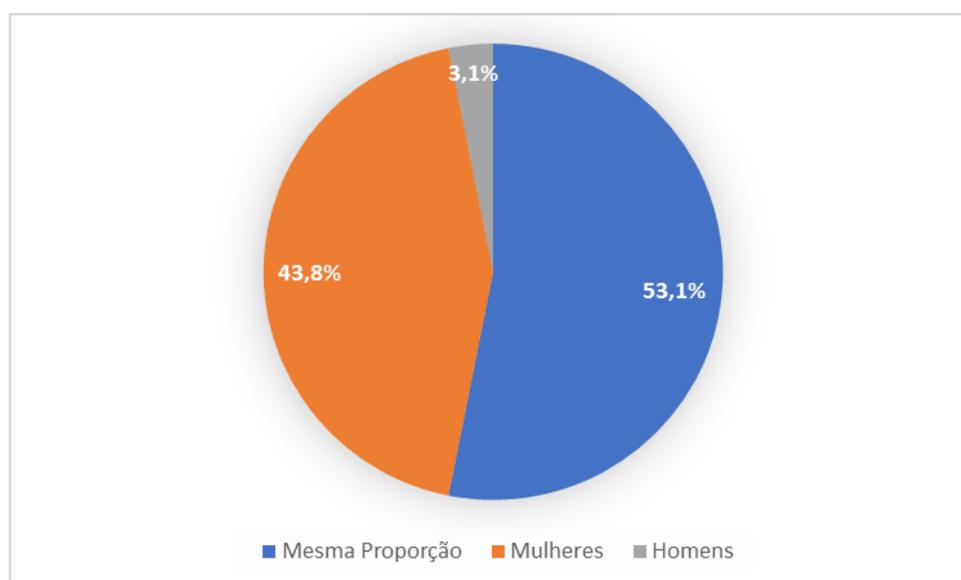
Essas respostas estão alinhadas com pesquisas anteriores, como o estudo realizado por Breitenbach e Corazza (2017) que traz alguns fatores para o jovem permanecer no campo, como a qualidade de vida e a possibilidade de menores gastos, que influenciam para a possibilidade de permanência. Também dialoga com a pesquisa de Maziero et al. (2019), em que o lazer encontrado no campo é um fator que favorece a fixação das populações rurais, pois a qualidade de vida aumenta com esses momentos. Inclusive, quando os jovens foram questionados sobre o fato de ampliarem as opções de lazer ao morarem na cidade, 40,6% confirmam que tem mais atividades de lazer na cidade. Entretanto, 37,5% alega que a migração para o meio urbano não alterou em nada as atividades de lazer e o restante 21,9% aponta ter mais atividades de lazer na área rural. Este é um ponto interessante porque questiona algumas visões, inclusive presente para uma parcela dos jovens rurais, de que o campo não dispõe de opções de lazer ou de que essas são muito mais abundantes na cidade.

5.3 RELAÇÕES DE GÊNERO E A SUA INFLUÊNCIA NO ÊXODO RURAL

Para compreender melhor as relações de gênero e a relação com o êxodo rural do município, um primeiro dado refere-se ao fato que 86% dos jovens levantados na pesquisa preliminar que migraram são mulheres, como visto na Metodologia. Este dado indica que há uma forte correlação entre gênero e o êxodo rural no município em questão. A migração predominantemente feminina sugere que as mulheres estão enfrentando desafios específicos ou encontrando oportunidades fora das áreas rurais, que são mais atraentes em comparação com as opções disponíveis em suas comunidades de origem.

Dos 32 jovens que participaram da pesquisa, quando perguntados se eles acreditam, a partir da conversa com amigos e vivências, que está ocorrendo um êxodo rural de jovens em Serranópolis do Iguaçu/PR, 31 dos jovens responderam que sim. Quando questionados se está se evadindo mais homens, mulheres ou se está mesma proporção, 53,1% acreditam que o êxodo rural entre homens e mulheres está ocorrendo na mesma proporção no município, 43,8% relata ser de mulheres e apenas 3,1% de homens.

Gráfico 17: Na sua opinião, qual a proporção, por gênero, do êxodo rural no município de Serranópolis do Iguaçu?



Fonte: Elaboração própria.

Quando perguntado aos jovens “Quem tem mais valorização no meio rural de Serranópolis do Iguaçu?”, estes revelaram uma disparidade de valorização de gênero no meio rural. De acordo com a pesquisa, nenhum dos entrevistados considerou que as mulheres são mais valorizadas no campo. Enquanto isso, apenas 12,5% dos

entrevistados acreditam que ambos os gêneros têm a mesma valorização, enquanto a maioria, ou seja, 87,5%, afirmou que os homens são mais valorizados no meio rural do município. Essa disparidade de valorização de gênero pode ser reflexo de uma cultura ainda muito presente no campo, que vê as atividades rurais como atividades predominantemente masculinas, conforme já reforçado pelo estudo de Faria, Ferreira e Paula (2019).

Ainda nesse sentido, colaboramos com o argumento de Kummer e Colognese (2013) de que há mais mulheres jovens saindo do meio rural, e que isso se vincula com a desvalorização das atividades femininas no campo, com destaque à "invisibilidade do seu trabalho", porque culturalmente se entende que elas não trabalham (produzem), apenas ajudam no campo, sendo um local mais atrativo para os rapazes devido, entre outros fatores, à possibilidade de sucessão na atividade.

Entre os entrevistados, que inclusive é um público majoritariamente feminino, 87,5% dos jovens concordam que nas pequenas propriedades rurais de Serranópolis do Iguaçu/PR o homem desempenha as funções relacionadas à produção, principalmente plantio, criação e comercialização, enquanto a mulher desempenha atividades relacionadas ao cuidado da casa, da família e da produção para autoconsumo. Isso confirma que ainda prevalece na cultura local uma divisão de trabalho de gênero, que atribui papéis muito específicos a homens e mulheres no meio rural.

O estudo realizado por Faria, Ferreira e Paula (2019) demonstrou que, apesar das meninas frequentemente acompanharem suas mães nas atividades, sendo vistas como organizadas e vivendo dentro dos padrões de obediência e autoridade de gênero nas relações com seus pais ou irmãos do sexo masculino, a sucessão da propriedade rural na economia familiar acaba beneficiando principalmente os filhos homens, gerando uma crise de herança familiar na agricultura familiar. Neste contexto específico, os autores observaram que as mulheres não reivindicam seu lugar nesse processo de sucessão e também não são estimuladas a se envolver nas questões da unidade familiar rural. Essa falta de participação e reconhecimento das mulheres na gestão da propriedade rural contribui para a perpetuação da crise de herança, visto que os filhos homens são sobrecarregados com a responsabilidade de assumir o controle e a continuidade das atividades agrícolas, enquanto as filhas não têm a mesma oportunidade de participação e acesso à herança familiar.

No entanto, é importante ressaltar que 12,5% dos jovens discordam da afirmação de que nas propriedades rurais familiares de Serranópolis do Iguaçu/PR o homem

desempenha as funções relacionadas à produção enquanto a mulher desempenha atividades relacionadas ao cuidado da casa, da família e da produção para autoconsumo. Ou seja, há uma parcela da juventude local que percebe ou questiona essa divisão de tarefas de gênero e defende uma maior participação das mulheres nas atividades produtivas no campo. Essa divergência de opiniões pode ser um indicativo de que a cultura local está em processo de transformação e de que as relações de gênero no meio rural podem estar mudando, ainda que lentamente, com uma maior abertura para a inclusão e valorização das mulheres na produção rural.

Ao perguntar se são os homens quem tem mais poder nas decisões familiares em Serranópolis do Iguaçu/PR, dos 32 jovens respondentes, 28 afirmaram que sim, enquanto apenas 4 responderam que não. Contudo, ao serem questionados se as mulheres ficam em desvantagens no processo sucessório no meio rural de Serranópolis do Iguaçu, 20 dos jovens responderam que sim, enquanto 12 afirmaram que não veem essa desvantagem. Esses resultados demonstram que apesar da maioria dos jovens perceberem a predominância masculina nas decisões familiares no meio rural, nem todos identificam uma desvantagem para as mulheres no processo sucessório. Aos que responderam que as mulheres ficam desvantagem no processo sucessório, as razões das suas respostas se devem ao fato de que:

Homens comandam. Ainda existem pensamentos bastante machistas, pelo fato da cidade ser pequena e na sua maioria serem pessoas mais velhas.

Normalmente os homens detém a função de cuidar da terra e lavoura. Mulheres fazem as atividades domésticas.

Porque ainda, quem mora no campo, vive mais com o pensamento que 'o homem é o mais forte, o que mais trabalha' e com esse pensamento machista, parte do homem a maior tomada de decisões, criando seus filhos da mesma forma e etc.

Devido as mulheres, muitas vezes, não serem incentivadas a participarem ativamente nos trabalhos agrícolas, os homens tem a sensação de que isso é serviço de homem e que eles irão coordenar melhor a produção/e retorno financeiro desse meio.

Porque os homens tem maior poder de decisão.

É cultural, costume das famílias.

Geralmente as coisas ficam sob responsabilidade dos filhos homens.

Pelos preceitos passados pelas gerações, de que o trabalho braçal e as decisões da propriedade e da casa são inteiramente responsabilidade dos homens.

Na maioria dos casos quem acompanha o pai em todos os serviços são os filhos homens, logo, não sendo introduzida nos negócios da família, a mulher sente a necessidade de ir atrás de algo pra si.

A sociedade de Serranópolis é muito 'machista' e com costumes muito antigos, onde os homens são os provedores.

É questão cultural, mulheres ganhavam enxoval e eram preparadas para ser donas de casa, o homem desde cedo fazia parte dos negócios. Na minha família se inverte, minha mãe atualmente, tem muita voz e visão.

Normalmente o filho é quem assume os negócios de família, principalmente os que possuem propriedades que envolvem plantio e colheita própria. Para as demais atividades percebo que as mulheres estão ganhando espaço.

Porque é uma cultura. Isso vem de casa, de criação antiga. Mais essa cultura vem sendo modificada aos poucos. Principalmente quando as mulheres saem em busca de estudo e emprego fora. Normalmente homens que ficam e dão sucessão na propriedade e as mulheres saem do campo.

As respostas acima revelam a predominância de uma cultura patriarcal no meio rural no município pesquisado. Em muitos casos, os homens são considerados os líderes das atividades agrícolas e, por consequência, são vistos como os mais capacitados para tomar decisões importantes sobre a propriedade e a família. Isso é transmitido de geração em geração, sendo que muitas mulheres acabam sendo desencorajadas a participar ativamente das atividades agrícolas e a assumir papéis de liderança. A falta de estímulo para a participação ativa das mulheres nas atividades agrícolas cria a percepção de que tais responsabilidades são exclusivamente masculinas, contribuindo para a sensação de que os homens são mais capacitados para coordenar a produção e obter retorno financeiro.

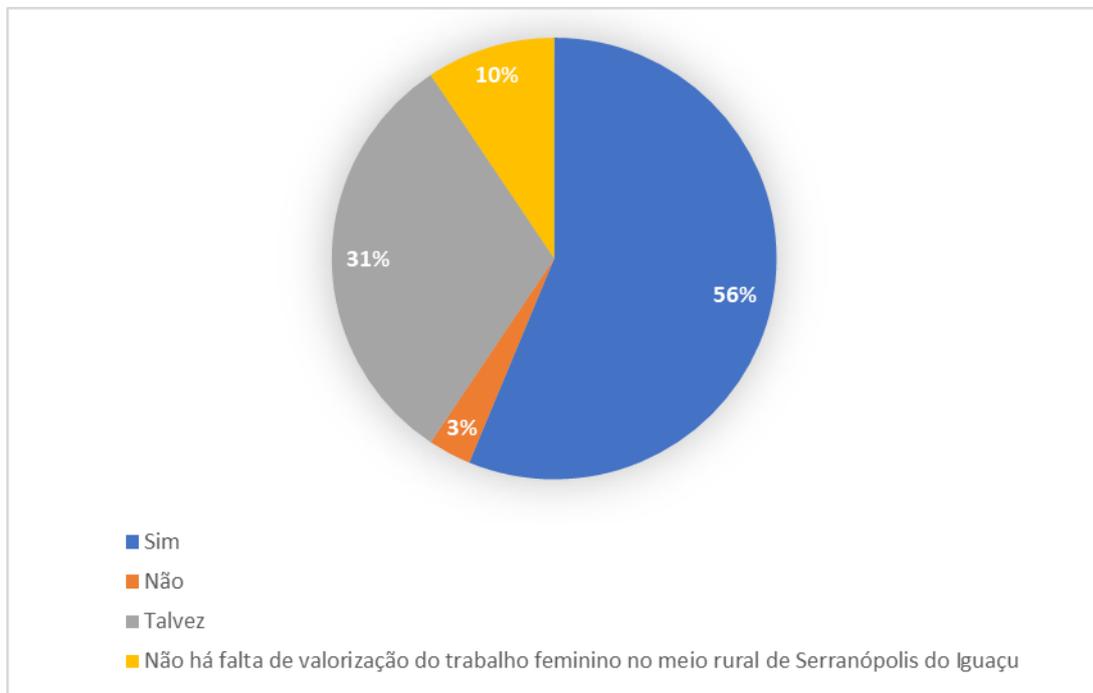
No entanto, é importante ressaltar que a realidade tem mudado gradativamente. Muitas mulheres têm se capacitado para assumir funções de liderança e gestão de propriedades rurais, o que tem contribuído para uma mudança de mentalidade no meio rural. Cada vez mais, as mulheres têm demonstrado que são capazes de liderar e tomar decisões importantes para o desenvolvimento do meio rural.

A falta de valorização do trabalho feminino no meio rural de Serranópolis do Iguçu/PR mostra-se um dos fatores, diretos ou indiretos, que estimula as jovens a migrarem para o espaço urbano em busca de melhores oportunidades e reconhecimento. Como mencionado nos relatos coletados, a tradição e cultura machista continuam presentes na região, limitando a participação das mulheres nas atividades agrícolas e restringindo seu papel ao cuidado da casa e da família, muitas vezes sendo prejudicadas no processo de sucessão. Como destacou uma das jovens, “mulheres ganhavam enxoval e eram preparadas para ser donas de casa, o homem desde cedo fazia parte dos negócios.” Outra relatou relacionado a sucessão “Geralmente as coisas ficam sob responsabilidade dos filhos homens.”, ou seja, mesmo que dividido em partes iguais a herança, quem continua a comandar são os filhos homens, ficando para as mulheres parte das rendas advindas da terra que lhes pertencem.

Outro dado que chama atenção é que, para 18 dos 32 respondentes, há falta de valorização do trabalho feminino no meio rural de Serranópolis do Iguçu/PR (Gráfico 17). Esses dados evidenciam a percepção dos jovens sobre a realidade da desigualdade de

gênero no meio rural de Serranópolis do Iguaçu, que tem influência no êxodo rural feminino. Essa falta de valorização do trabalho feminino no campo pode levar as jovens a enxergarem a cidade como um espaço mais acolhedor e justo para desenvolverem suas habilidades e carreiras. Além disso, a discriminação de gênero no meio rural pode reforçar estereótipos negativos sobre a capacidade das mulheres em trabalhar na agricultura e serem líderes em suas comunidades rurais, o que pode desencorajar as jovens a permanecerem no campo.

Gráfico 18: A falta de valorização do trabalho feminino no meio rural de Serranópolis do Iguaçu/PR estimula as jovens a migrarem para o espaço urbano?



Fonte: Elaboração própria.

Em suma, a pesquisa revelou que o êxodo rural entre jovens em Serranópolis do Iguaçu/PR tem sido encabeçado fundamentalmente por mulheres. Além disso, a maioria dos entrevistados acredita que no meio rural os homens são mais valorizados do que as mulheres. Esse resultado vai de encontro com um conjunto amplo de estudos que identificam a questão de gênero e geração como elementos centrais para entender o tema do êxodo rural (CASTRO, 2005; TROIAN, 2014; TROIAN; BREITENBACH, 2017; HERMES, 2017; MAZIERO et al. 2019). No entanto, uma parcela da juventude local discorda dessa divisão de tarefas de gênero e defende uma maior participação das mulheres nas atividades produtivas no campo. A pesquisa revelou que a maioria dos

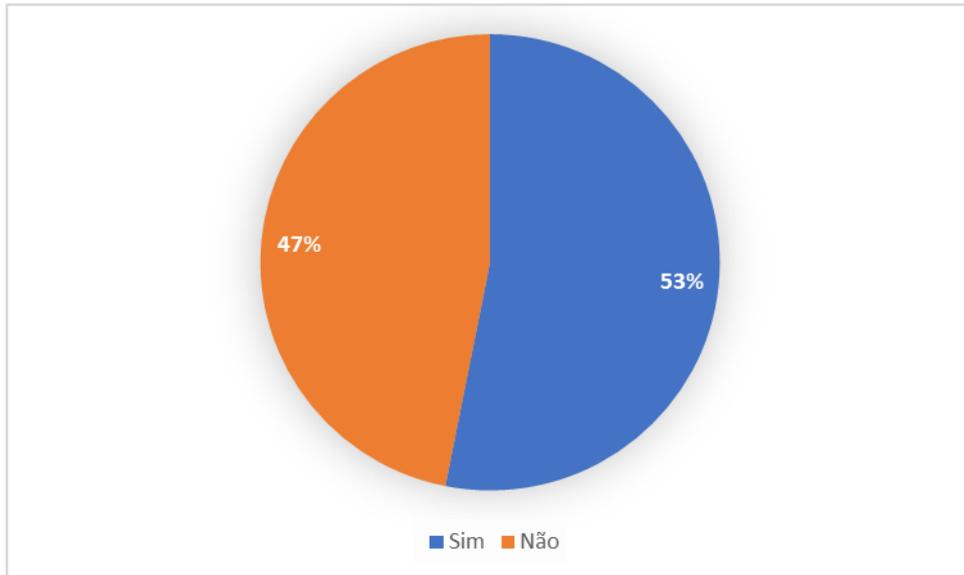
jovens percebe a predominância masculina nas decisões familiares no meio rural, mas nem todos identificam uma desvantagem para as mulheres no processo sucessório. Esses resultados evidenciam a importância de se discutir e refletir sobre as relações de gênero no meio rural e de se buscar alternativas para uma maior inclusão e valorização das mulheres na produção rural. Outro questionamento importante diz respeito às perspectivas dos jovens pesquisados em retornar para o espaço rural, que será abordado na próxima seção.

5.4 PERSPECTIVAS DOS JOVENS EM RETORNAR PARA O MEIO RURAL

A presente seção tem como objetivo explorar as perspectivas dos jovens em relação ao retorno ao meio rural, compreendendo as motivações, as aspirações e os desafios enfrentados por esses jovens ao considerar essa decisão. Serão apresentados os resultados obtidos durante a pesquisa, revelando as diversas perspectivas dos jovens em relação ao retorno para o meio rural. Também serão discutidos os fatores que influenciam essa decisão, bem como os desafios enfrentados pelos jovens ao buscar se estabelecer e prosperar nas comunidades rurais.

Ao investigar se os jovens entrevistados têm a intenção de seguir a profissão de seus pais no meio rural, os resultados revelaram uma perspectiva interessante. Dos 32 jovens questionados, apenas 12,5% expressaram o desejo de seguir os passos de seus pais, ou seja, tem interesse em seguir a mesma profissão. Contudo, ao modificar a pergunta para “você tem alguma intenção de voltar a morar no meio rural?” as respostas em sua maioria foram positivas, demonstrando que 53% dos jovens tem o desejo de voltar a morar no campo (Gráfico 18).

Gráfico 19: Você tem alguma intenção de voltar a morar no meio rural?



Fonte: Elaboração própria.

Portanto, embora não tenham a intenção de seguir a profissão de seus pais (agricultores), muitos jovens têm um forte vínculo com o meio rural e consideram a possibilidade de viver ali novamente. Essa divisão nas respostas reflete a complexidade das perspectivas dos jovens em relação ao campo. Cenci e Víctora (2019) identificaram que o retorno ao meio rural, em certos casos, está associado ao fenômeno do neoruralismo, o qual reconhece que a vida urbana e industrial é altamente condicionada e impõe um elevado controle social sobre o indivíduo. Nesse contexto, o neoruralismo não necessariamente prioriza objetivos econômicos, podendo a busca por uma experiência prazerosa ser a motivação principal para a mudança para o meio rural. Esse fenômeno tem sua origem na busca existencial do indivíduo, que procura satisfazer seus desejos e aspirações, e não apenas suas necessidades básicas, sem desconsiderar sua relevância social.

Com isso é importante aprofundar o debate com a pesquisa de Breitenbach e Corazza (2017), que analisaram motivos pelos quais os jovens desejam continuar a residir no meio rural em uma pesquisa realizada no município de Alto Alegre/RS, no qual se destacou a possibilidade de alimentação e moradias com custo mais acessível no campo, que foi apontada por 53,4% dos jovens analisados. Outro motivo é o incentivo financeiro, bem como o apoio de órgãos cooperativos, órgãos privados ou públicos que possui interferência positiva para 36,7% dos jovens. Quando questionados sobre a valorização do trabalho agrícola pela sociedade, apenas 26,7% dos jovens, destes sendo 17,6% das moças e 38,5% dos rapazes, apontam este fator como condicionante para ficar no meio

rural.

Esses resultados sugerem que o custo de vida mais acessível e os incentivos financeiros são aspectos que atraem os jovens para o meio rural. No entanto, a valorização do trabalho agrícola pela sociedade ainda não é amplamente percebida como um fator determinante para a escolha de permanecer no campo. As autoras Breitenbach e Corazza (2017) também observaram que os jovens do sexo masculino estão mais interessados em se tornarem gestores e herdeiros das unidades produtivas em que trabalham. Este fato pode estar relacionado com a educação e conhecimentos transmitidos principalmente aos filhos homens, com o objetivo de assumir responsabilidades produtivas no futuro. Além disso, permanecer ou retornar ao meio rural não significa fracasso ou derrota para os jovens, pode ser uma escolha feita pelo desejo de estar próximos de familiares, amigos e parentes, compartilhando os mesmos códigos e valores, além de ter acesso a bens materiais e simbólicos que, no passado, eram disponíveis somente nas cidades.

Essas considerações apontam para a complexidade dos fatores que influenciam a decisão dos jovens em permanecer ou retornar ao meio rural. Questões econômicas, sociais, culturais e de gênero desempenham um papel importante nesse processo, e é fundamental compreender e abordar esses aspectos para promover uma visão mais abrangente e inclusiva do trabalho agrícola e do desenvolvimento rural.

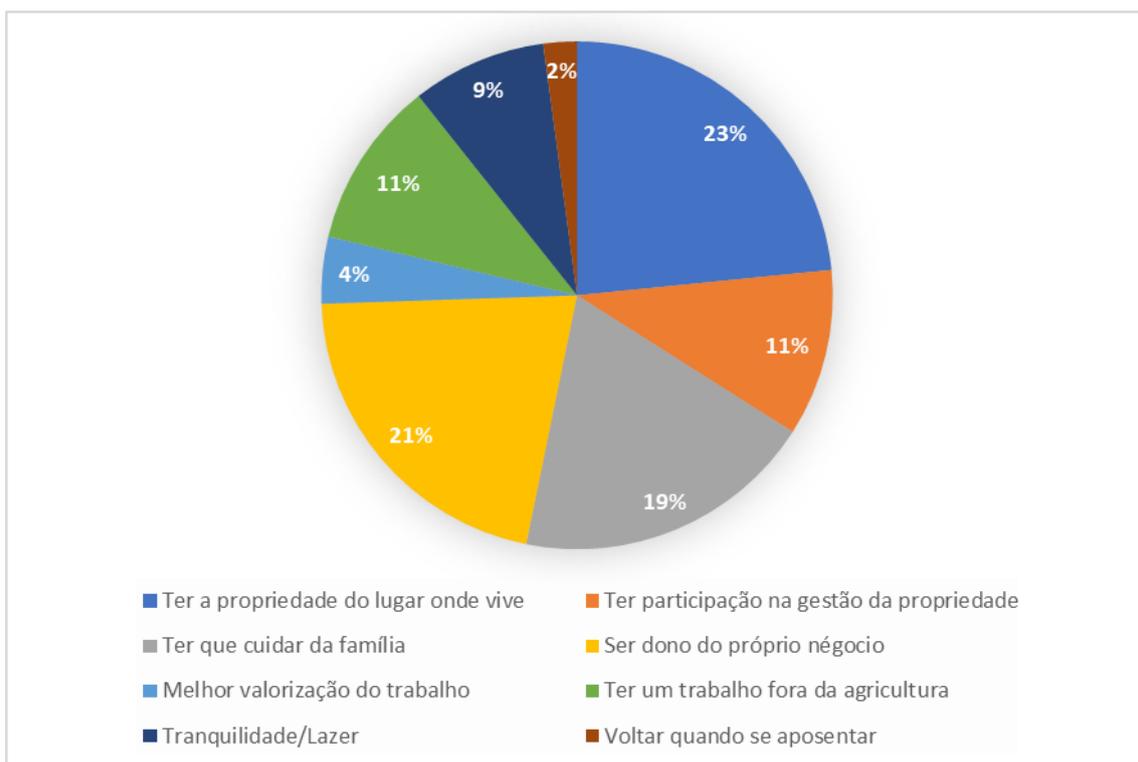
O questionário respondido pelos jovens pesquisados de Serranópolis do Iguaçu/PR ainda indagava sobre o fator determinante para voltar a morar no meio rural, em que foram apresentadas diversas alternativas para que pudessem expressar suas preferências e também foi deixado um campo para preenchimento caso seu fator determinante não estaria completado nas alternativas disponíveis. Os resultados revelaram uma variedade de motivações e prioridades entre os participantes.

Entre os fatores mais apontados pelos jovens, destaca-se o desejo de ter a propriedade do lugar onde viveram, com 23% dos entrevistados indicando essa como uma razão determinante para retornar ao meio rural. A ideia de ter autonomia e controle sobre seu próprio espaço e recursos desperta um forte apelo para esses jovens, que veem nessa oportunidade a possibilidade de construir um futuro sustentável e seguro. Outro fator significativo mencionado por 11% dos jovens é a perspectiva de ter participação na gestão da propriedade. Esse aspecto ressalta o desejo de envolvimento ativo nas decisões relacionadas ao uso da terra e às atividades agrícolas, buscando uma maior influência e autonomia na condução dos negócios familiares.

Além disso, 19% dos jovens expressaram que a responsabilidade de cuidar da família é um fator determinante para retornar ao meio rural. Essa motivação está ligada à importância dos laços familiares, do senso de comunidade e do apoio mútuo que são valorizados no contexto rural. Para 21% dos jovens entrevistados, ser dono do próprio negócio foi destacado como um fator decisivo para o retorno ao meio rural. A oportunidade de empreender e ter controle sobre sua própria fonte de renda é um atrativo relevante para esses jovens, que veem na vida rural a chance de construir sua própria trajetória profissional. Outras razões mencionadas incluem a melhor valorização do trabalho (4%), a possibilidade de ter um trabalho fora da agricultura (11%), a tranquilidade e o lazer (9%) e a perspectiva de retornar ao campo para descansar quando se aposentar (2%).

Esses resultados demonstram que a decisão de retornar ao meio rural é influenciada por uma variedade de fatores, incluindo aspectos relacionados à posse da terra, gestão da propriedade, responsabilidades familiares, oportunidades de negócio e estilo de vida. A fim de visualizar de forma mais clara e concisa os resultados obtidos, os dados coletados foram representados no Gráfico 19, que ilustra os fatores determinantes para o retorno dos jovens ao meio rural.

Gráfico 20: Qual fator determinante para você voltar a morar no meio rural?



Fonte: Elaboração própria.

A análise dos resultados revelou uma diversidade de perspectivas e motivações entre os jovens em relação ao retorno ao meio rural. Enquanto alguns jovens expressaram o desejo de retomar as atividades agrícolas familiares, outros optam por explorar oportunidades em áreas urbanas, em busca de maior crescimento profissional e acesso a serviços e infraestrutura. Essa heterogeneidade de visões ressalta a importância de adotar abordagens multifacetadas na promoção do retorno e da permanência dos jovens no meio rural. Ficou evidente que fatores como a posse da terra, a gestão da propriedade, a participação nas decisões familiares e as oportunidades de empreendedorismo desempenham um papel significativo na decisão dos jovens em retornar ao campo. Além disso, a valorização do trabalho, a possibilidade de diversificação de atividades e a busca por tranquilidade também influenciam suas escolhas.

Essa descoberta levanta importantes questionamentos sobre a transmissão intergeracional de conhecimentos e habilidades no meio rural, bem como sobre as aspirações e expectativas dos jovens em relação ao seu próprio futuro. Ao analisarmos as repostas abertas realizadas aos jovens no questionário nos deparamos com os seguintes apontamentos:

Minhas perspectivas para o futuro é tentar conciliar a minha vida na cidade e começar a focar mais na área agrícola, tentar ajeitar para arrendar uns pedaços de terra.

Eu tenho vontade de voltar para o interior, mas do jeito que está hoje é difícil. Penso em me estabelecer financeiramente e futuramente, talvez voltar para o interior. Mas hoje, pra mim, no meu ponto de vista, é melhor a cidade para eu poder conseguir mais renda, para futuramente poder investir no interior. Eu tenho bastante vontade.

Eu gostaria de voltar para o interior, mas de hoje, mas no momento prefiro ficar aqui na cidade.

(...) para mim, no futuro, a gente pensa em investir no interior. Vê se dá certo esse negócio de eu morando aqui e tocando um negócio lá. E se não der certo, eu vou para lá. Eu abandono que tem aqui e vou para lá. Por mim não tem problema fazer isso, até porque eu gosto do interior, mas hoje seria melhor aqui. Mas se não der, vou para lá.

Esses depoimentos revelam a existência de um dilema enfrentado pelos jovens em relação ao seu futuro no meio rural. Eles expressam um desejo de retornar ou se estabelecer no interior, mas também reconhecem as limitações atuais e optam por buscar oportunidades na cidade para obter uma renda melhor e, posteriormente, investir no meio rural. Além disso, as expectativas em relação ao futuro podem ser influenciadas por fatores como estabilidade financeira e incerteza quanto ao sucesso de empreendimentos rurais. Os jovens expressam a vontade de investir no interior, mas também ponderam

sobre a possibilidade de o negócio não dar certo. Essa preocupação pode ser um reflexo das dificuldades enfrentadas pelos agricultores e do receio de assumir riscos sem uma base sólida. No entanto, é notável que, apesar das incertezas, esses jovens mantêm um vínculo emocional com o meio rural. Eles expressam o desejo de voltar para o interior, mencionam gostar do ambiente rural e consideram a possibilidade de abandonar a vida na cidade caso suas investidas no campo sejam bem-sucedidas.

De encontro a esses apontamentos, quando perguntado se preferem morar na cidade ou no campo, foi inquerido o porquê da escolha.

Atualmente na cidade, pois aqui consigo adquirir ganhos financeiros para me manter e poder poupar, porém meu desejo futuro é voltar a morar no campo, investir dinheiro lá para se ter uma renda financeira e se manter.

Na cidade por acessibilidade a supermercado, farmácia, academia, comida. Mas, eu voltaria sim a morar no campo ou ter um sítio, se um dia minha condição financeira permitir ou meus pais precisarem. Hoje já tenho um pensamento bem diferente de quando sai da casa dos meus pais, pois não tinha muito incentivo pra ficar no campo, e gostava de outra área, então fui em busca do que eu achava que gostava e ia ser bom pra mim. Mais no caminho a gente aprende. E num futuro próximo, eu gostaria muito que meus filhos fossem criados como eu e meus irmãos fomos, com acompanhamento dos pais, eles trabalhavam sim, mais era diferente... eles sempre estavam ali perto quando precisasse.

Esses relatos revelam a complexidade das decisões que os jovens rurais enfrentam em relação ao seu futuro. Equilibrar as oportunidades na cidade com a vontade de manter a conexão com o meio rural é um desafio que requer consideração cuidadosa das circunstâncias individuais, expectativas e aspirações. A análise dessas respostas abertas destaca a importância de compreender as perspectivas dos jovens e buscar soluções que possam promover o desenvolvimento do meio rural.

Os resultados revelaram que os jovens têm motivações diversas para retornar ao meio rural, que vão além da intenção de seguir a profissão dos pais. Essas motivações incluem a possibilidade de ter a propriedade do lugar onde vivem, participação na gestão da propriedade, responsabilidade familiar e a oportunidade de ter o próprio negócio. A posse da terra foi identificada como um fator determinante para o retorno dos jovens ao meio rural, assim como o desejo de ter autonomia e controle sobre seu próprio espaço e recursos. A responsabilidade de cuidar da família e o desejo de compartilhar a vida em comum com familiares, amigos e parentes são outros fatores que influenciam a decisão dos jovens de retornar ao meio rural, visto que a importância dos laços familiares e do senso de comunidade no contexto rural foi ressaltada pelos participantes.

Essas confirmações reforçam a importância de adotar abordagens multifacetadas na promoção do retorno e da permanência dos jovens no meio rural. É fundamental considerar as motivações e necessidades individuais dos jovens, bem como criar

condições favoráveis que incentivem o empreendedorismo, a participação ativa e a valorização do trabalho rural. Além disso, a criação de políticas e programas que facilitem o acesso à terra e incentivem a gestão participativa e inclusiva pode contribuir para atrair e reter os jovens no meio rural.

Em Serranópolis do Iguaçu, assim como em muitas outras localidades do Brasil, há de se relativizar o que é urbano e o que é rural. Estamos vivenciando um período de transição entre a antiga ruralidade, em que o destino das áreas rurais era determinado principalmente pela promoção das atividades primárias realizadas em seu interior e pelas abordagens adotadas para isso, e uma nova ruralidade, cujo conteúdo exige a superação de dicotomias, como a rígida oposição entre o meio rural e o urbano, o campo e a cidade. Neste tema, uma das principais questões na nova ruralidade é como conciliar a vontade de viver no campo com a necessidade de sustento econômico. Muitas pessoas desejam se mudar para áreas rurais, mas querem continuar trabalhando em atividades urbanas ou em novos negócios relacionados ao campo, como turismo rural, produção de alimentos orgânicos, artesanato, entre outros.

Essa nova ruralidade representa uma mudança na forma como as pessoas enxergam o campo, buscando uma vida mais conectada com a natureza. Wanderley (2000) considera o meio rural como um espaço produtivo que não se restringe apenas aos agricultores, mas também é adotado por outros indivíduos ou grupos envolvidos em diferentes atividades produtivas, como mineração e indústria. Além disso, é evidente que os próprios agricultores têm um "projeto residencial" no meio rural, defendendo-o não apenas como um espaço econômico, mas principalmente como um lugar para viver. Da mesma forma, uma parcela significativa dos agricultores também adere ao discurso ambientalista, criticando o modelo produtivista de uso dos recursos naturais e demonstrando sensibilidade em relação à preservação ambiental. Por fim, é importante destacar que trabalhadores industriais e a classe média que residem no campo também podem ter projetos "produtivos" para suas propriedades rurais, sem qualquer impedimento.

Os jovens também estão adotando essa perspectiva, mesmo que estejam trabalhando em áreas urbanas. Cada vez mais, os jovens valorizam a qualidade de vida, a conexão com a natureza e a busca por um estilo de vida mais sustentável e autêntica. Eles enxergam o meio rural como um refúgio, um lugar para se reconectar com suas raízes, encontrar tranquilidade e equilíbrio. Assim, mesmo exercendo atividades profissionais nas cidades, muitos jovens têm o desejo de ter um projeto de vida no campo,

seja por meio de propriedades rurais, iniciativas empreendedoras relacionadas ao meio rural ou até mesmo por meio de experiências temporárias, como o turismo rural. Para eles, o rural representa um modo de vida que vai além do aspecto puramente econômico, agregando valores de sustentabilidade, bem-estar e identidade cultural, além de se reaproximar ou se reconectar com algumas redes de sociabilidade que foram se enfraquecendo com a mudança para o meio urbano.

Os resultados da pesquisa mostraram que, embora uma parcela significativa dos jovens não tenha interesse em seguir a profissão de seus pais, eles têm um forte vínculo emocional com o meio rural e consideram a possibilidade de viver nesse ambiente novamente. E, neste tema, existe uma diversidade de perspectivas acerca das motivações dos jovens em relação ao retorno ao campo. Enquanto alguns buscam a autonomia e o controle sobre sua própria propriedade, outros valorizam a participação na gestão da propriedade familiar. Além disso, a responsabilidade de cuidar de algum familiar e/ou o desejo de empreender também são fatores determinantes para o retorno ao meio rural.

No entanto, também foram identificados desafios enfrentados pelos jovens em relação ao retorno ao meio rural. A falta de participação ativa e de autonomia nas decisões relacionadas à propriedade rural, a falta de voz e a exclusão podem desmotivar os jovens a permanecer no campo. Além disso, incertezas econômicas e receios de assumir riscos sem uma base sólida também são considerações importantes na tomada de decisão dos jovens.

O contexto diverso, heterogêneo e multifacetado do retorno dos jovens ao meio rural evidencia a importância de compreender suas perspectivas e aspirações individuais, bem como promover uma visão abrangente e inclusiva do trabalho agrícola e do desenvolvimento rural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar as causas da evasão de jovens do meio rural no município de Serranópolis do Iguaçu/PR. A partir da pesquisa com 32 jovens, observou-se que a maioria dos jovens que participaram da pesquisa eram do sexo feminino, representando 87,7%, o que indica um maior fluxo de migração das mulheres para as áreas urbanas após a conclusão do ensino médio. Os principais motivos citados pelos jovens quando deixarem a área rural foram a busca por oportunidades de estudo e trabalho, representando 50% das respostas, seguido por razão somente de trabalho (31,3%) e por fim somente para estudar (18,8%). Esses fatores estão alinhados com outras pesquisas já realizadas em outros locais, que apontam para as cidades como fornecedoras de uma gama de oportunidades de trabalho, melhores condições de vida e um ambiente de trabalho menos desgastante e incerto.

Desta maneira, podemos afirmar que uma das causas de evasão rural de jovens em Serranópolis do Iguaçu/PR se dá pela busca de oportunidades de estudo e trabalho, visando melhores condições de vida e de trabalho, e também realização pessoal. Além disso, observou-se que a falta de recompensa financeira adequada, a ausência de participação nos lucros da propriedade e a falta de poder de decisão na propriedade rural foram fatores influentes na decisão dos jovens de deixarem o meio rural. A percepção de falta de valorização do trabalho feminino no meio rural também foi identificada como um fator que estimula as jovens a migrarem para o espaço urbano, indicando a persistência de uma cultura patriarcal na região.

Dentre os objetivos específicos, o primeiro foi identificar características dos jovens e os fatores de atração para o espaço urbano. Neste ponto, identificamos que a maior parte dos jovens que efetuaram o êxodo são do sexo feminino (87,5%) e a maioria dos pesquisados residem em área urbana nos municípios de Serranópolis do Iguaçu/PR e Medianeira/PR, ainda que outros estejam espalhados por outros municípios do estado do Paraná, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e Pará. Outra questão importante, e que foi de encontro com estudos já realizados, é que todos os jovens que evadiram do campo começaram ensino superior, ou seja, nenhum ficou sem dar continuidade aos estudos após a término do ensino médio. Nesse sentido, é um fator primordial de atração dos jovens para o espaço urbano a busca pelos estudos, já que no município não há oferta de ensino superior.

Com isso, adentramos no próximo objetivo específico, que foi descrever como as relações de gênero podem influenciar o êxodo rural do município. Conforme pesquisa realizada, afirmamos que os homens são mais valorizados no meio rural do município, pois observou-se que, para 87% dos entrevistados, os homens são quem tem maior poder de mando na propriedade rural. Além disso, verificou-se que as mulheres enfrentam desvantagens nos processos sucessórios. A falta de valorização do trabalho feminino no meio rural de Serranópolis do Iguaçu/PR é um dos fatores, diretos ou indiretos, que estimula as jovens a migrarem para o espaço urbano em busca de melhores oportunidades e reconhecimento.

Em relação ao último objetivo específico desta dissertação, que visava identificar a perspectiva dos jovens em relação ao retorno ao meio rural, se concluiu que ela é variada e multifacetada. Apenas uma minoria expressou o desejo de seguir a profissão de seus pais, indicando uma mudança nas aspirações e expectativas dos jovens em relação ao seu próprio futuro. A posse da terra e a autonomia sobre o espaço e os recursos são fatores condicionantes para muitos jovens retornem ao campo. A participação na gestão da propriedade também é fator relevante, revelando o desejo dos jovens de terem voz ativa nas decisões relacionadas ao uso da terra e aos negócios familiares. Isso evidencia uma busca por maior influência e autonomia na condução das atividades rurais.

O espírito empreendedor e de inovação estão presentes nos jovens pesquisados, e para que seja possível esse retorno, desejam ser donos do próprio negócio e ter controle sob a fonte de renda. Ainda, a responsabilidade de cuidar da família e a importância dos laços familiares e comunitários foram mencionadas como motivadores para o retorno ao meio rural. Outros fatores mencionados, como a melhor valorização do trabalho, a possibilidade de ter um trabalho fora da agricultura, a tranquilidade e o lazer, e a perspectiva de retornar ao campo para descansar quando se aposentar, demonstram que a decisão de retornar ao meio rural é influenciada por uma variedade de motivos e expectativas.

Diante dessas perspectivas dos jovens em retornar para o meio rural, é fundamental promover o diálogo intergeracional, valorizando o conhecimento e as experiências dos mais velhos, ao mesmo tempo, em que se abre espaço para as inovações e novas abordagens trazidas pelos jovens. A transmissão de conhecimentos e habilidades no meio rural deve ser repensada de forma a integrar o conhecimento tradicional com as demandas e desafios contemporâneos.

Compreender as perspectivas dos jovens em relação ao retorno ao meio rural é essencial para o desenvolvimento sustentável destas áreas. Ao reconhecer e apoiar as motivações e expectativas dos jovens, podemos construir um futuro rural dinâmico e próspero, onde eles possam encontrar realização pessoal e profissional, ao mesmo tempo em que contribuem para o crescimento e a sustentabilidade das comunidades rurais.

A partir da pesquisa realizada é necessário a implementação de políticas públicas voltada aos jovens rurais e que devem ser implementadas no município, como, a criação de programas de estímulo ao empreendedorismo rural juvenil, com acesso facilitado a recursos financeiros e técnicos. Além disso, a implementação de políticas voltadas para a capacitação e educação técnica específica para o setor agrícola, visando fornecer aos jovens as habilidades necessárias para prosperarem em ambientes rurais.

Diante dessas conclusões, é essencial desenvolver políticas e iniciativas que promovam melhores condições de vida, oportunidades de emprego e participação ativa dos jovens nas decisões relacionadas ao meio rural. É fundamental valorizar o trabalho feminino no campo, reconhecendo suas contribuições e promovendo a igualdade de gênero. Também é necessário fortalecer a agricultura familiar, integrar o conhecimento tradicional com as demandas contemporâneas e criar um ambiente mais atrativo e sustentável para os jovens no meio rural. Ao adotar abordagens inclusivas e fortalecer os laços entre o meio rural e urbano, é possível construir um futuro no qual os jovens possam contribuir para o desenvolvimento sustentável de Serranópolis do Iguaçu/PR, equilibrando o êxodo rural com a preservação e revitalização das comunidades rurais.

Outra medida necessária que poderia melhorar esta situação seria adotar iniciativas que proporcionem oportunidades de estudo, incluindo a oferta de ensino superior e programas de capacitação profissional no município de Serranópolis do Iguaçu/PR, uma vez que podem contribuir para reter os jovens nas áreas rurais, sem a necessidade de longos deslocamento para outras cidades.

Quanto a possíveis pesquisas futuras, sugere-se estudar os desafios enfrentados pelos jovens que decidem retornar ao meio rural e as estratégias construídas por eles para a sua reintegração ao ambiente rural, especialmente no que diz respeito ao empreendedorismo e inovação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Desafios impostos pela volta do homem ao campo**. 2000. Disponível em: <<https://ricardoabramovay.com/2000/10/desafios-impostos-pela-volta-do-homem-ao-campo/>>. Acesso em: 19 jan 2022.
- BRASIL. **Lei nº 12.852**, de 5 de Agosto de 2013. Planalto.gov.br. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- BREITENBACH, Raquel ; CORAZZA, Graziela. ¿Ser o no sucesor? A qué aspira la juventud rural de Rio Grande do Sul. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 19, n. 3, p. 1–23, 2021. Disponível em: <<https://revistaumanizales.cinde.org.co/rllcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/4093>>. Acesso em: 14 Mar. 2022.
- BÜLOW, Isolde. SCHOFFEN, Isaltino José. **Memórias de Flor da Serra de 1955 a 1996**. Inter-Gráfica. Serranópolis do Iguaçu, 1996.
- CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. IPEA, Rio de Janeiro, 1999.
- CARNEIRO, Fernando Ferreira. PESSOA, Vanira Matos. ARRUDA, Carlos André Moura. FOLGADO, Cleber Adriano Rodrigues. SOARES, Rackynelly Alves Sarmento. KIRSCH, Rosana. TYGEL, Alan Freihof. CARVALHO, Priscila Delgado. **Teias de um Observatório para a saúde das populações do campo, da floresta e das águas no Brasil**. Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 8(2), 275-293, jun, 2014.
- CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude rural: “apenas uma palavra” ou “mais que uma palavra”**. Título do GT: Ruralidade na Sociedade Contemporânea: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro, 2005.
- CENCI, Alexander. VÍCTORA, Ceres Gomes. **De volta ao que nunca foi: análise de trajetória de vida de agricultores “neo-rurais” participantes da rede agroecológica metropolitana - RAMA**. XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre (RS), 2019.
- DICIONÁRIO ONLINE. **Êxodo rural**. Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/exodo/>>. Acesso em: 18 Jan. 2022.
- FARIA, Guélmer Júnior Almeida. FERREIRA, Maria Da Luz Alves. PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha. Exôdo rural feminino, gênero e ruralidades: consequências da migração da juventude rural feminina do Distrito de Muquém – Mirabela/MG. **Revista Grifos** N. 47, 2019.
- FARIAS, Leonardo. DAVID, Marli Neri. MELO, Verena Novaes. **Êxodo Rural do Jovem no Estado da Bahia**. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo/SP, 2015.

FEIJÓ, Ricardo Luis C. Economia Agrícola e Desenvolvimento Rural. Grupo GEN, 2010. 978-85-216-1986-4. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-1986-4/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FERRAZ, Lucimare. PAULY, Ligiane. BADALOTTI, Rosana Maria. KOLHS, Marta. **Homem idoso que trabalha no campo: vulnerabilidades individuais, sociais e programáticas**. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba. V. 7 - Nº 01 - Ano 2018.

FROEHLICH, José Marcos. RAUBER, Cassiane da Costa. CARPES, Ricardo Howes. TOEBE, Marcos. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. **Revista Ciência Rural**, Santa Maria, v.41, n.9, p.1674-1680, set, 2011.

GERVAZIO, Wagner.; BATISTA, Eliane.; CAVALCANTE, Luciano dos Santos. O Êxodo Da Juventude Camponesa: Campo Ou Cidade? 2014. Disponível em: <<https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/16424/10345>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Edição. Cidade: São Paulo/SP. Editora Atlas S.A., 2002.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Grupo Anima Educação. Belo Horizonte, 2014.

HAMANN, Leandro Jair. **O êxodo rural e suas consequências para o Distrito de Manchinha-Três de Maio - RS**. Ufrgs.br, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180175>>. Acesso em: 19 Jan. 2022.

HERMES, Leila Cristina Pilger. **Envelhecimento e masculinização no meio rural em Tiradentes do Sul, RS**. UFRGS. Porto Alegre, 2017.

IBGE Educa. **População Rural e Urbana**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>>. Acesso em: 26 maio 2022.

IBGE. **Portal do IBGE**. Ibge.gov.br. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

KUMMER, Rodrigo. COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**, volume 20, número 39. 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, L. P. de. **Clima e Forma Urbana: Método da avaliação de efeito das condições climáticas locais nos graus de conforto térmico e no consumo de energia elétrica em edificações**. 2005. 153f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). CFET, Curitiba/PR,

2005. 153 p.

MAPBIOMAS, Brasil. **Mapbiomas.org**. Disponível em: <<https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

MARQUES, Zênio Schuquel. **Os Intelectuais “Contemporâneos” e o Debate Atual Sobre o Êxodo Rural No Brasil: Uma Abordagem Sociológica**. Universidade Federal Da Fronteira Sul. Erechim, 2014.

MAZIERO, Celí. GODOY, Cristiane Maria Tonetto. CAMPOS, José Ricardo da Rocha. Mello, Nilvania Aparecida. **O lazer como fator de permanência e reprodução social no meio rural: estudo do município de Saudade do Iguaçu, PR**. UTFPR. Campo Grande, MS, v. 20, n. 2, p. 509-522, abr./jun. 2019.

MEDEIROS, Leonilde Servolo. QUINTANS, Mariana Trotta Dallalana. ZIMMERMANN, Sílvia Aparecida. Rural e urbano no Brasil: marcos legais e estratégias políticas. **Contemporânea**. ISSN: 2236-532X v. 4, n. 1 p. 117-142 Jan.–Jun. 2014.

MEMÓRIAS DE SERRANÓPOLIS DO IGUAÇU, **Facebook**. Facebook.com. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1803143166668953>>. Acesso em: 2 ago. 2022.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, **Secretaria Especial do Desenvolvimento Social**. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/brasil-amigo-da-pessoa-idosa/estrategia-1>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

MIRANDA, Ângelo Tiago. **Urbanização do Brasil: Conseqüências e características das cidades**. 2013. Uol.com.br. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/urbanizacao-do-brasil-consequencias-e-caracteristicas-das-cidades.htm>>. Acesso em: 31 maio 2022.

OLIVEIRA, Filipe. **Êxodo Rural**. Educa Mais Brasil. 2019 Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/geografia/exodo-rural>>. Acesso em: 02 Fev. 2022.

OLIVEIRA, Luciano Benini. RABELLO, Diógenes. FELICIANO, Carlos Alberto. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. **Revista Pegada** – vol. 15 n.1, julho. 2014

PENA, Rodolfo F. Alves. **Êxodo rural no Brasil. O êxodo rural no Brasil e seus efeitos**. Mundo Educação. 2022. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/Exodo-rural-no-brasil.htm>>. Acesso em: 21 Jan. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL. **Município de Serranópolis do Iguaçu - Paraná - Brasil**. Pr.gov.br. Disponível em: <<http://www.serranopolis.pr.gov.br/>>. Acesso em: 14 Mar. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar, **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**, 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013. Disponível em:

<<https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>, Acesso em: 25 nov. 2022.

ROCHA, Alberto Alves. BARCHET, Isabela. O rural e o urbano no estado do Paraná. **Boletim de Geografia**, v. 33, n. 2, p. 115 - 126, 16 dez. 2015.

ROCHA, Pedro Ernesto. VARGAS, Larissa. **A descaracterização de imóvel rural sob a ótica do INCRA**. Disponível em: <[https://www.vlf.adv.br/noticia_aberta.php?id=794#:~:text=A%20Lei%204.504%2F64%20\(1,extrativa%20vegetal%2C%20florestal%20ou%20agroindustrial.](https://www.vlf.adv.br/noticia_aberta.php?id=794#:~:text=A%20Lei%204.504%2F64%20(1,extrativa%20vegetal%2C%20florestal%20ou%20agroindustrial.)>. Acesso em: 25 maio 2022.

RODRIGUES, Maria Telma de Aquino; ARAÚJO, Cleyton de Almeida; LIMA, Deneson Oliveira; LIMA, Conceição Maria Dias. Êxodo Rural: perspectivas dos jovens sobre a vivência em meio rural. **Diversitas Journal**. Santana do Ipanema/AL. vol. 5, n. 2, p.729-738, abr./jun. 2020.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Coletânea Histórica do Município de Serranópolis do Iguaçu**. Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes, 2011.

SIDRA . **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**. Ibge.gov.br. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca/brasil>>. Acesso em: 14 Mar. 2022.

SILVA, Vera Terezinha Carvalho Silva. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida sustentabilidade social e ambiental**. Porto Alegre : EMATER/RS-ASCAR, 2007.

SILVA, Wellington. **Êxodo rural**. InfoEscola. 2014. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geografia/exodo-rural/>>. Acesso em: 19 Jan. 2022.

SOUSA FILHO, Leonardo Norberto de. MARTINI, Luiz Carlos Pittol. **Imóveis rurais na marcha da expansão urbana em municípios catarinenses**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Agrárias. Curso de Agronomia, 2021.

SPANVELLO, Rosani Marisa. MATTE, Alessandra. ANDREATTA, Tanice. LAGO, Adriano. A Problemática do Envelhecimento no Meio Rural Sob a Ótica dos Agricultores Familiares Sem Sucessores. **Revista Desenvolvimento em Questão**. Editora Unijuí. ano 15, n. 40. p. 348-372, jul./set. 2017.

TROIAN, Alessandra. BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Revista Interações**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 4, p. 789-802, out./dez. 2018.

TROIAN, Alessandra. **Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS**. Tese doutorado em desenvolvimento rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

VERTHON. **Classificação do imóvel rural**. Jus.com.br. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/45208/classificacao-do-imovel-rural>>. Acesso em: 25 maio 2022.

- VINHOLI, Ana Carolina; MARTINS, Pedro. Agricultura Urbana e Êxodo Rural. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 43, n. 1, jan/jun, 2012, p. 66-79.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, p. 87-145. 15 outubro 2000.
- WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil da agricultura familiar Tese** (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.
- WESZ JUNIOR, Valdemar João. **O mercado da soja e as relações de troca entre produtores rurais e empresas no Sudeste de Mato Grosso (Brasil)**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2014.
- WESZ JUNIOR, Valdemar João. Soybean production in Paraguay: Agribusiness, economic change and agrarian transformations. **Journal of Agrarian Change**, v. 22, n. 2, p. 317-340, 2022.
- WHITE, Ben. Rural youth, today and tomorrow. **Ifad Research Series**. ISBN 978-92-9072-965-5, December 2019.
- ZOTIS, Tassia Scariot. **Causas e consequências da evasão de jovens da Comunidade Rural de São Vitor, Município de Camargo/RS**. Trabalho de conclusão. Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. UFRGS, Camargo. 2011.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS JOVENS

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Local de residência atual: _____
5. Qual sua escolaridade? () Ensino médio completo () Superior incompleto () Superior completo () Pós Graduação Outro: _____
6. Na cidade você: () Estuda e trabalha () Trabalha () Estuda Outro: _____
7. Você consegue se manter com sua própria renda? () Sim () Não
8. Seus pais ainda vivem na área rural? () Sim () Não
9. De onde provém, majoritariamente, a renda dos seus pais? () Lavouras () Pecuária () Turismo Outro: _____
10. A propriedade é enquadrada na agricultura familiar? () Sim () Não
11. Se seus pais vivem na área rural: Eles têm terra? () Sim, são proprietários da terra () Sim, são arrendatários da terra () Não () Eles não vivem mais na área rural
Qual a área de terra que possuem? (em hectares) _____
12. Se seus pais vivem na área rural: Algum irmão ou irmão ficou na propriedade? () Sim () Não () Eles não vivem mais na área rural
13. Terá algum sucessor? Quem e Por quê? _____
14. Quando você saiu da área rural? () 2010 () 2011 () 2012 () 2013 () 2014 () 2015 () 2016 () 2017 () 2018 () 2019 () 2020 () 2021 () 2022
15. Qual idade você tinha quando deixou a área rural? () 14 () 15 () 16 () 17 () 18 () 19 () 20 () 21 () 22 () 23 () 24 () 25 () 26 () 27 () 28 () 29
16. Dentro de uma perspectiva de satisfação em morar na cidade, responda entre 1 e 5: Insatisfeito () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 Muito satisfeito
17. Você saiu da área rural para: () Estudar () Trabalhar () Estudar e trabalhar Outro: _____
18. Dentre as alternativas abaixo, qual foi o 1º fator determinante mais importante na sua decisão de deixar a área rural? () Buscar novas oportunidades de trabalho e estudo

() Pouco incentivo à agricultura pela família () Busca de melhores condições de vida () Busca de trabalho mais leves e seguro () Falta de acesso à terra () Falta de recompensa financeira e participação nos lucros na propriedade rural () Não gostava das atividades agropecuárias () Falta de políticas de incentivos aos jovens da agricultura () Falta de autonomia e oportunidades na agricultura que possibilitem os jovens trabalharem independentemente dos pais. () Inexistência de espaços de lazer no campo () Companheiro/a morava na cidade ou possibilidade de encontrar um companheiro/a que não fosse do campo Outro: _____

19. Dentre as alternativas abaixo, qual foi o 2º fator determinante mais importante na sua decisão de deixar a área rural? () Buscar novas oportunidades de trabalho e estudo () Pouco incentivo à agricultura pela família () Busca de melhores condições de vida () Busca de trabalho mais leves e seguro () Falta de acesso à terra () Falta de recompensa financeira e participação nos lucros na propriedade rural () Não gostava das atividades agropecuárias () Falta de políticas de incentivos aos jovens da agricultura () Falta de autonomia e oportunidades na agricultura que possibilitem os jovens trabalharem independentemente dos pais. () Inexistência de espaços de lazer no campo () Companheiro/a morava na cidade ou possibilidade de encontrar um companheiro/a que não fosse do campo Outro: _____

20. Dentre as alternativas abaixo, qual foi o 3º fator determinante mais importante na sua decisão de deixar a área rural? () Buscar novas oportunidades de trabalho e estudo () Pouco incentivo à agricultura pela família () Busca de melhores condições de vida () Busca de trabalho mais leves e seguro () Falta de acesso à terra () Falta de recompensa financeira e participação nos lucros na propriedade rural () Não gostava das atividades agropecuárias () Falta de políticas de incentivos aos jovens da agricultura () Falta de autonomia e oportunidades na agricultura que possibilitem os jovens trabalharem independentemente dos pais. () Inexistência de espaços de lazer no campo () Companheiro/a morava na cidade ou possibilidade de encontrar um companheiro/a que não fosse do campo Outro: _____

21. Quando você morava no campo, a família reconhecia o trabalho que você realizava na propriedade? () Sim () Não () Parcialmente

22. Você tinha algum bem registrado em seu nome, emitia nota de algum produto, tinha a propriedade de algo ou somente ajudava a família no labor do campo? () Tinha bens no nome () Emitia nota dos produtos produzidos () Tinha propriedade de algo ()

Somente ajuda a família no trabalho diário (não era dono de nada).

23. Você tinha recompensa financeira e a participação nos lucros da propriedade rural?

() Sim () Não

24. Se sim, como isso ocorria? _____

25. Você tinha poder de mando na propriedade? () Sim () Não

26. Se não, quem detinha esse poder de mando na propriedade? () Pai () Mãe ()

Irmão ou Irmã () Pai e Mãe () Eu tinha poder de mando na propriedade Outro:

27. Você gostava de morar no campo? () Sim () Não () + ou –

28. Gostava das atividades agrícolas? () Sim () Não () + ou –

29. Você acha melhor morar na cidade ou no campo? () Campo () Cidade

30. Por que? _____

31. Quanto aos seus momentos de lazer, você acreditava que mudando para cidade aumentou as possibilidades? () No campo eu tinha mais atividades de lazer () Na cidade eu tenho mais atividades de lazer () Minha migração para a cidade não alterou em nada minhas atividades de lazer

32. Como você avalia a situação dos seus amigos/colegas/parentes, com idade próxima à sua, que seguem no meio rural? _____

33. Acredita que eles estão melhor que anos atrás? () Sim () Não

34. Os jovens que seguem vivendo no campo estão melhor que os outros que foram para a cidade? () Sim () Não

35. Na sua opinião, esta migração de jovens do meio rural pode causar limitações para a comunidade? () Sim () Não

36. Você acredita, a partir da conversa com amigos e vivências, que está ocorrendo um êxodo rural de jovens em Serranópolis do Iguaçu? () Sim () Não

37. Maiormente de homens, mulheres ou na mesma proporção? () Homens () Mulheres () Mesma proporção

Quem tem mais valorização no meio rural de Serranópolis do Iguaçu? () Homens () Mulheres () Ambos tem a mesma valorização

38. "Nas pequenas propriedades rurais, o homem desempenha as funções relacionadas à produção, principalmente no plantio para comercialização, e a mulher desempenha as atividades relacionadas ao cuidado da casa, da família e da produção

para autoconsumo." Ao relacionar a frase acima com aspectos locais do meio rural de Serranópolis do Iguaçu, você concorda que no município essa frase se encaixaria perfeitamente com a realidade atual da maioria das famílias? () Concordo () Discordo

39. Sob seu ponto de vista, no meio rural, são os homens quem tem mais poder nas decisões familiares em Serranópolis do Iguaçu? () Sim () Não

40. As mulheres ficam em desvantagens no processo sucessório no meio rural de Serranópolis do Iguaçu? () Sim () Não

41. Se sim, por quê? _____

42. A falta de valorização do trabalho feminino no meio rural de Serranópolis do Iguaçu estimula as jovens a migrarem para o espaço urbano? () Sim () Não () Talvez () Não há falta de valorização do trabalho feminino no meio rural de Serranópolis do Iguaçu

43. Pensa em seguir a profissão dos pais? () Sim () Não

44. Você tem alguma intenção de voltar a morar no meio rural? () Sim () Não

45. Qual fator determinante para você voltar a morar no meio rural? () Ter a propriedade do lugar onde vive () Ter participação na gestão da propriedade () Ter que cuidar da família () Ser dono do próprio negócio () Melhor valorização do trabalho () Ter um trabalho fora da agricultura Outro: _____

46. Com a pandemia da Covid-19, você acha que? () Aumentou a migração de jovens rurais para cidade () Estimulou o retorno dos jovens para o campo () Não teve mudança nesse aspecto

47. Caso gostaria de deixar algum comentário sobre o tema, fique à vontade:
